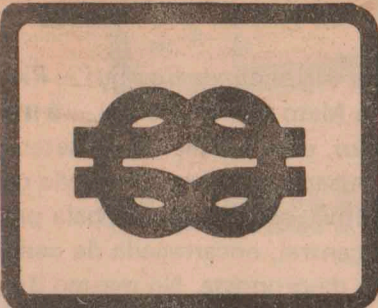


ANTROPOLÓGICO



COTRIJORNAL

ANO 12

- IJUÍ, SETEMBRO DE 1984 -

Nº 118



Ervino Kuchak, de Ijuí, fez as malas em setembro e viajou ao Mato Grosso do Sul como novo arrendatário

ARRENDATÁRIOS

Quem ainda se atreve a abrir o cerrado para plantar em terra alheia?

Páginas 14 a 18

Perspectivas

O que se espera do verão?

Produtor está alarmado com os custos e pode reduzir o uso de insumos

Páginas 6 e 7



Produto fica sem comprador até o final do mês de outubro

Trigo: suspensão comercialização

Página 11

Desmembramento

Comissão sugere reformas

Mudanças administrativas passam a fazer parte dos debates nas regionais

Última página

COOPERATIVA REGIONAL
TRITICOLA SERRANA LTDA.



Rua das Chácaras, 1513
Caixa Postal 111 - Ijuí, RS
Fone: PABX - (055) 332-2400
Telex: 0552199

CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRA N° 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO

Diretoria Executiva

Presidente:

Ruben Ilgenfritz da Silva

Vice-presidente:

Arnaldo Oscar Drews

Superintendente:

Clóvis Adriano Farina

Diretores Contratados:

Euclides Casagrande, Nedy Rodrigues Borges, Oswaldo Olmiro Meotti, Valdir Zardin, Rui Polidoro Pinto, Bruno Eisele, Renato Borges de Medeiros, Vilmar Hendges, Lurdes Froemming, Lotário Beckert, Tânio Bandeira, Abu Souto Bicca e Rui Razzoni.

Conselheiros (Efetivos)

Waldemar Michael, Walter Luiz Driemeyer, Arnaldo Hermann, Telmo Rovero Roos, Joaquim Librelotto Stefanello, Reinhold Luiz Kommers.

Conselheiros (Suplentes)

Rodolfo Gonçalves Terra, Euclides Marino Gabbi, Constantino José Goi, Vicente Casarin, Ido Marx Weiller, Erni Schünemann.

Conselho Fiscal (Efetivos)

Leonides Dallabrida, Aquilino Bavaresco, João Alberto Blanco.

Conselho Fiscal (Suplentes)

Paulino Angelo Rosa, Delarmando Portolan, Luiz Neri Beschorner.

Capacidade em Armazenagem:

LOCAL	INSTALADA
Ijuí	164.000 t
Ajuricaba	33.000 t
Augusto Pestana	33.000 t
Chiapetta	60.000 t
Cel. Bicaco	40.000 t
Sto. Augusto - Sede	77.000 t
Sto. Augusto - Esq. Umbú	50.000 t
Ten. Portela	60.800 t
Jóia	67.000 t
Rio Grande	220.000 t
Dom Pedrito	91.000 t
Maracajú - Sede	65.000 t
Maracajú - Vista Alegre	17.000 t
Sidrolândia	52.000 t
Rio Brilhante	29.000 t
Dourados - Sede	82.000 t
Itaum (Dourados)	25.000 t
Indápolis (Dourados)	17.000 t
Douradinha	17.000 t
Caarapó	17.000 t
Ponta Porã - Posto Guaíba	42.500 t
Ponta Porã	29.000 t
Itaporã - Montese	17.000 t
Campo Grande - Anhanduí	17.000 t
Aral Moreira - Tagi	17.000 t
Bonito	17.000 t



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 18.500 exemplares

Associado da ABERJE



Associado da

AJOCOOP
Associação dos Jornais e Revistas de Cooperativas

Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do município de Ijuí, sob número 9.

Certificado de marca de propriedade industrial M/C11 número 022.775 de 13.11.73 e figurativa M/C11 número 022.776, de 13.11.73.

REDAÇÃO

Dária C. Lemos de Brum Lucchese
Moisés Mendes

Composto no Jornal da Manhã, em Ijuí e impresso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

Ao leitor

Agricultura do Mato Grosso do Sul deve muito aos arrendatários. Foram eles — na maioria gaúchos — que, deixando áreas de minifúndio, introduziram a lavoura modernizada no Estado. Muitos conseguiram depois comprar terras, no tempo em que não havia estradas por perto, e que a infra-estrutura em geral era precária. Nessa época, na década de 70, eles exploravam terras alheias e pagavam aos arrendadores com o seu trabalho: abriam o cerrado e devolviam grandes espaços com pastagem formada. Hoje, a situação é outra. Desde o início desta década, os arrendadores estão cobrando na base de sacas de soja, e a lavoura explorada desta forma vai ficando inviável. A soja é a nova "moeda" em circulação num Estado onde a agricultura, que já não oferece muitas compensações aos proprietários, deixa de ser atrativa para os arrendatários. Este assunto é abordado a partir da página 14.

Para os menos otimistas, a novidade não chega a ser surpresa. Mas para quem ainda continuava apostando, meio que por birra, na propriedade agrícola, a nova situação enfrentada pelos triticultores é de espantar. Surpreendendo ou não, a verdade é que faltou dinheiro para a comercialização da safra de trigo do país, agora em outubro. Houve estouro no orçamento do Banco do Brasil, e o Banco Central não autorizou a suplementação de recursos. E tudo isso aconteceu porque — segundo o Banco Central — não pode ser desprezada a meta que estabeleceu limites para a expansão da base monetária, do dinheiro posto em circulação. A receita, mais uma vez, é do FMI, o Fundo Monetário Internacional, que vem há tempos dizendo o que se deve fazer para que o Brasil, mesmo com recessão, desemprego e menor produção agrícola, pague os seus credores. Em novembro, se o Fundo deixar, a comercialização talvez venha a ser normalizada. Página 11.

Do leitor

TRABALHO EXCELENTE

Sou estudante de agronomia da Pontifícia Universidade Católica de Uruguaiana e assíduo leitor do Cotrijornal. É justamente como leitor que quero parabenizá-los pelo excelente trabalho desempenhado por este jornal no setor agrícola.

Na vida estudantil a procura de conhecimentos e técnicas é incessante e, com sinceridade, acho que o trabalho que vem sendo mostrado pelo Cotrijornal é maravilhoso. Meus sinceros votos para que este nível permaneça por tempo indeterminado. Essa postura só vem trazer benefícios, principalmente para que nós, técnicos, possamos contribuir mais e melhor na solução dos problemas que a agricultura vem enfrentando.

Também aproveite a oportunidade para comunicar que mudei de endereço, que de agora em diante passa a ser: Rua Antônio Monteiro, 2.605, Bairro São Miguel. Certo de que meu pedido será atendido, agradeço.

José Carlos Pinto
Uruguaiana - RS

MUDANÇA DE ENDEREÇO

A fim de continuarmos a manter o intercâmbio entre nossas publicações, informamos que, a partir do início deste mês, devido à mudança de endereço da Revista Comind, as correspondências deverão ser endereçadas à:

REVISTA COMIND

Av. Alphaville, 1.500 - Piso 2
06400 - Barueri - SP

ORÇAMENTO PARA ANÚNCIOS

Estamos solicitando sua tabela de preços ou orçamentos para estudos de veiculação de anúncios dos nossos produtos.

Para melhor apreciação do assunto, necessitamos de um exemplar do Cotrijornal, acompanhado de informações quanto à periodicidade, tiragem e região de abrangência e, se possível, características econômicas da região e perfil dos seus assinantes e leitores.

Sendo o que se oferece para o momento, subscrevemo-nos atenciosamente
Laudemar de Amorim
Gerente Geral de Vendas e Marketing - IMEVE
Jaboticabal - SP

MATERIAL INFORMATIVO

Estou escrevendo para solicitar a esta Cooperativa material informativo — revistas, jornais, folhetos. Como sou estudante, gostaria de receber uma assinatura

do Cotrijornal.

Certo da compreensão, aproveito a oportunidade para expressar meus votos de consideração.

José Marconi Pereira
Natal - RN

A assinatura do Cotrijornal tem o custo anual de Cr\$ 7.000. Este valor deve ser enviado em cheque nominal para a Cooperativa Regional Tritícola Serrana Ltda.

- Cotrijornal - Rua das Chácaras, número 1513 (Caixa Postal 111) Ijuí - RS - CEP 98.700.

HOSPITAL BOM PASTOR S/A.

Av. David José Martins, 1.376 - IJUÍ - RS -
Ao lado da Rádio Repórter - Fone 332-2690

ESTÁ ABERTO A TODA A COMUNIDADE

- Internações em caráter: PARTICULAR, IPE, UNIMED, INPS e FUNRURAL
- Atendimento médico nas áreas de: CLÍNICA MÉDICA, CIRURGIA, PEDIATRIA, GINECOLOGIA e OBSTETRÍCIA, TRAUMATOLOGIA E ORTOPIEDIA.
- Serviço de ENDOSCOPIA e ENDOFOTOGRAFIA DIGESTIVA

- PLANTÃO MÉDICO: Consultas nas 24 horas do dia, inclusive sábados, domingos e feriados.



COTRIJORNAL

Os maiores e melhores

Cotrijuí é a terceira empresa do Estado

A Cotrijuí continua no topo, entre as maiores empresas privadas do país, conforme levantamento agora publicado pela revista Exame, com dados relativos ao exercício de 1983. Este trabalho, "Melhores e Maiores", que a revista repete anualmente, indica a Cotrijuí na posição número 59, considerando-se a lista geral das 500 maiores, e tendo as vendas de 83 como referência. Por setor, na agropecuária a Cooperativa está em segundo lugar no país, também levando-se em conta a receita operacional bruta do ano passado. Em primeiro, na lista geral, aparece a Shell, seguida da Souza Cruz, da Esso e da Volkswagen. Todas as quatro têm controle acionário estrangeiro. A primeira empresa brasileira a surgir na lista, em quinto lugar, por vendas, é a Copersucar. A Cotrijuí, que está em segundo lugar no setor da agropecuária, com receita de 160 bilhões, perde apenas para a Cotia, de

São Paulo. Mas esta é a maior cooperativa central, e por isso a Cotrijuí continua sendo a maior cooperativa singular do país. A Cotrijuí é também, por vendas, a terceira maior empresa gaúcha, perdendo apenas para a Varig e a Distribuidora de Petróleo Ipiranga. A empresa do setor agropecuário — dominado pelas cooperativas — com melhor desempenho em 83, é a Coamo — Cooperativa Mourãoense, de Campo Mourão, no oeste do Paraná, que teve uma sobra líquida de 28 bilhões e meio de cruzeiros. A receita da Coamo, para atingir bons resultados, já vem sendo seguida por outras organizações do setor: buscar de todas as formas a capitalização, com recursos próprios, para não depender de empréstimos, e investir em recursos humanos, nas áreas técnica e administrativa. A Coamo tem 20 mil associados, e sua receita em 83 foi de 134 bilhões.



A torcida quer jogar

O pessoal da cidade, que foi ao estádio Beira-Rio, no dia 2 de outubro, para o "Grito do Campo", meio que se surpreendeu com a apatia, o silêncio dos agricultores, antes do início dos discursos. As músicas apresentadas por alguns dos melhores nomes da arte gaúcha falavam de protestos, de reforma agrária, de "Hora da virada", mas não empolgavam o povo. Afinal, em dia de Jogo, antes do time entrar em campo a torcida ensaia aplausos e vaias. Durante o show nativista isso não aconteceu, e o povo da cidade passou a acreditar que faltava empolgação. Pois não faltava. Os agricultores ergueram faixas e cartazes,

soltaram papel picado e foguete e, principalmente, aplaudiram e vaiaram, quando líderes do setor e políticos subiram à tribuna. Guardaram as forças para o momento mais importante do encontro, e provaram que podem sacudir o Beira-Rio, como em dia de Grenal.

Muitos deles (como estes da foto acima) levaram cartazes com palavras soltas, com apelos que nem todos puderam entender, mas cumpriram sua parte. Os agricultores gaúchos provaram não só que conseguem fazer tudo o que uma torcida faz, mas que podem também ir bem mais longe. Querem aplaudir, vaiar e também jogar.

Cuidado com a euforia

Os agricultores que ainda não entraram na produção de laranja devem ter cautela, se pretendem tirar proveito da situação. Depois da geada que atingiu as plantações da Flórida, e agora, com o ataque do cancro cítrico, que comprometeu a produção dos Estados Unidos, há quem pense em ganhar dinheiro com a laranja. Certamente, muitos ganharão, mas estes já estão na atividade. Um produtor de Bebedouro, em São Paulo, Abel Toller, recomenda ao pessoal de outras regiões que ninguém seja afoito. Bebedouro é o principal citricultor do país, e ali um alqueire, com 500 pés de laranjeiras, custa hoje Cr\$ 50 milhões. São as terras mais caras do Brasil, em função dos bons preços conseguidos pela laranja brasileira. Mas Toller — que colheu 450 mil caixas de laranja este ano, lembra que os novos pomares somente irão produzir quando o mercado não mais estiver tão atrativo. Por isso, ele diz que a pressa de quem pretende ganhar dinheiro com o produto, nos próximos anos, pode resultar em frustração. Afinal, os preços da laranja são atualmente convidativos para quem vende, e alarmantes para quem compra. O produto de melhor qualidade, procedente de Porto Alegre, à venda no varejo em Ijuí, está ao redor de Cr\$ 130,00 a unidade. Uma bergamota, da mesma procedência, está por Cr\$ 200,00. O cítrico mais barato hoje é a laranja colonial, da própria Região Pioneira, vendido em saquinhos de três quilos a Cr\$ 1.000,00. Mas esta laranja colonial dentro de pouco tempo irá desaparecer do mercado. (Em sua próxima edição, o Cotrijournal volta a falar de laranja, com uma avaliação da safra deste ano na Região Pioneira e outras informações que interessam aos citricultores e aos que pretendam entrar na atividade com o objetivo de ganhar dinheiro).

Sucam insiste com o BHC

A Sucam — Superintendência de Campanhas do Ministério da Saúde, ainda não se deu por vencida. Em agosto, o órgão teve de suspender a aplicação do inseticida BHC, em Ijuí e outros municípios da região, por causa de um movimento de várias entidades e da reação dos agricultores. O veneno, para combater o barbeiro, inseto transmissor da Doença de Chagas, é altamente tóxico. Mas o diretor da Sucam no Estado, o médico Antonio Alves Pereira da Silva, já anuncia que a campanha deve ser retomada nos municípios onde foi suspensa, como é o caso de Santo Ângelo e Ijuí. Em Santo Ângelo, a Câmara de Vereadores tentou evitar a aplicação do BHC nas residências, através de mandado de segurança. Mas a Justiça não aceitou o mandado. O diretor da Sucam aguarda agora apenas uma ordem da

Superintendência, em Brasília, para que a campanha contra o barbeiro continue, possivelmente nos próximos meses. "Temos a lei do nosso lado", afirma ele. Antes de retomar a campanha, ele pretende desenvolver um movimento de conscientização dos agricultores sobre a necessidade da aplicação do BHC, e para isso espera contar com o apoio da Emater. "Não podemos suspender o combate ao barbeiro por questões emocionais", diz o médico, que continua a repetir o que afirmou em Ijuí, numa reunião na Câmara, dia 17 de agosto: o BHC não causa maiores problemas à saúde, quando bem aplicado. Toxicologistas que estudaram o assunto não dizem a mesma coisa, e garantem que o veneno pode causar câncer, anemia e outras complicações no fígado, rins e sistema nervoso.

Juntar gente pra quê?

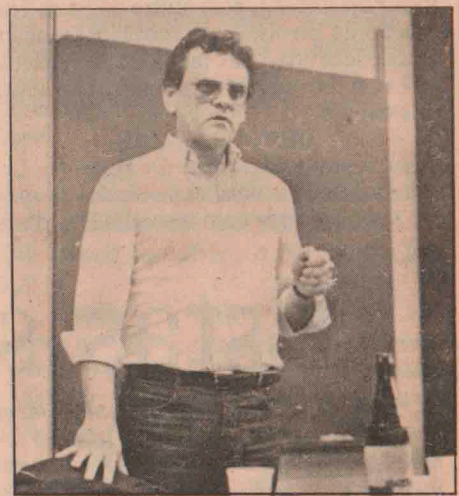
Quem pensa que o "Grito do Campo" foi um encontro que ganhou apoio unânime dos agricultores, dentro e fora do Rio Grande do Sul, está enganado. Pode parecer absurdo, mas teve lideranças do setor agropecuário criticando o movimento organizado pela Fecotriga. O presidente da Confederação Nacional da Agricultura, Flávio Brito, disse que "não é preciso ficar juntando gente para reivindicar o que nós aqui em Brasília não

conseguimos". Brito deve ter encarado o "Grito" como um movimento de reivindicação, que na verdade não foi nada disso, como a Fecotriga fez questão de ressaltar. O movimento foi de tomada de posição, e por isso nitidamente político. O presidente da Confederação não foi convidado a participar do encontro no Beira-Rio. Se tivesse sido, de qualquer forma, certamente não compareceria.

As briguinhas aplaudidas

"As autoridades não querem resolver os nossos problemas, e até gostam que os dirigentes sindicais fiquem brigando por pequenas coisas, por uma fichinha médica". Observação de Lauro Antonio Brum, novo presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tenente Portela. Ele foi empossado no final de setembro, e substituiu Walter José Irber. Lauro pretende dinamizar o sindicato,

para que a entidade represente de fato os produtores do município. Ele reconhece que o sindicalismo está hoje "numa encruzilhada" e se convenceu de que "apoio de cima, das autoridades, não podemos ficar esperando". Lauro promete ainda não se transformar num sindicalista de gabinete, pois pretende estimular a participação das bases "nas pequenas e grandes decisões".



Roberto Schol

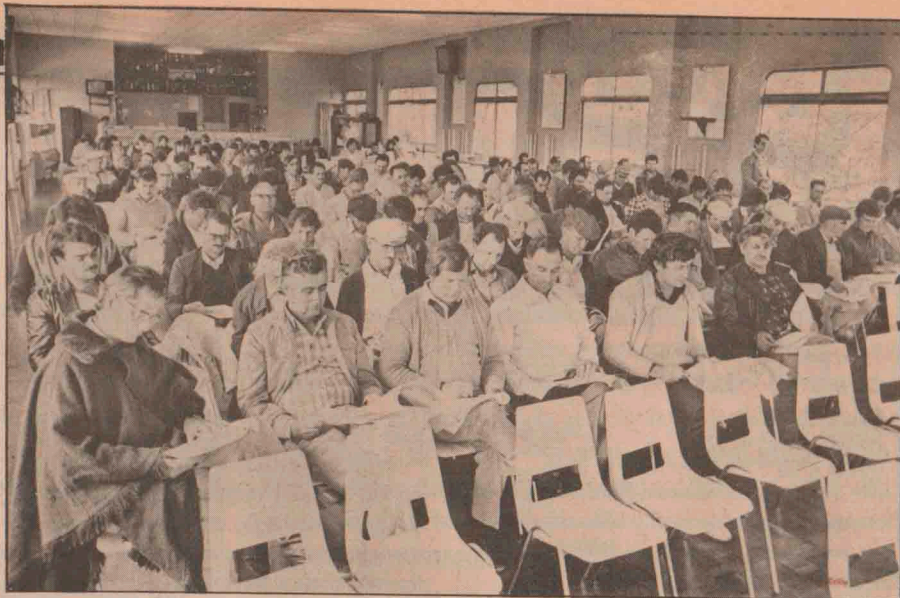
Unificação de critérios

Pela segunda vez em apenas um ano, esteve em Ijuí, Roberto Paulo Schol da Silva, responsável pela análise dos pedidos de Proagro da Agência do Banco Central em Porto Alegre. Acompanhado de Amário Mombach, gerente do Banco do Brasil, Agência de Ijuí, Schol participou de uma reunião, no final do mês de setembro, com funcionários da Cotrijuí dos setores técnico, financeiro e administrativo e, também com representantes de bancos, escritórios de planejamento e da Emater da região. A assistência técnica sempre foi os olhos e os ouvidos do Banco Central, disse Schol ao discutir critérios de unificação na utilização do seguro Proagro para a safra de trigo em andamento e futura lavoura de soja. Entre as tantas orientações e dúvidas que foram levantadas, Schol lembrou que o Proagro — seguro de crédito e que, portanto, só existe havendo crédito — não cobre as perdas por falta de tecnologia adequada. "A circular 706 que libera o uso da semente fiscalizada, em momento algum, elimina a assistência técnica", fez questão de deixar claro ao ser indagado sobre perdas na lavoura em consequência do emprego de tecnologia inadequada.



Estrutura do Poder revitaliza o trabalho dos núcleos e amplia participação do associado

Fortalecendo a base e o voto



Assembléia aprovou o novo texto, que agora depende de parecer do INCRA

A Estrutura do Poder, que a Cotrijuí vinha exercitando desde 1979, já faz parte do estatuto da Cooperativa. As normas foram aprovadas inicialmente em plebiscito realizado dia 21 de agosto, em toda a área de ação, na Região Pioneira, em Dom Pedrito e no Mato Grosso do Sul, e ratificadas na assembléia extraordinária do dia 28 de setembro. A assembléia, com a participação de mais de 100 representantes das três regionais, aconteceu em Ijuí, na sede da Afucotri, e apenas cumpriu uma formalidade legal.

A leitura do novo texto do estatuto, com as mudanças agora introduzidas foi feita pelo presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva. Os representantes que receberam cópias do texto, acompanharam a apresentação de cada artigo do estatuto, que já era, afinal, do conhecimento de todos. Não houve debate em torno do assunto, pois muito antes da realização do plebiscito as inovações vinham sendo debatidas, em reuniões de núcleos, e foram introduzidas levando em conta este debate.

DEMOCRATIZAR

A nova Estrutura do Poder da Cotrijuí consolida uma experiência de quatro anos, iniciada com o surgimento da fi-

gura do representante, eleito pelos próprios associados, e que desde 1979 vem atuando como porta-voz das localidades. É a partir do trabalho do representante que se viabiliza uma série de instrumentos capazes de aproximar o produtor ainda mais da Cooperativa, democratizando suas decisões, desde as pequenas questões, até as deliberações mais complexas, tomadas em assembléias.

O mais importante, no entanto, como ressalta o diretor de Comunicação e Educação, Rui Polidoro Pinto, é que antes das decisões serem tomadas, os representantes cumprirão com uma tarefa decisiva, promovendo a troca de idéias em seus núcleos. É através deste trabalho que o associado poderá acompanhar mais de perto, e de forma permanente, tudo o que acontece na Cooperativa, no seu dia-a-dia, e contribuir para que a postura da Cotrijuí reflita a posição de seu quadro social.

O novo estatuto é o reflexo de iniciativa pioneira da Cotrijuí nesta área, onde outras cooperativas também vêm buscando, nos últimos anos, democratizar suas atividades. O texto aprovado na assembléia do dia 28 será encaminhado ao INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, órgão fiscalizador

das cooperativas, em Brasília. O INCRA examinará as mudanças introduzidas, devendo se manifestar pela aprovação ou não do estatuto dentro de um prazo de 60 dias.

INTERESSE

Com a fiscalização da Estrutura do Poder (veja abaixo uma síntese explicativa das mudanças), deverá crescer o interesse que a experiência da Cotrijuí vem despertando. Em sua edição de janeiro/fevereiro deste ano, a Revista Brasileira de Tecnologia, editada em Brasília, dá uma amostra desta atenção. Carlos Michiles, coordenador de Programas de Pesquisa de Cooperativismo e Trabalho do CNPq (Conselho Nacional de Pesquisa e Tecnologia), publica um artigo em que aborda o assunto.

Michiles comenta a Estrutura do Poder na Cotrijuí, a partir do livro do sociólogo Telmo Frantz, da Fidene, "Cooperativismo Empresarial e Desenvolvimento Agrícola - o Caso da Cotrijuí", destacando que a questão da maior participação dos associados em todas as cooperativas é hoje um desafio. Michiles afirma: "Ou se encontram maneiras de engajamento dos associados como verdadeiros sócios das cooperativas, e assim se dis-

põe de maiores possibilidades para enfrentar a crise, ou então privilegia-se o aparato técnico-burocrático-administrativo da cooperativa, levando ao seu fatal esvaziamento, em função da evasão de seus membros".

DIMENSÃO SOCIAL

Segundo Carlos Michiles, a experiência da Cotrijuí se reveste da "maior complexibilidade e importância", por enfatizar a necessidade de se entender uma cooperativa como organização onde se deve ter "como princípio a dimensão social". Esta organização - diz ele - ao contrário de outras empresas meramente capitalistas, pertence, afinal "ao conjunto de trabalhadores e usuários sócios".

Carlos Michiles conclui o artigo com esta observação: "Embora aparentemente tudo isso pareça apenas um elenco de princípios, sem viabilidade no plano real, o trabalho em foco mostra que a experiência da Cotrijuí, em busca de um novo pacto social interno entre seus membros-sócios, é algo palpável, desde que a participação organizada de baixo para cima se configure como norma exercitada a nível da prática cotidiana da cooperativa, e não apenas como um discurso formal e jurídico".

Estas são as mudanças no estatuto

As novidades que passam a fazer parte do estatuto social da Cotrijuí já foram bastante discutidas, e são do conhecimento dos associados. Desde o momento em que se programou o plebiscito sobre a Estrutura do Poder, estas mudanças passaram a ser analisadas em conjunto com os produtores, como resultado do debate proporcionado pela nova Estrutura do Poder. Por isso, elas já foram assimiladas pelos associados, mesmo porque muitas dessas inovações já vinham sendo colocadas em prática, como experiência.

Quem ainda não está bem por dentro das alterações verá que o novo estatuto não é tão complicado como possa parecer, se acompanhar as explicações que vamos publicar abaixo. O texto do estatuto, com muitos artigos e parágrafos, à primeira vista dá uma idéia de matéria muito técnica e até complexa. Mas, na verdade, as novidades são bem claras, conforme esta síntese tirada do estatuto aprovado dia 28 de setembro.

● **Assembléias gerais.** As assembléias ordinárias, que se realizam todo ano, vinham sendo abertas à participação de todos os associados, até 1979, e todos tinham direito a voto. A partir de 79, quando a Estrutura do Poder foi implantada, ainda como experiência, somente os representantes passaram a ter direito a voto. Mas, de qualquer forma, todos os associados podem assistir as assembléias e participar das discussões. Nestas assembléias, se analisam o relatório do exercício anterior, o balanço, as prestações de conta, enfim, tudo o que se relaciona com o último exercício. Outras decisões mais rotineiras, como autorização para que a diretoria contrate empréstimos ou realize



A mesa que dirigiu os trabalhos, numa reunião em que não houve debates

a venda de bens da Cooperativa, também podem ser votadas nestas assembléias, que elegem igualmente os novos integrantes do Conselho Fiscal. A cada início de ano, o Conselho Fiscal é renovado em dois terços, com a indicação de dois novos conselheiros, pelo voto dos representantes. Mas nem sempre, estes conselheiros, pelo voto dos representantes. Mas nem sempre estes conselheiros serão indicados apenas pelos representantes, como se verá a seguir.

● **Eleição dos Conselhos de Administração e Fiscal.** O Conselho Fiscal é renovado, anualmente, em dois terços, como se viu antes. E o Conselho de Administração de três em três anos, com renovação de pelo menos um terço, ou seja, três novos conselheiros efetivos. Quando a eleição do Conselho Fiscal

coincidir com a eleição do Conselho de Administração, todos os associados poderão votar, e não só os representantes. O voto será secreto, e a assembléia geral irá durar o tempo necessário para votação. Isso acontecerá em março do próximo ano, quando deve acontecer a renovação do Conselho de Administração. Naquela data, os associados irão votar para escolha de pelo menos três novos conselheiros de Administração, e dois novos conselheiros Fiscais. Também serão eleitos o presidente, o vice e o superintendente da Cooperativa. As chapas, nestas eleições deverão ser inscritas com antecedência mínima de cinco dias da realização da assembléia, e subscritas por pelo menos 15 associados.

● **Assembléias extraordinárias.** As assembléias extraordinárias serão convocadas sempre que uma determinada pro-

posta do Conselho de Administração exigir a manifestação dos associados. Ela será integrada pelos representantes, no caso, por exemplo, de reforma dos estatutos, como aconteceu agora, com a aprovação da nova Estrutura do Poder. Mas, na maioria dos casos, a assembléia extraordinária terá o voto de todos os associados, e este voto será secreto. Isso acontecerá quando de fusão, incorporação ou desmembramento, mudanças de objetivos ou dissolução voluntária da sociedade. Para que sejam aprovadas as questões em votação, serão necessários dois terços dos votos dos presentes. Para que se dê um exemplo, no caso do desmembramento das regionais ser posto em votação, esta proposta somente estará aprovada com dois terços dos votos dos que participarem do plebiscito.

● **Eleição de representantes.** Os representantes serão eleitos a cada três anos, em toda a área de ação da Cotrijuí, na proporção de um para cada grupo de 150 associados. A eleição será por voto secreto do associado ou sua esposa. Os representantes, como já vem ocorrendo desde 1979, irão atuar como elo de ligação entre suas bases, seus núcleos, e a direção da Cooperativa, debatendo questões de interesse dos associados e cumprindo também a atribuição de ser uma espécie de órgão consultivo dos conselhos de Administração e Fiscal (veja o regimento interno ao lado). Os representantes são, aliás, os principais motivadores de todas estas mudanças introduzidas no estatuto social da Cotrijuí, com o objetivo de oportunizar uma maior participação do associado na vida da Cooperativa e democratizar suas decisões.



As tarefas dos representantes

O Regimento Interno é um documento que complementa as normas do estatuto social. É neste Regimento, também aprovado na assembléia do dia 28 de setembro, que estão bem explicadas as atribuições dos representantes. O documento trata ainda de todos os aspectos relacionados com a realização das assembléias na Cooperativa, e também das eleições para os conselhos de Administração e Fiscal. Abaixo, na íntegra, o texto do Regimento Interno:

REGIMENTO INTERNO

Aos representantes eleitos são delegadas funções de representatividade do corpo social junto ao conselho de Administração da Cooperativa, de assuntos de cunho político, social, econômico, dentre os quais destacamos:

Função dos Representantes:

Artigo 01 — É função dos Representantes ouvir os associados nas bases, através de reuniões e contatos, informando-se e conhecendo seus problemas e necessidades, bem como a situação da Cooperativa. Analisar esta situação com os associados e funcionários e com eles traçar planos, tendo como base de atuação a Unidade, podendo ainda, representar associados de outras áreas.

Artigo 02 — Ser órgão consultivo dos Conselhos de Administração e Fiscal, sempre fiel às bases.

Artigo 03 — Organizar-se por núcleos em cada Unidade recebedora, a fim de permitir uma representação de todos os associados. Para tanto, poderão existir líderes de núcleos que se reúnem quando necessário, mesmo que não tenham a função de representantes eleitos, mas com estes busquem discutir, analisar e sugerir mudanças a nível de Unidade.

Artigo 04 — Organizar-se por regiões que lhes permitirão, com os Conselheiros, convocar reuniões com a Diretoria Regional e sua Administração a nível de Diretoria e/ou a nível de Unidades Recebedoras para o fim de analisar investimentos, contas, avaliar serviços, propor alternativas a nível de Unidades, Regiões e Conselhos. Deverão, também, realizar no mínimo, uma reunião anual com todos os Representantes regionais, a qual se seguirá outra reunião com a presença dos Conselhos de Administração e Fiscal.

Parágrafo Único — As convenções previstas neste Artigo sempre serão efetuadas pelo mínimo de 50% (cinquenta por cento) dos Representantes.

Artigo 05 — Representar os demais associados em todos os assuntos que lhe digam respeito, exceto eleição dos membros do Conselho de Administração.

Parágrafo Único — Discutir o balanço de encerramento do exercício, juntamente com o auxílio de técnicos, com os demais associados nas reuniões de núcleo. Para tanto, o balanço deverá ser entregue aos Representantes, com uma antecedência mínima de 30 dias da Assembléia Geral.

Artigo 06 — Organizar chapa ou chapas para a eleição do Conselho de Administração e Conselho Fiscal.

Da Representação nas Assembléias:

Artigo 07 — Antes das Assembléias,



Em março, o produtor volta a votar, para indicar os novos conselheiros

deverão ser encaminhados às Unidades, os assuntos a serem tratados na Assembléia, através dos Representantes e Conselheiros, a fim de serem discutidos. Das reuniões deverão ser lavradas atas, as quais serão levadas ou comunicadas às reuniões de Representantes, Conselheiros e/ou, também às Assembléias, se for o caso.

Artigo 08 — Nas Assembléias Gerais Ordinárias de decisão sobre balanço, investimentos, patrimônio e serviços, somente os Representantes eleitos terão direito a voto. Os demais associados poderão assistir, participar e discutir na Assembléia, sem direito a voto.

Do processo Eleitoral para votação de chapa (s)

Artigo 09 — Os Representantes deverão divulgar a nominata dos componentes das chapas, pelo menos quinze dias antes do início da votação, fixando-a nos quadros de avisos das Unidades.

Artigo 10 — Em tempo hábil providenciar a composição das mesas receptoras de votos, com pelo menos, dois associados e um funcionário para cada mesa.

Artigo 11 — Com o auxílio do Departamento de Comunicação e Educação e Gerentes de Unidades, providenciar no material necessário para a realização da votação (urnas, cédulas, listas de votação e outros materiais de controle).

Artigo 12 — Para facilitar o exercício do voto, as urnas deverão permanecer, por um dia, em todas as Unidades da Cooperativa e outras localidades do interior a critério dos Representantes e Conselheiros.

Artigo 13 — Formação de uma comissão de, pelo menos três associados em cada Unidade para acompanhar, escrutinar, fiscalizar as urnas e divulgar os resultados da votação, por Unidade.

Artigo 14 — O escrutínio se processará em cada Unidade, imediatamente ao encerramento da votação, ou seja, a partir das 18 horas do dia da eleição.

Artigo 15 — Cada comissão, por Unidade, conforme descrita no Artigo 13, convidará para o escrutínio, um Representante de autoridade local, caso não haja representantes dos órgãos de fiscalização do Cooperativismo.

Artigo 16 — Encerrado o escrutínio, os resultados serão comunicados imediatamente à Comissão Central, que no reinício da Assembléia Geral, computará

os votos e proclamará os resultados finais, dando posse imediata aos eleitos.

Parágrafo Único — A Comissão Central será formada de, no mínimo três associados, mais Representantes de outras entidades (Sindicatos, Associações vinculadas à agricultura), mais um Representante do INCRA e/ou OCERGS.

Artigo 17 — O material que for utilizado para a realização das eleições em cada Unidade, tais como: cédulas de votação, listas de votantes e relatórios, deverão ficar arquivados nas Unidades até a Assembléia seguinte. As atas serão recolhidas à Secretaria Geral da Cooperativa.

Artigo 18 — Quando da renovação anual, prevista no Estatuto, de parte do Conselho Fiscal, caberá aos Representantes elegê-lo.

Artigo 19 — A eleição dos Representantes se realizará de 3 (três) em 3 (três) anos. A votação será fixada no período compreendido entre agosto e outubro.

Dos associados aptos a votar e serem votados

Artigo 20 — Somente poderão votar e serem votados, os associados que tenham entregue sua produção à Cooperativa, no último exercício anterior ao das eleições.

Artigo 21 — Os associados votarão na Unidade de sua jurisdição, salvo casos especiais, que a critério da mesa receptora, poderão votar fora de sua Unidade.

Artigo 22 — Para identificação do associado junto a mesa, é necessária a apresentação da Carteira Social e que seu nome conste na lista de votação dos aptos a votar.

Artigo 23 — Os associados em trânsito somente votarão em outra Unidade com a apresentação da Carteira Social e desde que preencham todos os requisitos deste Regimento.

Parágrafo Único — Seus nomes constarão em separado na ata de votação.

Artigo 24 — Não poderão votar nem serem votados os associados que não estejam no gozo de seus direitos e aqueles que também sejam funcionários da Cooperativa.

Artigo 25 — Também são inelegíveis, como Representante, embora tenham direito a voto, os atuais membros do Conselho de Administração, do Conselho Fiscal.

Da composição das mesas receptoras e controle de votação:

Artigo 26 — Aos Representantes, juntamente com a Direção (Gerentes e Departamento de Comunicação e Educação) da Cooperativa, incumborá, em reunião a ser realizada numa ou mais Unidades da COTRIJUI, definir a composição das mesas receptoras de votos, localização das urnas e controle da votação.

Parágrafo Único — Para a eleição do Conselho de Administração, os procedimentos previstos no caput deste artigo deverão estar previamente definidos para serem apresentados e aprovados pela Assembléia Geral.

Do ato de votar:

Artigo 27 — A apresentação da Carteira Social, pelo associado, é condição essencial do ato de votar e deverá ser carimbada com a data da votação e rubricada por um mesário.

Artigo 28 — Havendo dúvida sobre a identificação do associado, poderá a mesa solicitar-lhe documentação que julgue necessária.

Artigo 29 — Será facilitado o acesso do votante à relação nominal dos elegíveis.

Artigo 30 — Identificado o associado votante, este assinará a folha de votação e receberá uma cédula rubricada por um dos mesários, na qual o eleitor escreverá o nome do associado a quem quiser destinar seu voto para elegê-lo Representante.

Artigo 31 — Para eleição do Conselho de Administração bastará assinalar na cédula, a chapa de sua preferência. A cédula deverá ser rubricada por um dos mesários.

Artigo 32 — Caso o associado não conste da folha de votação, lhe será possibilitado votar desde que comprove à mesa a entrega de produto no exercício anterior.

Artigo 33 — No caso de parceria, somente a um dos associados parceiros, será facultado votar. Caso recaia a escolha em um dos parceiros que também possua matrícula individual, a ele será facultado votar pela parceria e também pela sua matrícula.

Artigo 34 — Na votação para Representantes, caso ocorra de o voto se destinar a homônios (pessoas com o mesmo nome), haverá que se descrever na cédula o apelido, data de nascimento, número de matrícula ou outra característica que o identifique.

Artigo 35 — Na incapacidade de escrever, o associado votante poderá solicitar a um associado de sua confiança para escrever o nome de seu candidato, ao mesmo tempo em que colocará suas digitais na folha de votação.

Do escrutínio

Artigo 36 — Ocorrendo empate, fica eleito o associado de matrícula mais antiga.

Artigo 37 — Todo o voto que identifique, de qualquer forma, o associado votado, será válido.

Das normas gerais

Artigo 38 — Todas as ocorrências surgidas durante o processo eleitoral serão registradas em atas, cujos modelos serão previamente elaborados pelo Departamento de Comunicação e Educação.

Artigo 39 — Os casos omissos neste Regimento serão decididos pelos componentes das mesas receptoras e de escrutínio.

Como produzir com menos custos?

A redução no uso dos fertilizantes pode comprometer os rendimentos das lavouras de verão

Mesmo que ainda seja cedo para se fazer uma estimativa de área na região para a próxima safra de verão, já se fala em redução do uso de fertilizantes nas lavouras. Se esta redução for realmente confirmada, e tudo indica que sim, resta ao Rio Grande do Sul se preparar para colher uma safra bastante comprometida em termos de rendimento. O produtor tem contra a sua disposição de aumentar suas áreas com lavouras, os altos preços dos insumos, os preços mínimos muito aquém da realidade e os valores básicos de custo, sem condições de cobrir os custos de formação da lavoura (ver matéria sobre custos de formação das lavouras de verão na edição de agosto do Cotrijornal). O Renato Borges de Medeiros, agrônomo e diretor do Departamento Agrotécnico da Cotrijuí acredita que dentro desta situação que se apresenta, o produtor vai procurar ajustar seus recursos ao uso de insumos, mesmo em prejuízo da qualidade das lavouras. O uso de fertilizantes abaixo das necessidades, somados aos graves problemas de solo, ainda poderá puxar mais para baixo os rendimentos.

Com mercado garantido e preços melhores, a soja continua merecendo a atenção dos produtores e ganhando as melhores áreas. Portanto, é quase certo que a área de cultivo venha se manter nos mesmos níveis da do ano passado, quando apenas na Região Pioneira, foram plantados mais de 287 mil hectares, alcançando uma produtividade média de 1.799 quilos por hectare. Apenas a soja, ocupou na safra passada 75 por cento da área plantada. Na região do Mato Grosso do Sul, a situação parece permanecer equilibrada e acredita-se que a área com soja fique por volta dos 750 mil hectares cultivados no ano passado.

POUCA SAÍDA

Na região atendida pela Cotrijuí, o milho já está sendo plantado, e a área de 84 mil hectares cultivados na safra passada, não deverá ser a mesma. A redução na área pode ser confirmada pela saída de sementes, em torno de 180 mil quilos, contra os 271 mil quilos da safra anterior.

A mesma situação vem ocorrendo com a soja, só que a diminuição na aquisição de sementes não significa que o produtor esteja pensando em reduzir sua lavoura. Amparado pela circular 706, em vigor desde a safra 82, que libera o uso da semente própria, o produtor cada vez mais vem guardando a sua semente em ca-

sa, até mesmo, como forma de reduzir seus custos. Embora o plantio recém esteja começando, o Auri dos Santos Braga, responsável pela comercialização de sementes da Cotrijuí, acredita que os pedidos de sementes por parte dos produtores se situem por volta dos 111 mil sacos, contra os 184 mil comercializados na safra anterior. "Até que tivemos uma saída de semente muito boa", diz o Auri, dado inclusive a disponibilidade de dinheiro do próprio produtor.

Mesmo que essa nova postura em relação ao uso da semente própria por parte dos associados venha refletindo na Cooperativa, o Renato Medeiros garante que o produtor vem recebendo orientação para que conduza sua lavoura dentro dos padrões exigidos, com adubação adequada e semente de boa qualidade. "Temos inclusive sugerido aos produtores, que façam análise de sua semente, para se certificarem que ela está realmente dentro dos padrões desejados".

O feijão, mesmo sendo considerado uma cultura importante na alimentação, continua sendo uma lavoura de pouca expressão na região. A área cultivada na próxima safra não deverá ultrapassar aos 2.556 hectares do ano anterior. A saída de semente ficou em torno de 250 sacos. A cultura do arroz na região também fica nos mesmos níveis e acredita-se que sua área vá fechar em torno de 1.700 hectares plantado em 83. No Mato Grosso do Sul, onde foram plantados 191.730 mil hectares em 1983, ainda não existe uma estimativa de área. Na região de Dom Pedro a redução na área, se acontecer, deverá ser inexpressiva.

SOJA: PLANTIO DIRETO

Dos 8.486.000 hectares de soja cultivados no país na safra passada, 3.666.535 foram cultivados no Rio Grande do Sul e destes, 287.510 hectares na Região Pioneira da Cotrijuí. O rendimento da região andou por volta de 1.799 quilos por hectare, acredita-se que na próxima safra em função da redução no uso de fertilizantes, ele caia ainda mais.

A soja se adapta melhor em solos com boa fertilidade, profundos e bem drenados. Não tolera solos ácidos, preferindo um pH entre 5,5 a 6,7. No seu plantio, a melhor proteção do solo, através de resíduos culturais é obtido com o plantio direto ou então com o preparo mínimo, através da diminuição do número de operações. O plantio direto tem sido uma prática recomendada pela sua eficiência no

controle a erosão e conservação do solo.

A inoculação das sementes antes do plantio substitui com vantagens a adubação nitrogenada, principalmente do ponto de vista econômico. O custo do Nitrogênio por hectare de soja, adubando com 200 quilos da fórmula 2-26-16, por exemplo, tomando como referência o preço da uréia, ficaria em torno de Cr\$ 6.300 o hectare. Com a inoculação da semente, este custo ficaria reduzido a Cr\$ 800 que é o quanto vale uma dose de inoculante. Apenas essa dose de inoculante, proporcionaria uma fixação de Nitrogênio, variável entre 60 a 130 quilos. Considerando uma fixação média de 100 quilos de Nitrogênio por hectare, o produtor terá um custo (do Nitrogênio) de Cr\$ 88 por quilo.

Das cultivares recomendadas para a região, a Cotrijuí distribuiu sementes das variedades Prata, Paraná, BR-2, Ivorá, Dekada e IAS-5, todas de ciclo precoce. Das médias, os produtores irão plantar a Bragg, IAS-4, BR-4, União, Davis, BR-7 e Cambará. Das variedades semi-tardias e tardias, foram distribuído sementes da Bossier, Cobb, BR-1, BR-5, Hardes-CEP-10, Santa Rosa, Vila Rica, Ivaí, Cristalina e UFV-1.

A ocorrência de nematóides associada à lavoura de soja tem crescido bastante nas últimas safras. Como não existe um tratamento químico viável, tanto pelo lado econômico como pelo lado técnico, resta ao produtor utilizar algumas práticas, como a rotação de culturas, para minimizar o problema. As variedades Dekada, Bragg, Bossier, Santa Rosa e a BR-1 são as mais resistentes ao ataque de nematóides.

REDUÇÃO DE CINCO POR CENTO

O preço do milho, variando entre Cr\$ 8 a Cr\$ 10 na época da comercialização vem sendo apontado como fator responsável pela redução na área de plantio. Dificilmente na região, o milho consiga alcançar os mesmos 84 mil hectares plantados na safra passada. A estimativa de redução da área deverá ficar em torno de cinco por cento.

O milho tem ocupado áreas preferidas pela soja. Isso tem influído consideravelmente sobre o seu rendimento a nível estadual, que começou a crescer a partir de 80, quando o rendimento pulou de 1.853 quilos por hectare colhidos em 1979, para 3.162 quilos. Na safra passada, na região Pioneira, o rendimento do

milho ficou em 2.225 quilos por hectare.

O rendimento da lavoura vai depender em muito das condições do clima e do solo, das precipitações, luminosidade e temperatura. É uma cultura que necessita em torno de 600 mm de água durante o seu ciclo vegetativo. A semeadura realizada nos meses de agosto e setembro, serve para evitar que o período em que a planta mais necessita de água, coincida com os meses de dezembro, janeiro e fevereiro. A densidade das plantas é de 50 mil por hectare para as variedades precoces e 40 mil para as variedades tardias. Na semeadura recomenda-se acrescentar 20 por cento de semente em razão da germinação ficar em torno de 85 por cento.

No trabalho com milhos que a Cotrijuí vem realizando no CTC, algumas populações crioulas apresentaram excelente desempenho, como por exemplo, o Caiano Branco e o Caiano Amarelo que produziram, respectivamente, 4.297 e 3.609 quilos por hectare no ensaio realizado em 1982. A Cunha, produziu 4.785 quilos por hectare, no ensaio de 1983.

FEIJÃO: RENDIMENTO MUITO BAIXO

Considerando as duas safras — a normal e a safrinha — a área com o feijão na região não chegou a ultrapassar os 2.556 hectares no ano passado, com um rendimento de 544 quilos por hectare. Para a próxima safra não existe perspectiva de aumento de área, ainda mais considerando os preços nada atrativos, os altos custos de formação da lavoura e as limitações de variedades. A redução no consumo causada pela perda do poder aquisitivo do consumidor brasileiro também vem contribuindo para a marginalização da cultura.

Uma das grandes preocupações da pesquisa tem sido com relação as variedades e, aos poucos começam a surgir algumas mais produtivas e resistentes as doenças. Entre estas variedades estão a Guaiteian 6662 e a Turrialba 4, com um potencial de produção por volta dos 2.400 quilos por hectare.

Também o sorgo que foi cultivado em 580 hectares na safra passada, não deverá receber grande atenção por parte dos produtores na próxima safra. É uma cultura relativamente nova no Estado e que apresenta como características alta resistência à seca, as altas temperaturas e ao excesso de umidade. Tem um ciclo relativamente curto e apresenta uma alta produtividade em relação ao milho.

Lavoura para os pequenos

A batatinha vem aumentando de área na região. Na safra 83/84 a Cotrijuí distribuiu sementes entre seus associados, suficientes para formar 60 hectares com a cultura. Já para esta safra, os pedidos aumentaram e a semente distribuída será responsável pelo plantio de 80 hectares de batatinha e uma produção final de 640 mil quilos. É uma cultura voltada para o consumo da família e apenas o excedente deve ser comercializado. A batata destinada ao comércio deve ser sadia, para suportar o período de armazenamento que antecede a comercialização.

O plantio é feito em setembro, em áreas onde não tenham sido cultivados o fumo e nem o tomate. Não se recomenda o plantio da batata na mesma área. Sempre se faz necessário uma rotação de áreas por causa das doenças. A adubação necessária fica em torno de um quilo da fórmula 7-11-9 para cada quilo de semente. Num período de 30 dias, se faz necessário

cobertura com uréia. As variedades mais recomendadas para a região e, portanto, disponíveis na Cooperativa são a Delta, Rística e de boa produtividade, a Santo Amor e a Baronesa, cultivares resistentes as doenças das folhas.

O milho pipoca também vem ganhando mercado na região. A produção, local não chega a ser suficiente para suprir a demanda dos mercados da Cotrijuí. A amarela redonda, uma cultivar que recebeu melhoramento genético e vem aumentando a produtividade, é a que comporta os melhores preços. Nesta safra acredita-se que o milho pipoca alcance uns 60 hectares.

AMENDOIM: CULTURA ABANDONADA

A região já foi grande produtora de amendoim, mas com a soja ocupando as melhores áreas, o cultivo do amendoim foi abandonado. É uma cultura a nível de pequenas propriedades e que vem rece-

bendo incentivo por parte da Cotrijuí. Com esse programa de fomento a cultura, a intenção é de atender as necessidades de consumo do município. E mesmo que aconteça um aumento na produção, não haverá dificuldades de comercialização, já que o Estado vem importando amendoim de São Paulo.

A semeadura da safra normal é feita por setembro e a da safrinha em fins de janeiro, recebendo em torno de 200 quilos por hectare do adubo correspondente a fórmula 4-28-20. A quantidade de semente deve ficar em torno de 80 a 100 quilos por hectare. A produtividade média varia de 1.200 a 2.400 quilos por hectare.

TRABALHO DE IDENTIFICAÇÃO

Por volta de 1982 a Cotrijuí deu início no CTC a um trabalho de avaliação de variedades de mandioca produzida na região. A intenção, além de identificar melhor estes materiais, é também de procurar melhorar essa variedade e selecionar

as mais nutritivas e resistentes às doenças tão comuns nas variedades crioulas. Muito desse material já foi distribuído aos associados.

No preparo do solo para o plantio da mandioca, a lavração e a gradeação são indispensáveis. O plantio, utilizando manivas maduras, deve ser feito num espaçamento de 80 centímetros a um metro. Apenas um hectare de planta é capaz de fornecer ramos para até cinco hectares de lavoura. A produtividade da região tem ficado em torno de 15 a 20 toneladas por hectare. É uma cultura que pode ser intercalada com o feijão, o milho, abóbora e a melancia.

A L-7 é uma variedade que durante os ensaios realizados no CTC tem apresentado bom rendimento e em 15 minutos está cozida. Também a L-10, a CTC e a MG-94 apresentaram bom desempenho. A MG-94 é uma variedade destinada ao consumo animal.

O que plantar

As áreas com forrageiras continuam aumentando até mesmo como opção para diminuir os custos de produção da atividade pecuária.

As forrageiras cultivadas e altamente produtivas são alternativas eficientes para baratear os custos de produção das atividades pecuárias. Afora a questão econômica, já existe a consciência de que é preciso diversificar a produção na propriedade e de procurar melhorar as condições do solo através da rotação de culturas. Mais e mais lavouras de pastagens estão surgindo, destinadas tanto ao pastoreio como a produção de sementes.

Como a disponibilidade de áreas com campos nativos na região é pequena, em função da grande extensão de lavouras de grãos, e apresentam pastagens de baixa qualidade, o Departamento Agrotécnico da Cotrijuí procurou fomentar a utilização de espécies cultivadas. Para tanto, iniciou no Centro de Treinamento um trabalho de introdução e avaliação de espécies. Um programa de produção de sementes junto aos associados, com a intenção de garantir a utilização das espécies selecionadas, também já está em pleno andamento. O José Luiz Costa Kessler, agrônomo e também responsável pela área de produção de sementes de forrageiras da Cotrijuí, na Região Pioneira, justifica o trabalho de fomento às forrageiras na região, dizendo que as pastagens cultivadas apresentam como vantagens uma maior produção em relação à pastagens nativas, "o que por outro lado, significa maiores ganhos em quilos por animal por área".

Entre as espécies que vêm sendo utilizadas e que apresentam boas perspectivas para a expansão no momento, e, portanto, recomendadas pelo Departamento Agrotécnico, estão o milheto e os capins Pânicos, Setária, Guenoaro (Ramirez), Pensacola, Elefante, Bermuda e Rhodes, entre as gramíneas. Entre as leguminosas, o produtor conta com o feijão miúdo e o siratro.

MILHETO: EXIGENTE

O milheto é uma gramínea bastante exigente em fertilidade, respondendo muito bem as adubações. No plantio recomenda-se a utilização de 20 quilos de sementes por hectare. O solo deve ser bem preparado através do sistema convencional, já que a prática do plantio direto com esta espécie não está suficientemente testada. Suporta altas lotações quando bem estabelecido, oferecendo altíssimos ganhos por área. No pastoreio recomenda-se ajustar a lotação do gado, para não permitir o florescimento precoce da pastagem e preservar cerca de 10 centímetros de resteva. Proporciona alimento para o gado (massa verde) nos períodos de primavera, verão e outono.

O plantio do milheto no final de fevereiro junto com o azevém proporciona excelente forrageira para o outono, a época de escassez de pasto. O potencial de produção de sementes do milheto é excelente. Na Região Pioneira, o rendimento médio anda em torno de 1.000 quilos por hectare.

A utilização do milheto com leguminosas não tem sido muito aceita pelos produtores em virtude de dificuldades para a manutenção destas misturas. O feijão miúdo parece ser a leguminosa com melhores condições para esta consorciação nesta região. É de rápido desenvolvimento e com cerca de 50 dias após a germinação, já pode ser pastejado.

CAPIM PÂNICO

É recomendado para regiões com precipitações anuais superiores a 800 mm, solos bem drenados, de média a alta fertilidade. Oferece abundante produção de massa verde de excelente qualidade. Pos-

sui longo ciclo de produção, que inicia na primavera e termina por ocasião da ocorrência de geadas intensas. Tolera muito bem o sombreamento e resiste à queima. É capaz de suportar altas cargas de animais, porém, recomenda-se preservar o pasto sempre em torno de 15 centímetros de altura, na intenção de manter os pontos de crescimento e não prejudicar a rebrotação.

A melhor época de semeadura é entre setembro e outubro, utilizando-se em torno de 8 quilos de sementes por hectare. Ainda pode ser utilizado na produção de feno ou como reserva outonal. Para a produção de sementes. O José Luiz recomenda um corte de emparelhamento na primavera, a aplicação imediata de Nitrogênio para uniformizar a emissão de afilhos e a retirada dos animais no início de fevereiro. NO CTC a melhor época para a colheita foi observada no intervalo, entre 24^o e o 31^o dia após a existência de 10 panículas por metro quadrado emergidas. Em colheitas com automotriz já foram obtidos plenos rendimentos de 200 quilos de sementes por hectare. O siratro, o desmódio e a soja perene, são algumas leguminosas que podem ser utilizadas na consorciação com esta gramínea. As cultivares mais recomendadas para a região são o Gatton e o Green.

CAPIM SETÁRIA: MAIS RESISTENTE

Para atingir um bom desenvolvimento, o capim setária exige precipitações anuais maiores que 900mm, chegando a atingir na época do florescimento até dois metros de altura. É relativamente resistente às geadas e às secas, possui tolerância ao alagamento e a queima. É a gramínea que responde melhor a aplicação de Nitrogênio. A semeadura é feita com seis a oito quilos por hectare de sementes durante a primavera.

Experimentos realizados em 1980 (Santana e Santos) garantem que os melhores resultados com esta forrageira são obtidos com intervalos de cortes de 42 dias e com parcelamento da dose de Nitrogênio. No manejo dos animais, o rebaixamento da folhagem não deve ficar inferior a 10 centímetros de altura. As variedades Kazungula e Narok são as mais recomendadas para a região. A produção de sementes fica, em média, entre 80 a 100 quilos por hectare.

CAPIM GUENOARO NUTRITIVO

A característica principal do capim guenoaro é a sua resistência às geadas, que aliada a manutenção de bons valores nutritivos, mesmo em estágios mais avançados de desenvolvimento, poderá ser uma qualidade importante para a sua utilização num sistema de diferimento para ser aproveitado no outono/inverno. Acrescenta-se a isto, sua potencialidade para altas produções e sua capacidade para permitir consorciação com leguminosas.

Na semeadura recomenda-se a utilização de 15 quilos de sementes por hectare. Dependendo do percentual de sementes duras se faz necessário uma escarificação mecânica. O desenvolvimento inicial é lento e o primeiro corte acontece 90 dias após a germinação. Para o manejo com animais, o ideal é manter uma altura mínima de 10 centímetros de resteva para garantir o rebrote. A capacidade do capim guenoaro de produzir sementes é excelente, sendo que em lavouras da região, se chegou a rendimento de 1.000 quilos por hectare, em colheita direta com automotriz.

RESISTENTE AO PISOTEIO

Gramínea perene excelente no controle à erosão e de alta resistência ao pisoteio. A melhor época para semeadura é no



O Pânico é a gramínea perene mais procurada pelos produtores de leite da região

início da primavera, sempre tomando o cuidado de fazer uma escarificação nas sementes, devido a impermeabilidade do tegumento à água. Se as sementes não forem escarificadas, a semeadura poderá ser antecipada. O azevém e os trevos em sobressemeadura prolongam o período de utilização das áreas com pensacola. Para a produção de sementes a recomendação manda retirar os animais durante a primavera, dando um corte para emparelhar e em seguida fazer cobertura com uréia.

CAPIM ELEFANTE: FOMENTO

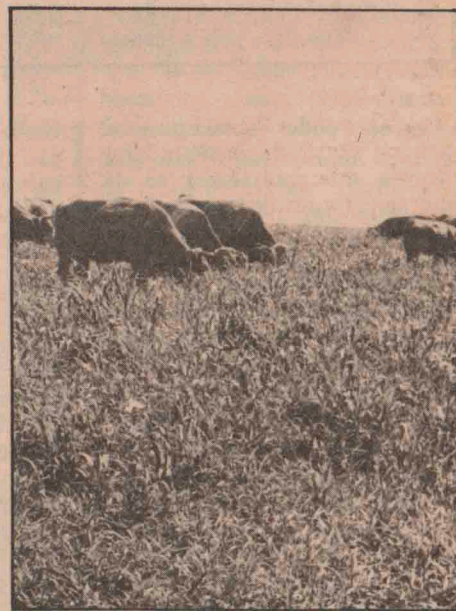
O capim elefante é outra gramínea de excelentes condições de utilização na região, "necessitando apenas de um trabalho de fomento e multiplicação de mudas para que sua área de plantio aumente", justifica o José Luiz. Normalmente tem sido cultivada em pequenas áreas para o corte, aproveitando assim, o seu potencial de crescimento — que pode atingir até quatro metros de altura —, sua alta resistência à seca e sua capacidade de adaptação aos mais diversos tipos de solos.

A proposta que vem sendo levantada pelo Departamento Agrotécnico da Cotrijuí é de que o capim elefante também seja utilizado em pastejo e não apenas como forragem verde cortada. Com esta intenção, estão sendo avaliadas no CTC 49 cultivares desta espécie. Atualmente estão sendo testadas, em pastejo, seis cultivares que tiveram um comportamento mais adequado com as condições de clima e solo da região.

Uma das limitações da expansão do capim elefante na região tem sido o seu estabelecimento. Para o plantio é aconselhável utilizar mudas com, no mínimo, seis meses de idade, que podem ser cortadas em três partes, de tal maneira, que cada talo tenha de quatro a cinco nós. O espaçamento utilizado entre sulcos varia entre 0,80 a 1 metro. A forragem encontra-se em condições de pastejo ao atingir de 1 a 1,20 metros de altura. O José Luiz recomenda manter em torno de 40 centímetros de altura do pasto para favorecer a rebrotação. A consorciação com leguminosas é muito difícil.

CAPIM BERMUDA: RESISTÊNCIA ÀS MOLESTIAS

É resistente ao pastoreio e pisoteio, produzindo grande quantidade de forragem de excelente palatabilidade e qualidade quando bem manejada. Desenvolve-se muito bem no verão, é resistente à seca, e adapta-se a qualquer tipo de solo. A cultivar mais utilizada na região é a Coast-Cross, originária dos Estados Unidos, introduzida no Centro de Treinamento e já em mãos de grande número de associados. Entre as suas características, destacam-se a resistência às moléstias — ferrugens, helminthosporium —, baixa relação caule/folha e o rápido estabelecimento, mesmo quando as mudas são plantadas de forma rala. Recomenda-se um pastejo intenso, pois o valor nutritivo do capim bermuda é baixo quando ele está maduro. Ainda pode ser utilizado para feno quando alcançar 30 ou 40 centímetros de altura.



O milheto é exigente em fertilidade

A consorciação dessa gramínea com leguminosa não é fácil em função de sua agressividade, mesmo assim, no CTC, se conseguiu bons resultados com a introdução de trevo branco em sobressemeadura no outono.

CAPIM RHODES

Outra gramínea perene adaptada a regiões tropicais e subtropicais com precipitações anuais entre 700 a 800 mm. Se desenvolve muito bem em solos de média a boa fertilidade. Não apresenta um bom desenvolvimento em solos ácidos de textura argilosa, predominante nas regiões do Planalto Médio e Missões. Por essa razão, seu cultivo é recomendado, dentro da área de ação da Cotrijuí, na Região Pioneira, apenas no município de Jóia. Seu plantio, de modo geral, acontece através de sementes, numa densidade média de 15 quilos por hectare. Também pode ser semeada a lanço entre as linhas do milho ou do sorgo. Durante o primeiro ano de cultivo, deixá-la florescer e produzir sementes, antes de cortá-la ou de colocar os animais no pastejo.

Os resultados de experimentos feitos pelo setor de Plantas e Forrageiras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, recomendam a utilização do capim rhodes em pastejo rotativo com intervalo de cortes de seis semanas. "Nestas condições, em solos de boa fertilidade, esta gramínea oferece em torno de 200 dias de utilização com lotação média de 2,5 cabeças por hectare/ano e um ganho médio de peso vivo de cerca de 270 quilos por hectare/ano", diz o José Luiz. Também pode ser utilizado para produção de feno, desde que o corte seja feito no início do florescimento. É bom produtor de sementes e seu rendimento médio atinge 200 quilos por hectare.

Entre as leguminosas anuais, os produtores da região contam com o feijão miúdo e o lab-lab. O feijão miúdo se adapta em qualquer tipo de solo, tem grande valor nutritivo e é muito apreciado pelos animais. O lab-lab, ao contrário, é exigente em umidade, não resiste às geadas e muito menos tolera solos úmidos.

Hora de firmar posições



O estádio Beira-Rio recebeu no dia 2 de outubro uma torcida diferente: cerca de 40 mil agricultores de toda parte do Estado, que foram a Porto Alegre para o mais importante encontro de moradores do campo nos últimos anos no Rio Grande do Sul. Com faixas, cartazes, discursos, aplausos e vaias, os agricultores fizeram com que todo o país ouvisse um protesto que não só expressou descontentamento com a atual situação, mas também sugeriu saídas políticas, econômicas e sociais para o Brasil. Mais do que o "Grito do Campo", a concentração foi a manifestação de unidade de moradores do interior e da cidade pelo fim da recessão.

O encontro, promovido pela Fecotrig, foi essencialmente político, e todos os que estiveram no Beira-Rio sabiam que ele seria assim mesmo. Afinal, como ressaltaram vários dos agricultores e lideranças, durante os discursos, o agricultor já desprezou os movimentos reivindicatórios e os manifestos que anualmente se encaminham às autoridades. O Grito do Campo assumiu a importância de um ato político, não para reivindicar, mas firmar posições bem claras a respeito das saídas que podem ser buscadas, para que o país se veja livre, especialmente, das amarras impostas pelo Fundo Monetário Internacional.

MUITO SOL

Esta idéia, de que o encontro seria abrangente, com a defesa de pontos de vista que levassem em consideração a situação geral do país, e não só da agricultura, foi salientada várias vezes pelo presidente da Fecotrig, Jarbas Pires Machado. E é reforçada no documento aprovado no final do encontro (veja na página ao lado), com os pontos básicos defendidos pelos agricultores. Este documento é o resultado de uma série de debates que a Federação das Cooperativas de Trigo e Soja promoveu no interior, em preparação ao encontro do dia 2 de outubro.

Os que foram ao Beira-Rio levados por mais de 500 ônibus e centenas de automóveis, não voltaram arrependidos. Tudo estava a favor dos agricultores, que tiveram um dia de sol forte, depois de várias semanas de chuva ou céu nublado. Logo depois do meio-dia, quando as caravanas continuavam chegando, foi ini-

ciado um show, com a apresentação de cantores e conjuntos vocais e de danças, com alguns dos mais expressivos nomes do nativismo gaúcho.

Os artistas entreteram o público, até o início dos discursos, com pronunciamentos de representantes de cada uma das nove regiões da Fecotrig. Agricultores, dirigentes de sindicatos e outras entidades do setor e também os políticos falaram da situação enfrentada pelo homem do campo e pelos moradores da cidade. E foi aí que o pessoal mais participou, com vaias ou aplausos, agitando faixas e cartazes e soltando foguetes e papel picado.

OS DISCURSOS

A Previdência Social, a Reforma Agrária, a situação dos desalojados para construção de barragens, os preços mínimos, o custo da produção e, enfim, a política econômica oficial como um todo, foram temas abordados nestes discursos. Entre os mais aplaudidos, ficou o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Passo Fundo, Auxílio Rebechi, que defendeu a concessão de subsídios aos pequenos e médios produtores, e lembrou: "Um país continente como o nosso, tem 12 milhões de pessoas sem terra. Isto é vergonhoso para nós, e uma situação destas não pode continuar".

Heraclides de Lima Gomes, do sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cruz Alta, afirmou: "A Fecotrig, a Farsul e a Fetag são simples mendigos. Temos um governo surdo e mudo diante dos problemas que nos afligem". Outro dirigente sindical, José Barassuol, de Catuípe, ressaltou que "precisamos de uma política para o povo brasileiro, e não de medidas de agrado dos grandes grupos estrangeiros. Hoje, há muitos brasileiros que rondam caixas de lixo para poder se alimentar".

APLAUSOS E VAIAS

O público também vibrou com a participação de dona Nericia Behn, de Pelotas, que integra movimentos de apoio aos sem-terra. Ela condenou a discriminação a que a mulher do campo é submetida, e pediu "o fim de tanta injustiça". As primeiras vaias dos agricultores foram dirigidas ao presidente da Farsul (Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul) e deputado do PDS, Balthazar de

Bem e Canto. Depois, também seria vaiado outro deputado pedessista, Rubens Ardenghi. Os dois falaram pouco mais de um minuto cada um, sob os gritos do pessoal. Os agricultores ouviram ainda pronunciamentos de outros cinco políticos.

O senador Pedro Simon falou em nome do PMDB; o deputado Renan Kurtz, do PDT, como presidente da Assembléia; o ex-deputado Alceu Coolares, pelo PDT; Olívio Dutra, como presidente regional do PT; e finalmente o ex-governador de Minas e candidato da Aliança Democrática, Tancredo Neves. Como representante dos trabalhadores da cidade, falou Ricardo Baldino, da Comissão Coordenadora Unitária do Movimento Sindical. Mais de 30 discursos foram ouvidos pelos produtores, até por volta das 18h30min, quando o Beira-Rio foi aos poucos sendo esvaziado.

Todos os que subiram ao palanque montado no gramado do estádio fizeram questão de ressaltar que a situação da agricultura é hoje insuportável. E poucos deles se esqueceram de relacionar esta situação com o quadro alarmante enfrentado atualmente pela grande maioria da população brasileira. Esta preocupação esteve, aliás, nos versos feitos de improviso pelo poeta Jaime Caetano Braun: "Não queremos nem pedimos, do campo, cidade e roça, uma fortuna que é nossa nós simplesmente exigimos. Repartir, nós repartimos, mas tomar, ninguém nos toma, e não adianta diploma que o Rio Grande abarbarado, em novo não foi domado e agora ninguém nos doma".

UM SUSTO

As caravanas que foram a Porto Alegre, invadindo a capital como o povo da cidade nunca tinha visto, viajaram sob a coordenação das cooperativas e sindicatos de trabalhadores e empregadores rurais. Da Região Pioneira da Cotrijuí, saíram 13 ônibus. Um deles, com produtores de Ijuí, terminou empacando no meio do caminho, e chegou a dar um susto na comitiva, que temia chegar a Porto Alegre quando a festa estivesse acabando. Este ônibus só chegou à capital por volta das 15 horas.

Outras caravanas enfrentavam problemas semelhantes, mas o certo é que nenhum incidente

mais grave foi registrado. Teve gente que até se perdeu dos companheiros, dentro e fora do estádio, mas isto é normal em aglomeração como a do dia 2. O im-

portante é que tudo aconteceu sem maiores imprevistos, e que os agricultores retornaram de Porto Alegre cansados, mas convencidos de que valeu a pena.

ARAME

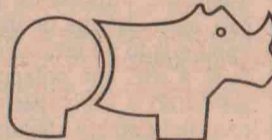
TENAZ



A cerca inteligente

O arame ovalado Tenaz faz a cerca inteligente.

Tenaz é um arame de alta resistência, fácil de trabalhar e com excelente proteção superficial contra intempéries. Suas características permitem que resista às mais severas condições de trabalhos para os quais é destinado.



CARACTERÍSTICAS					
Bitola (PG)	Equivalente (mm)	Tensão de ruptura mínima (kgf)	Carga de ruptura (kgf)	Comprimento por rolo (m)	Peso do rolo (kg)
14 x 16	2,2 x 2,7	140	650	1.250	45
15 x 17	2,4 x 3,0	140	790	1.000	45



QUALIDADE GERDAU

Ato político, sem preconceitos

Dois pronunciamentos talvez possam agrupar quase tudo o que foi ouvido durante o Grito do Campo. Jarbas Pires Machado, presidente da Fecotriço, reuniu em seu discurso uma síntese das preocupações e aspirações de agricultores e da população em geral do país. E o candidato à presidência da República, Tancredo Neves, expôs — como político — projetos que até bem pouco tempo poderiam ser vistos com desconfiança. Os dois, cada um a seu modo, contribuíram para que o agricultor gaúcho passe a ver e participar de manifestações políticas sem constrangimentos, mas como cidadãos que têm o direito de ouvir e falar.

Os próprios agricultores demonstraram, no Beira-Rio, que está ficando para trás o período em que as manifestações políticas — e não necessariamente partidárias — eram encaradas com preconceito. Foi assim que eles manifestaram apoio ou contrariedade, diante de determinados discursos que ouviram da tri-

buna. E também foi assim que eles vaiaram o argumento do candidato à Presidência, Paulo Maluf, de que teria outros compromissos para não participar do Grito do Campo.

AMPLA E JUSTA

"Ninguém nos engana mais", disse Jarbas Pires Machado, no início de seu discurso. Até anos atrás, seria recebida com surpresa uma manifestação em favor, por exemplo, da reforma agrária, feita por um dirigente de federação de cooperativas. Mas Jarbas não se acanhou, e defendeu uma melhor distribuição da terra no país. Foi mais longe: condenou as 62 pessoas que possuem no Brasil áreas com extensão de 52 milhões de hectares, duas vezes superior ao total da lavoura do Rio Grande do Sul.

Ele entende que a reforma agrária deve ser "ampla e justa, para que saiba reconhecer o direito de quem, na posse da terra, nela produz e emprega". O presidente da Fecotriço também repetiu que uma nova política

agrícola depende antes de um novo modelo econômico, e ressaltou: "Nós queremos um Brasil de liberdade, porque a política agrícola não se modificará sem que se modifique o regime econômico e político".

COMPROMISSOS

O candidato da Aliança Democrática, Tancredo, foi o último a falar. Ele leu um discurso com 16 páginas, que muitos consideraram complicado. O escrito contém, na verdade, algumas palavras "difíceis", mas foi considerado importante pelas lideranças presentes. Com seu pronunciamento, Tancredo Neves assumiu um compromisso e deixou assim a possibilidade de vir a ser cobrado. O discurso relaciona vários pontos que o candidato considera decisivos para a agricultura.

Estes são alguns dos trechos da fala do candidato à presidência da República:

● A associação livre, honrada e fraterna dos produtores agrícolas em cooperativas é uma

das mais sérias respostas aos problemas do Brasil. O cooperativismo não tolhe a livre iniciativa, como críticos interessados argumentam. Ao contrário, o cooperativismo amplia as possibilidades de realização individual dos empreendedores livres. Na cooperativa, ninguém perde sua liberdade. A cooperativa é, em suma, a associação das liberdades.

● Não há melhor conselho político que o das praças cheias de povo. Infeliz do homem público que teme o convívio com a liberdade das ruas. Que mandado de poder podem postular aqueles que se amedrontam diante da face severa dos homens e mulheres do seu país?

● A agricultura é a base de todas as atividades econômicas, e nela está a própria garantia de vida sobre a terra. No amanho das glebas temos a renovação constante da natureza e a transformação da energia nos alimentos de que carecem todos os seres vivos. A história das sociedades humanas demonstram que não há na-

ções fortes sem agricultura forte. Por isso coloco a agricultura como uma questão básica de segurança nacional.

● Num país como o Brasil, a política de crédito deve ser conduzida dentro de uma premissa: não podem faltar recursos à agricultura. Também é essencial uma política realística de preços, que traga ao pequeno, ao grande e ao médio produtor de todos os rincões deste país o estímulo que falta para que ele amplie os esforços visando aumentar a área cultivada.

● Na presidência da República, irei cuidar pessoalmente do problema do crédito agrícola. O produtor não depende apenas do ministro da Agricultura, por mais dedicado e competente que ele seja.

● No caso do regime fundiário, estou certo de que não há diploma melhor do que o Estatuto da Terra. É uma reivindicação dos trabalhadores rurais assalariados, que reclamam com justiça o acesso à propriedade.

O documento aprovado

Este é o documento com o programa básico aprovado durante o Grito do Campo. O texto foi elaborado pela Fecotriço, com base nos debates realizados no interior do Estado, antes do encontro na capital:

1 - No campo político:

a) A vigência plena da democracia, consolidada pela convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte, livre e soberana.

b) O resgate da Soberania Nacional, colocando os interesses do Brasil e dos brasileiros acima dos ditames do FMI.

2 - No campo econômico:

a) A redefinição soberana de uma nova política econômica, e do próprio tratamento da dívida externa.

b) A retomada do crescimento econômico, pela reorientação e expansão dos investimentos produtivos do setor público e privado, e por medidas proibitivas à especulação financeira e ao amordacamento externo de nossa economia.

c) O fortalecimento do mercado interno: pela implantação de uma política salarial que favoreça os assalariados de mais baixa renda, pela reorientação da produção para as necessidades internas, e por uma ampla distribuição da renda, através de uma reforma tributária.

d) A implementação de um Plano de Emergência, relativo ao Emprego, Moradia e Alimentação, que restaure, no menor prazo possível, a dignidade da vida da grande maioria do povo brasileiro.

3 - No campo da política agrária:

a) A garantia efetiva da participação dos produtores rurais na definição de uma nova política fundiária e agrícola para o País.

b) A realização efetiva de uma reforma agrária, que comece pela distribuição das terras mal aproveitadas — públicas e privadas — de maneira a asse-

urar o direito à terra a todos que nela queiram trabalhar. Temos hoje, no Brasil, 62 propriedades com mais de 100 mil hectares, e que ocupam uma área superior a 2,5 vezes a área plantada de nosso Estado, ou mais de um quarto da área plantada no Brasil.

c) A criação de crédito fundiário de apoio e complementar ao programa de reforma agrária, voltado, prioritariamente, para os agricultores mais carentes.

d) A garantia de recursos necessários para financiar o custeio, os investimentos e a comercialização de toda a produção agrícola, prioritariamente para o abastecimento do mercado interno, mas sem esquecer nossas potencialidades regionais, a expansão de nossa agroindústria e nossas exportações.

e) A criação de crédito rural subsidiado, que privilegie a produção de alimentos, viabilize a pequena propriedade e mantenha o produtor em sua atividade.

f) A determinação de uma política de Preços Mínimos, que assegure a viabilidade e expansão da produção primária, necessariamente acompanhada de um rígido controle de preços dos insumos e máquinas agrícolas bem como o controle dos custos financeiros.

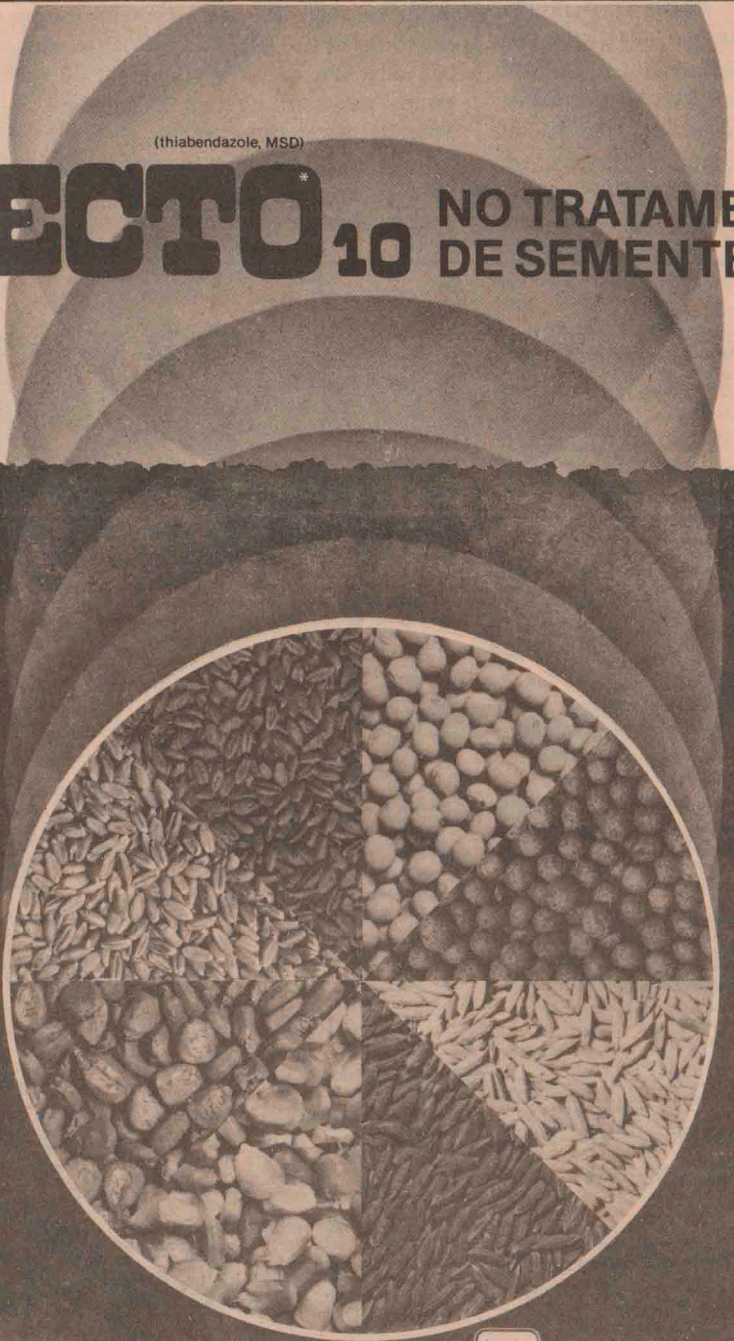
g) A implementação de um Programa Especial de Abastecimento, aumentando a área plantada com alimentos, em tantos hectares quantos necessários para suprir a demanda interna.

h) A adoção, urgente, de um Programa de Emergência para o pequeno produtor rural, assegurando a sua viabilidade econômica e dando, ao trabalhador rural, adequada Previdência e Assistência Social.

i) A imediata revisão da Legislação Cooperativista, adequando-a às novas necessidades que o momento nacional exige, possibilitando a efetiva prática da "Gestão Democrática e Eficiência Empresarial" nas Cooperativas.

(thiabendazole, MSD)

TECTO₁₀ NO TRATAMENTO DE SEMENTES



MSD-AGVET
 MERCK SHARP & DOHME - AGVET LTDA.
GRUPO MERCK & CO. S.A. - Av. Paulista, 1815-7 - Jd. Paulista - São Paulo - SP - 01451-100 - Tel. (011) 211-7811-58
 BRUNNEN S.A. - Av. Coronel Dantas, 1115-11 - Jd. Azeiteiro - São Paulo - SP - 05512-28-3111

AC-06/82 * Marca Registrada (B) P-TT-68/82

A crise ainda não passou, mas produção começa reagir

Reajuste de 37 por cento puxa produção para cima

Será que já se pode falar em recuperação da produção leiteira no Estado, tão castigada de 82 para cá pela inexistência de uma política definida para o setor? Para o diretor técnico da Cooperativa Central Gaúcha de Leite, Ernesto Krug, a tendência da situação, se persistir a atual conjuntura, é de permanecer no mesmo nível. A reação comprovada pela produção entregue nos meses de junho e julho — 27.861.913 e 32.957.414 litros produzidos respectivamente — pode até ser considerada normal nesta época do ano em razão da abundância de pastos. Não tem como esconder que 84 foi um ano difícil para a produção leiteira — com quebra de 13 por cento no período de janeiro a junho — e dificilmente feche o ano com uma produção semelhante a de 83 — 20.737.843 litros de leite.

O Almor José Daltrozo, responsável pelo setor de leite na Cotrijuí, Região Pioneira, um pouco mais otimista, fala em reação mostrando os números da produção da região dos últimos dois meses. Em agosto a produção de leite ficou em 1.645.556 litros contra 1.698.063 litros produzidos neste mesmo período de 83. A produção de setembro fechou em 1.583.806 litros contra 1.957.050 litros anterior. A quebra registrada na produ-

ção de setembro, não significa, segundo o Almor, que ela esteja baixando. É preciso considerar que o total de litros de leite entregue corresponde a produção de apenas 25 dias, pois de 3 a 7 de setembro, os produtores não comercializaram seus produtos como forma de protesto contra a atual política agrícola implantada pelo governo.

Para o Almor a produção começa a reagir. "Se considerarmos uma produção média diária de 63.076 litros de leite, veremos que nestes cinco dias deixaram de ser entregues em torno de 300 mil litros de leite", diz. Se fossem computados esses 300 mil litros, a produção final de setembro fecharia o mês com 1.800.000 litros de leite.

A reação tem como fatores responsáveis a frustração do trigo, as pastagens, que nesta época começam a se recuperar e os novos preços do leite, considerado pela classe como mais atrativos. A partir do novo reajuste, em torno de 37 por cento, o leite consumo passou de Cr\$ 295 para Cr\$ 404 o litro a nível de produtor, com um percentual de reajuste em torno de 37 por cento. O leite indústria teve seu preço alterado em 38 por cento, passando de Cr\$ 277 para Cr\$ 384. O leite excesso passou de Cr\$ 200 para Cr\$ 277 o litro, com um reajuste de 38 por cento e o preço do leite ácido pulou de Cr\$ 62 para Cr\$ 86, sofrendo,

portanto, um reajuste de 38 por cento.

E O LEITE EXCESSO?

A posição da Cooperativa Central Gaúcha de Leite — CCGL — em relação a aplicação do leite excesso, segundo Pécio Luiz Bertol, gerente da Unidade da Central em Ijuí, ainda é de expectativa. A aplicação do leite excesso, prevista por uma portaria da Sunab vai depender do volume de produção", diz o Pécio. A não aplicação do leite cota no ano passado e nos meses de agosto e setembro deste ano segundo o gerente da CCGL, foi apenas uma concessão da Central para com os produtores de suas filiadas. "Isso também não significa que a partir de novembro ela não volte a aplicar as medidas previstas pela Portaria". Com a não aplicação do leite excesso pela CCGL no ano passado, entrou na região em torno de Cr\$ 108 milhões a mais, só como receita pela entrega da produção.

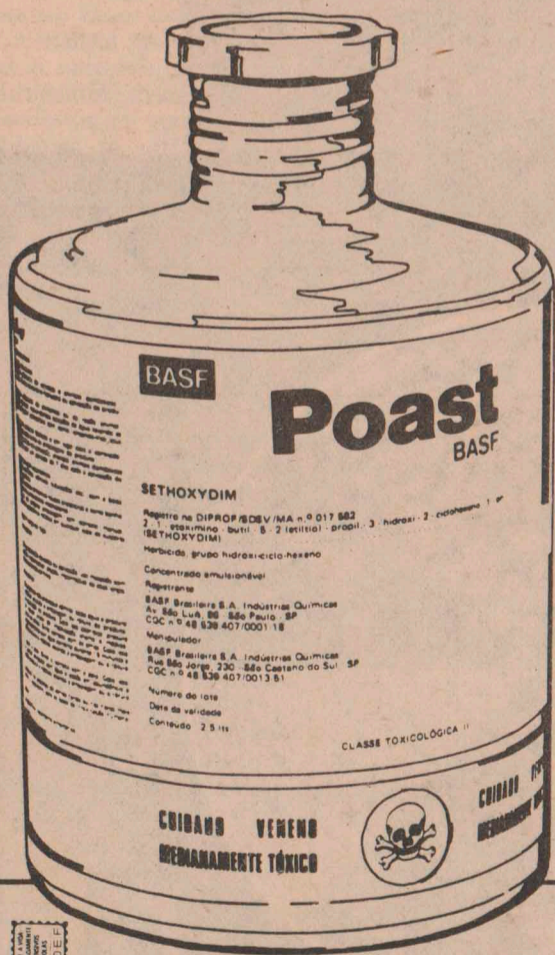
A formação de cota acontece nos meses de abril, maio, junho e julho, como forma de manter a produção estável, mesmo nas piores épocas do ano. Sendo assim, caso a CCGL venha aplicar o leite excesso, aquele produtor que manteve uma média de 100 litros diários durante o inverno, terá que manter essa mesma produção também em outros períodos. A produção que superar os 100 litros diários será considerada excesso, a um preço, portanto, de Cr\$ 277 o litro.

Por que o leite fica ácido?

Por que o leite que sai de dentro da vaca em perfeitas condições, de repente se torna ácido? Vários fatores, como condições do ambiente, vasilhames, as altas temperaturas, os tetos das vacas contaminados, são responsáveis por tantos prejuízos que a acidez vem causando a produção leiteira. Em alguns anos, a acidez pode ser causada ainda pela mastite, uma doença perfeitamente controlável.

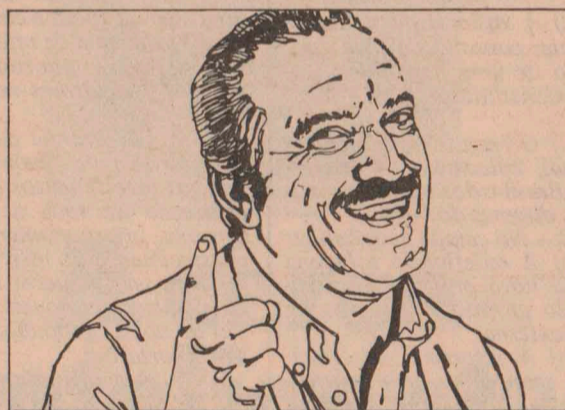
A acidez no leite pode ser evitada através de algumas medidas preventivas, bem ao alcance de qualquer produtor. Tanto prejuízo pode ser minimizado a partir da redução no espaço entre a ordenha e o tempo de entrega do produto na plataforma da indústria, da limpeza diária do estábulo; e da retirada dos restos de esterco, urina e leite que ficam depositados no piso do estábulo. Na ordenha manual é importante lavar as mãos com água e sabão antes do início do trabalho. Em caso de ordenha mecânica, lavar o aparelho com água corrente entre uma vaca e outra. Os vasilhames devem ser muito bem lavados com sabão e enxaguados com água quente.

Todo o leite tirado pela parte da tarde, para ser entregue na manhã seguinte, precisa ser resfriado e guardado em congelador ou em geladeira, sempre dando uma remexida. Não se aconselha misturar leite resfriado com leite recém tirado da vaca, pois o choque de temperaturas também pode causar a acidez.



QUANDO?

Esta é uma pergunta para os sojicultores que conhecem e aplicam herbicidas pós-emergentes.



Este produtor, que faz plantio direto e, muito objetivamente, busca a eficiência do produto, respondeu:

— Se o produto for Poast, você aplica quando quiser. Poast é o herbicida pós-emergente que age com total eficiência mesmo com o mato mais crescido. Mais que um herbicida, Poast é um novo conceito em agricultura.

**Pós-Emergência
Tecnologia BASF**
uma boa
resposta

Poast
para o controle de gramíneas
Basagran
para o controle de folhas largas

BASF

Mais uma vez, o dedo do FMI

Banco do Brasil suspende a compra do trigo alegando falta de recursos

A situação criada pode parecer absurda, como afirmam os dirigentes de cooperativas, mas a verdade é que ela está aí, por mais inesperada que seja. A situação é esta: o Banco Central determinou a suspensão das compras de trigo, pelo Banco do Brasil, durante todo o mês de outubro, em função de "estouro na previsão orçamentária". Em síntese, foi isso o que aconteceu: o único comprador de trigo no país, que é o BB, ficou sem recursos para adquirir o produto, e não recebeu complementação de verbas. E o impasse foi criado, mais uma vez, por causa dos compromissos assumidos com o FMI.

O Banco do Brasil, que promete retomar as compras a partir de novembro, suspendeu a aquisição do trigo no dia 6 de outubro, meio que de repente. Quem mais se alarmou foi o pessoal do Paraná, que colhe o trigo mais cedo e tem necessidade de vender a safra logo, para poder pagar contas e, se possível, formar as lavouras de verão. Logo depois da suspensão, o Banco do Brasil anunciou que a comercialização seria reiniciada, mas beneficiaria somente os produtores que liquidassem os empréstimos anteriores, para custeio da lavoura.

ORÇAMENTO

É claro que esta medida teve como objetivo provocar a entrada de dinheiro nos cofres do Banco. Mas não satisfaz os agricultores, mesmo porque não será assim — segundo a Fecotrigo — que haverá garantia de que, nos próximos meses, não voltará a faltar dinheiro. A verdade é que o Banco do Brasil fez um orçamento, prevendo gastar um determinado volume de recursos, em setembro e outubro, e esta previsão foi superada.

O Banco teria Cr\$ 150 milhões para gastar com trigo em outubro, incluindo aí as despesas com importações. Logo no início do mês esta verba foi aplicada, e não houve como encher de novo os cofres do BB. E por que isso ocorreu? Porque o Banco Central determinou que não iria suplementar o orçamento, em função de compromissos assumidos com o Fundo Monetário Nacional. Este compromisso diz que não haverá expansão da ba-

se monetária (emissão de dinheiro posto em circulação) além dos limites determinados pelo Fundo.

ESTATAL

Parece, de fato, um absurdo em que muita gente demorou a acreditar. Afinal, se não pode vender para o Banco do Brasil, o produtor não pode vender para ninguém, já que a compra do trigo é estatal. O preço do trigo é reajustado mensalmente, de acordo com as variações das ORTNs (Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional), e em outubro a saca de 60 quilos, com PH 78, ficou em Cr\$. . . . 31.404,00. O preço tem sido reajustado, nos últimos meses, em torno de 10 por cento, e de nada resolve o produtor ficar esperando melhora na "cotação".

Acontece que o valor da saca é corrigido com base na inflação, e o produtor que esperar melhor preço não sairá ganhando. Terá apenas o preço atualizado, e certamente mais perde do que ganha neste caso. Além disso, é preciso lembrar que o agricultor tem compromissos a saldar, e que geralmente ele programa a venda do trigo de acordo com a liquidação dessas dívidas. Na Região Pioneira da Cotrijuí, os mais prejudicados foram os produtores

de Tenente Portela, onde a colheita aconteceu mais cedo.

ESPERA

Na pioneira, a colheita é iniciada mais tarde — em relação ao Paraná, por exemplo — e por sorte a maioria dos produtores não foi prejudicado, já que a comercialização se inicia mesmo em novembro. O chefe do Departamento de Comercialização do Trigo (Ctrin), Nilo Fensterseifer, acha que, de qualquer forma, a suspensão das compras poderá ser benéfica para a maior parte dos tricultores. Ele disse ao Cotrijornal, no dia 15 de outubro, que seria preferível para o produtor esperar o preço corrigido do trigo em novembro.

"Se vender agora — disse Fensterseifer — o agricultor perderá dinheiro, pois



Fensterseifer entende que é melhor o produtor esperar preço de novembro



Esta foi a primeira vez que faltou dinheiro para a compra do trigo no país

em 15 dias ele terá novo preço". Até pode ser, mas como ficam os que haviam programado a venda para outubro e não conseguiram comercializar uma safra que, afinal, foi frustrada? Segundo o coordenador do Ctrin, o Banco do Brasil foi surpreendido pela antecipação da venda do trigo este ano. Em setembro do ano passado, segundo ele, o Banco havia comprado, até o fim do mês, apenas cinco por cento da safra dos principais Estados produtores. Este ano, no mesmo mês, as compras corresponderam a cerca de 50 por cento da safra. Foi aí que deu o estouro de caixa.

"O que houve foi uma falha de programação orçamentária", afirmou Fensterseifer, garantindo que "em novembro, com uma reciclagem, tudo será normalizado". O presidente da Fecotrigo, Jarbas Pires Machado, disse à imprensa, a respeito da situação criada, que o certo seria a suplementação de recursos. Isso, aliás, foi o que disse também o próprio ministro da Agricultura, Nestor Jost, para quem nada justifica a suspensão da compra do trigo. Jost chegou a afirmar: "Se for preciso emitir moeda, que se emita".

INFLAÇÃO

Mas a política do governo, nesta área, é coordenada pelos ministros da área econômica, que cuidam das negociações com o Fundo Monetário Internacional, e pelo presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore. O FMI deu a receita, e ela deve ser obedecida, como parte da última carta assinada entre o governo e este organismo. Segundo o Fundo, o governo deve conter a expansão da base monetária, deixando o mínimo de dinheiro em circulação, para poder controlar a inflação.

O pior disso tudo é que, no momento da comercialização da safra de soja, tudo o que acontece agora com o trigo pode se repetir. E há quem diga que a situação será então muito mais grave. Entre as previsões mais pessimistas, algumas indicam que não haverá dinheiro para comercialização nem mesmo 20 por cento da soja. E tudo por causa dos limites para a tal de expansão da base monetária.

Está na época de:

Guardar e conservar.

A terra trabalha dia e noite, sem parar. Dela você tira em dobro, todo o trabalho que põe.

Tudo igual ao Freezer Horizontal Consul.

Ele trabalha sem descanso, dia e noite, para guardar e conservar os frutos que a terra dá, o ano todo. Bela dupla, a terra e o Freezer Horizontal Consul. Aliás, belo trio, você, a terra e o Freezer Horizontal Consul.

Freezer Horizontal Consul.

Consul 
Qualidade & Tranquilidade

O que há do outro lado do Atlântico

Argemiro Luís Brum

Com este artigo, o professor Argemiro Luís Brum, da Fidene, inicia uma série de análises sobre a Comunidade Econômica Européia, que interessam diretamente ao produtor, em especial o de soja. Argemiro está em Montpellier, na França, e elaborou este comentário com base em informações das principais agências de notícias francesas, colhidas até o dia 19 de setembro:

A ECONOMIA FRANCESA

No momento em que o Brasil assina sua 6ª Carta de Intenções com o FMI, que o crédito rural se mantém caro e insuficiente, que o combustível em geral sobe de preço novamente e que a classe produtora do Rio Grande do Sul promove mais um movimento em favor de melhores condições econômicas, sociais e mesmo políticas para trabalhar, torna-se importante perguntar: o que está acontecendo, afinal?

Afora as questões políticas, que são muito importantes evidentemente, as questões econômicas mundiais colocam o

Brasil e o mundo inteiro em um estado de tensão permanente. E mais, é com o tratamento que estas questões econômicas recebem dentro do país, por parte do governo e por parte do povo, que os rumos destas tensões se definem.

Como, a nível mundial, 8 países desenvolvidos, com economias fortes, dominam os mais de 150 outros restantes, torna-se decisivo conhecermos, estudarmos e acompanharmos o que se passa na economia destes 8 grandes (Estados Unidos, Alemanha Ocidental, Japão, França, Inglaterra, Canadá, Itália e União Soviética).

É claro que será difícil falarmos de todos, porém, de um deles — a França — poderemos falar bem. E a França é muito importante para os senhores produtores de soja aí do Brasil, por exemplo. Tanto é verdade que entre 1967 e 1982 ela multiplicou por 3 seu consumo de farelos proteicos (em torno de 4,5 milhões de toneladas hoje). Deste total, o farelo de soja comparece com perto de 90 por cento,

contra 47 por cento em 1967 e somente 7 por cento em 1952.

Do total dos farelos consumidos, cerca de 75 por cento são importados (mais ou menos 3,5 milhões de toneladas o ano passado) e o Brasil é o principal fornecedor francês atualmente, com 52 ou cerca de 2,5 milhões de toneladas.

Isto tudo significa dizer que do total de farelo de soja que a França consome hoje, muito importante para os criadores franceses devido ao seu grau de proteína, 71 por cento sai do Brasil. Uma grande parte sai da terra de muitos dos senhores que estão lendo este artigo.

É por isto, então, que o comportamento da economia de um importante país comprador/consumidor de soja precisa ser acompanhada.

Para começarmos, eis os principais pontos da economia francesa hoje:

1 — A economia francesa não vai bem, como de resto a economia da CEE e de quase todo o mundo.

2 — O desemprego aumenta a cada mês na França, estando hoje em torno de 2,3 milhões de pessoas. Isto significa dizer um aumento de 0,7 por cento em setembro, em relação ao mês de agosto passado e 16 por cento em relação a agosto de 1983.

3 — A inflação anual (agosto/83 a agosto/84) é de 7,4 por cento, tomando por base os preços dos alimentos. Ela aumenta um pouco a cada mês.

4 — O comércio exterior está com déficit (comprou mais do que vendeu) nos primeiros 7 meses deste ano, de 23 bilhões de dólares. A previsão no início do ano era de 17 bilhões e em junho passou para 25 bilhões. Significa dizer que as previsões, mesmo pessimistas, serão vencidas e os especialistas franceses acreditam que o déficit comercial poderá chegar entre 30 a 35 bilhões de dólares até o final de 1984 se o atual ritmo continuar.

5 — O dólar, e este é o pior ponto no momento, vem batendo a cada dia novos recordes de alta frente ao franco (moeda francesa). No momento em que

escrevo este artigo, ele está em 9,51 francos em Paris.

6 — O poder de compra dos franceses, que leva em conta os impostos e as prestações sociais, baixou de 0,3 por cento em 1983. E o que é pior: o orçamento familiar francês (o dinheiro que as famílias têm para gastar a cada ano), que creceu de 4,3 por cento entre 1959/1970, chegando a 5,1 por cento de crescimento anual entre 1970/73 está hoje em apenas 1 por cento. Aliás, 1 por cento é a média anual de crescimento prevista até 1990 (em 1983 o crescimento foi de 0,9 por cento contra uma inflação perto de 10 por cento).

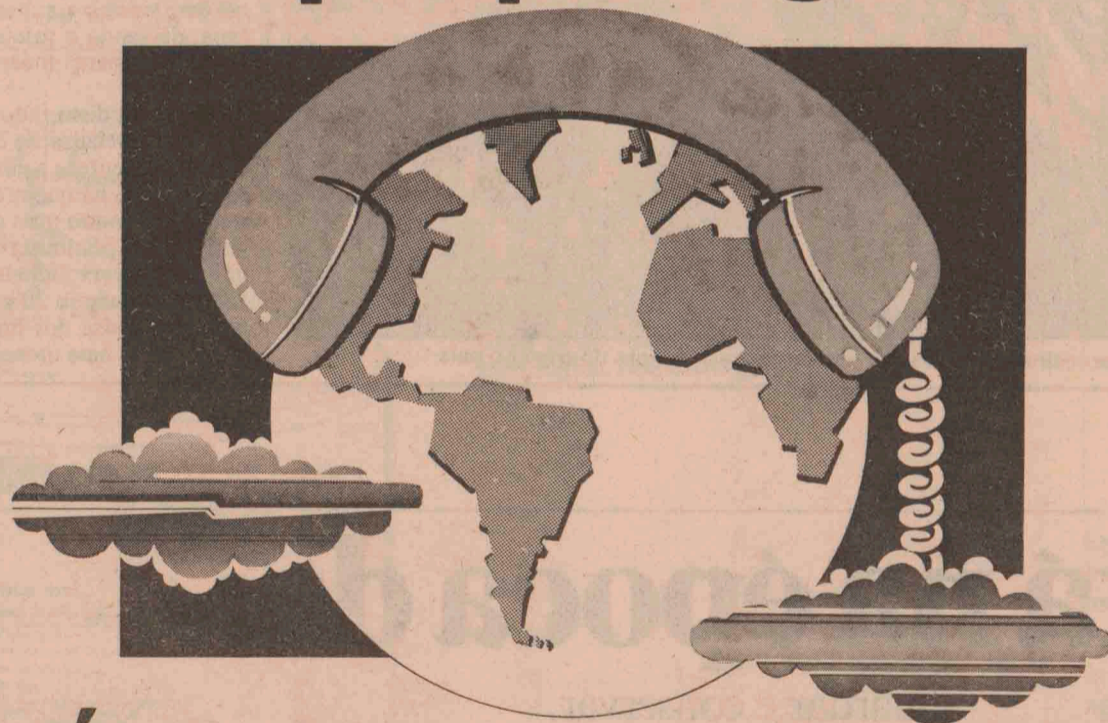
E onde os franceses estão diminuindo seus gastos já que seu poder de compra cai? Em dois itens: em roupas e principalmente em alimentação. Neste último caso, em 1959, 34,1 por cento do orçamento familiar era destinado à comida (muitos alimentos aqui são derivados ou são compostos de uma maneira ou de outra pela soja). Em 1983 a porcentagem já era de apenas 20,9 por cento e a previsão até 1990 é que ela fique estacionada em torno de 20 por cento.

Evidentemente existem outros fatores econômicos que permitem mais informações, porém, com estes 6 pontos já é possível fazer uma rápida análise. Embora a inflação pequena, o poder de compra dos franceses não está conseguindo acompanhá-la. E mais, os outros parceiros comerciais da França estão com uma inflação menor. Isto significa dizer que a França tem dificuldades para vender seus produtos para fora de seu território (são muito caros quando chegam aos outros países). Então temos, de um lado, os franceses diminuindo seu poder de compra rapidamente e sofrendo seriamente com a inflação e a alta do dólar, e do outro lado uma dificuldade para vender os produtos aos outros países.

Para a agricultura francesa uma consequência direta e ruim é a diminuição significativa no consumo dos alimentos, mas também a indústria sofre por falta de consumo. Tudo isto faz sobrar produto que precisa ser estocado. Estoques que custam dinheiro aos governos. Mas também elimina empregos já que é necessário baixar a produção por falta de consumo. Eis um dos porquês do crescimento do desemprego na França. Aliás, é o tema que mais debate ocasiona hoje por aqui, depois do dólar.

E o dólar por sua vez, na medida em que desvaloriza o franco a cada semana, agrava a dívida externa da França e sua balança comercial, pois tudo o que importa é cada dia mais caro e as exportações estão difíceis. A medida mais lógica e rápida é conter as importações até o ponto suportável. Como a alimentação é o principal item a ser diminuído, como está sobrando produto agropecuário, e fazer e financiar os estoques (em dólares) está cada vez mais caro, a França tende a diminuir as compras de alimentos no exterior, como

Vá de telefone a qualquer lugar.



É muito mais economia por km ligado.

Usando o telefone, você está usando a cabeça. Porque o uso do telefone significa economia. E, principalmente, quando se trata de comunicação com outra cidade, seja lá onde for.

Por exemplo, você pode, freqüentemente, ter de viajar a negócios. Usando o telefone, você pode se comunicar com quem quiser e deixar tudo pronto, confirmar horários, hotéis e tudo o mais, sem sair de casa.

Aliás, muitas vezes, um telefonema pode até mesmo lhe poupar uma viagem.

É muito mais prático e seguro. Utilize o telefonema interurbano. Com ele, você economiza combustível, tempo e dinheiro.

CRT COMPANHIA RIOGRANDENSE DE TELECOMUNICAÇÕES

Vinculada à Secretaria de Energia, Minas e Comunicações



Dólar ajuda a agravar a situação

por exemplo o farelo de soja do Brasil. Um dos resultados desta atitude aí no Brasil é que os preços da soja caem para o produtor brasileiro, pois os consumidores diminuem as suas compras. Mas isto é uma outra parte da história. (Veja Cotrijornal de julho).

O DÓLAR

O governo francês vem de aprovar o orçamento para 1985 e nele consta um aumento considerável dos combustíveis para o próximo ano, além de aumentos em outras taxas. É bom lembrar que, como no Brasil, aqui também o preço do combustível carrega junto uma forte dose de taxaço.

O aumento das taxaço em geral é para compensar o déficit orçamentário previsto em função do aumento do dólar. Entre os gastos que a França tem estão os "subsídios" para estocagem dos produtos agrícolas que sobram, bem como recursos para o orçamento agrícola da CEE e para a comercialização externa de seus produtos agrícolas. Como o custo de produção é alto na França, os produtos agrícolas são exportados pela metade do preço real em média, sendo que a outra metade os cofres públicos franceses é que sustentam.

Ora, enquanto o dólar não baixar, a situação torna-se cada

vez mais difícil. E, até novembro próximo, dificilmente a tendência se modificará, pois Reagan (o presidente dos EUA) para se reeleger precisa manter baixas as taxas de inflação nos EUA. Só consegue isto retirando os dólares do mercado e criando sistemas de venda de títulos públicos de forma compensadora. Não será surpresa se até o momento em que os senhores estiverem lendo este artigo o dólar tenha passado os 10 francos.

E, para os senhores terem uma pequena idéia do choque que isto representa na economia européia e em especial na França, vejamos os dados a seguir a propósito do comportamento do dólar (médias anuais, mensais e do dia): 1964 - 4,90 francos; 1974 - 5,23 francos; 1980 - 4,50 francos; 1983 - 7,50 francos; Janeiro/84 - 8,69 francos; 31/08/84 - 8,86 francos; e 18/09/84 - 9,51 francos.

Em quase 20 anos, um aumento de 94 por cento e somente nos primeiros 18 dias de setembro de 1984 uma elevação de 7,3 por cento. É bom lembrar que esta última cifra é praticamente toda a inflação francesa dos últimos 12 meses. Entretanto, além da eleição norte-americana, um outro fator surgiu em setembro e que poderá agravar a já super-valorização do dólar.

A URSS teve, agora confirmado, uma grande quebra na sua colheita de cereais deste ano. Os mais pessimistas afirmam que a mesma chegará a somente 170 milhões de toneladas contra uma previsão inicial de 238 milhões e uma colheita de 190 milhões de toneladas em 1983. Entre o previsto e o alcançado está uma diferença de aproximadamente 28 por cento. Os analistas do departamento de agricultura dos EUA estimam que a URSS deverá importar 43 milhões de toneladas de cereais, sendo que 24 milhões somente de trigo, para 1984/85. Este volume é quase um recorde, só suplantado pelas compras de 1981/82 que chegaram a 46 milhões de toneladas.

Para poder comprar esta diferença no mercado mundial a URSS terá que vender mais um pouco de suas reservas de ouro no mercado internacional, em troca de dólares. Este aumento na procura por dólar auxilia para que o mesmo continue sua escalada.

Isto poderá frustrar qualquer perspectiva de aumento de preços dos cereais e oleaginosas no mercado mundial que poderia ser motivado pela entrada da URSS no mercado comprador. Além disso, existe o problema da super-oferta de alguns produtos primários, como é o caso do tri-

go, a nível mundial. De tal forma que os EUA se adiantaram e já ofereceram à URSS 20 milhões de toneladas de cereais para o ano comercial 1984/85 contra as 12 milhões existentes nos acordos entre as duas grandes potências.

Para a França, mais um grande problema. Por quê?

Um grande problema porque os estoques subsidiados da França, em termos de trigo principalmente, estão altos e caros. E, para complicar, por incrível que pareça, aconteceu uma ótima produção de cereais neste 1984 na França.

Segundo o Instituto Nacional Interprofissional de Cereais (ONIC) a colheita francesa de cereais deverá chegar a 44,4 milhões de toneladas. Um aumento de 20,9 por cento em relação a 1983.

Somente o trigo terá uma colheita de 26,9 milhões de toneladas contra 21,2 milhões em 1983 (mais 26,8 por cento). O motivo, além da área plantada ter crescido em 6,2 por cento, é o grande aumento na produtividade. Os agricultores franceses colheram em 1984 uma média de 6.220 kg/hectare. Um aumento de 19,9 por cento em relação a 1983.

Além do trigo, a cevada também cresceu, em 33,6 por

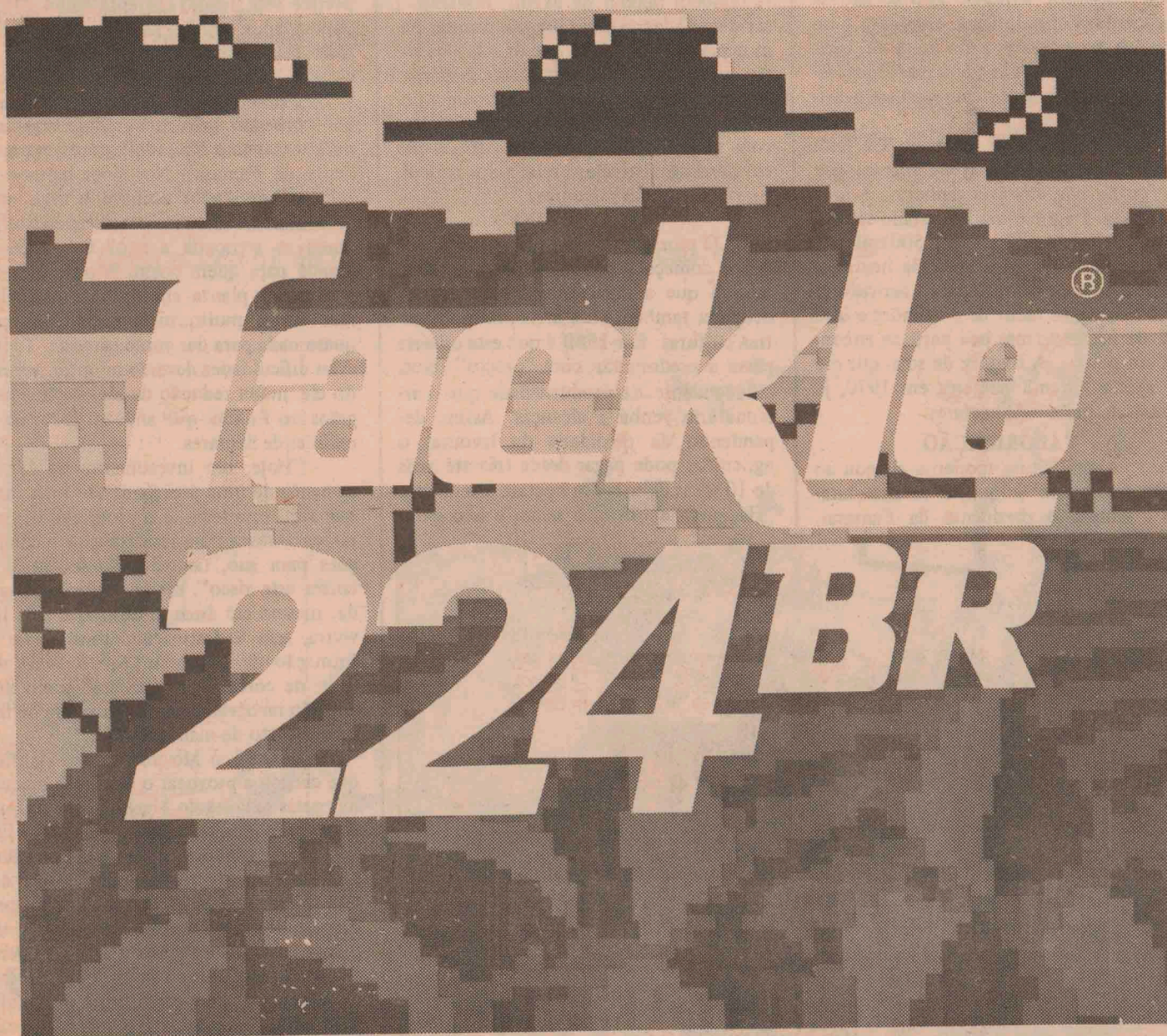
cento na sua produção, chegando a 7,4 milhões de toneladas.

Apenas o milho sofreu uma leve queda de 2,8 por cento, alcançando uma colheita de 8,6 milhões de toneladas.

O fato é que a França terá mais cereais, em especial trigo, para fazer ração para os animais, concorrendo com a soja enquanto o mercado desta não melhorar (isto é, o dólar não baixar). E mais, a França tem como meta exportar 4 milhões de toneladas de trigo em 1984/85 contra apenas 1,9 milhões em 1983/84 e 3 milhões na temporada 1982/83.

Com a quebra da safra da URSS seria o momento de aproveitar, porém, os EUA entraram na frente e já ofereceram seu produto aos soviéticos. E de mais a mais, é a CEE que decide os negócios de cereais em nome de seus países membros, através de um Conselho de Ministros, representantes de cada país membro. E os EUA, através de um acordo firmado, só permite que os europeus ocidentais exportem trigo até 14 por cento do mercado mundial.

Esta realidade irá forçar novos istos por parte da CEE para não ter seus estoques e com isto deverá fazer aumentar a crise econômica existente na França especialmente.



Tackle 224^{BR} é o resultado da mais moderna tecnologia em herbicidas. É totalmente seletivo.

Controla o maior número de invasoras de folhas largas, inclusive as mais resistentes, como o Joá, Amendoim Bravo ou Leiteiro. Previne as inversões florísticas, ou seja, o aparecimento anormal de espécies vegetais, provocado pelo uso contínuo dos mesmos herbicidas. Pode ser usado tanto no plantio convencional como em plantio direto. E tem o menor custo entre todos os herbicidas existentes hoje para o controle de folhas largas da soja.

Só Tackle 224^{BR} pode oferecer todas essas vantagens juntas, porque só ele tem ingrediente ativo desenvolvido especificamente para uso em soja, e incorporado à sua fórmula numa concentração cientificamente programada: nem a mais, nem a menos. Por tudo isso, nesta safra, programe Tackle 224^{BR}.

O herbicida indispensável em todo programa de combate às invasoras de folhas largas.



São Paulo - SP:
Av. Maria Coelho Aguiar, 215-Bloco B - 5º andar
CEP 05804 - Telefones: (011) 545-4305 e 545-4310
Telex (011) 24441

Porto Alegre - RS:
Rua Florêncio Ygartua, 200 - Conj. 4 CEP 90000
Telefones: (0512) 22-8759 e 22-0215 - Telex (051) 1747

Londrina - PR:
Av. Paraná, 343 - 8º andar - Sala 801 - Edifício Satélite
CEP 86100 - Telefone: (0432) 23-3443 - Telex (043) 2583

O herbicida base no combate às invasoras de folhas largas da soja.

O drama dos que produzem em terra emprestada

O Mato Grosso do Sul tem uma nova "moeda" em circulação, desde o início desta década. É a soja, utilizada como pagamento dos arrendamentos de terras cedidas a gaúchos, paranaenses, catarinenses. O proprietário rural daquele Estado preferiu deixar de lado o pagamento em dinheiro, e agora cobra do arrendatário em sacas do produto, certo de que esta é a melhor forma de assegurar sua renda. Só que poucos arrendatários estão suportando este critério, num momento em que plantar soja mesmo em terra própria já é bastante difícil. Afinal, quem poderá ter algum lucro, com até 20 por cento de sua safra comprometidos com o arrendador?

A situação do arrendatário do Mato Grosso do Sul é danada de ruim, e atinge muitos agricultores que, plantando em terra alheia, contribuíram para a expansão da lavoura, num Estado onde até pouco tempo quase tudo era mato. O arrendatário derrubou o cerrado, introduziu a agricultura modernizada, forçou a abertura de estradas e fez com que antigos vilarejos se transformassem em cidades. Hoje, ele se vê obrigado a abandonar áreas que vinha ocupando em constante rodízio, e segue, quando pode, rumo ao Norte, à procura de terras menos caras.

São muitos os fatores que põem os arrendatários sob alarme no Mato Grosso do Sul, a iniciar pelo encarecimento dos custos da lavoura, em função principalmente dos altos juros do crédito rural. E este salto nos custos da agricultura, que acontece no fim da década de 70, terminou coincidindo com a supervalorização das terras do Estado destinadas a arrendamentos. De repente, os proprietários se deram conta de que suas áreas poderiam garantir uma boa receita, e passaram a cobrar bem pela terra emprestada.

DESBRAVADORES
O presidente da Federação da Agricultura do Mato Grosso do Sul — a Famasul, Otair Ávila, relembra o processo de ocupação do Mato Grosso do Sul pelos arrendatários, e observa que o quadro geral hoje é de fato bem diferente do que se registrou nos anos 70. Na década de 70, e também antes, nos anos 60, o agricultor gaúcho que subiu em direção ao Centro do país tinha, como grande desafio pela frente, a abertura de áreas no cerrado. Este gaúcho, que foi seguido depois por paranaenses, precisava provar, naquela época, que possuía a mesma capacidade de trabalho dos imigrantes que colonizaram a hoje zona da soja do Rio Grande do Sul, onde o minifúndio se tornou estreito demais para a agricultura intensiva.

Este desafio foi vencido, pois os desbravadores eram, afinal, em sua grande maioria, descendentes dos colonizadores alemães, italianos, poloneses. Não havia estrada por perto, nem luz, e até mesmo a estrutura de comercialização era frágil, na maior parte das regiões ocupadas. Mas havia crédito subsidiado e a promessa de que a soja ainda garantiria bons ganhos por bastante tempo. Os fertilizantes também eram subsidiados, os combustíveis

não pesavam tanto. E até para corrigir a terra havia crédito especial.

PIQUE DE 75 A 78

Otair Ávila acredita que o pique neste processo de ocupação de áreas por arrendatários ocorreu na segunda metade da década, em especial de 1975 a 78. Naquele período, o governo liberou muito dinheiro, através do Polo-Centro, um programa destinado a oportunizar a abertura de lavouras no cerrado. O mato foi sendo destocado, graças a financiamentos com apenas seis por cento de juro ao ano. O pecuarista, dono da terra, entregava a tarefa ao arrendador, e no final de cada contrato, de três, cinco ou mais anos, recebia a área de volta com pastagem formada.

A formação de pastagem era feita como pagamento do arrendamento, que até então não envolvia dinheiro. A área destinada à agricultura no Estado saltou, neste período de 75 a 78, de 500 mil hectares para 1 milhão e meio de hectares. Hoje, a área desbravada para a agricultura deve andar ao redor de 3 milhões e 700 mil hectares, mas boa parte se encontra em pouso. A lavoura de soja, que era de apenas 86 mil hectares em 1970, já passou do milhão de hectares.

VALORIZAÇÃO

"A agricultura moderna chegou ao Mato Grosso do Sul graças ao arrendatário", admite o presidente da Famasul,



Otair: arrendatário precisa de dois avalistas para ter crédito

lembrando que "somente os que vieram cedo — na época do crédito subsidiado — conseguiram comprar terras". A partir do final da década de 70, o sonho da lavoura própria deixou de rondar a cabeça dos que continuaram se aventurando. Com a abertura de áreas, as lavouras com boa infra-estrutura, solo fértil e corrigido, passaram por uma rápida valorização.

É isto aconteceu porque desapareceu o crédito subsidiado, e o dinheiro para investimentos — como o destocamento — também deixou de existir. Passaram a ser disputadas as áreas limpas, prontas para o plantio, e é claro que as relações entre arrendador e arrendatário chegaram a uma nova fase. É aí que se inicia a cobrança do arrendamento em dinheiro, com reajustes fixados em valores, e não em percentuais (veja o relato dos agricultores nas páginas seguintes).

"UM ABSURDO"

O pior viria depois, quando o arrendador começa a cobrar por saca de soja, mesmo que a área emprestada estivesse ocupada também com arroz, milho e outras culturas. Em 1980 é que este critério passa a predominar, com "preços" fixos, independente da produtividade que o arrendatário venha a alcançar. Assim, dependendo da qualidade da lavoura, o agricultor pode pagar desde três até mais de 10 sacas de soja por hectare arrendado. "Há quem cobre oito sacas, e isso é um



O desmatamento, no cerrado, pode ter hoje um custo mais alto do que o próprio valor da terra, e não é financiado

absurdo", afirma Otair Ávila, que teme pelo futuro da agricultura no Estado, pois ela depende do arrendatário.

Ele observa que a situação chega a ser um pouco confusa no momento. O arrendatário está deixando boa parte das terras que ocupava, e ao mesmo tempo o arrendador tenta conseguir outros agricultores para ceder a lavoura. A inflação nos preços teria chegado então a um limite, que já não interessa a quem é dono e tampouco a quem é arrendatário. Mesmo porque este último enfrenta ainda outras dificuldades, criadas não só pelo proprietário, mas também pelos bancos.

DOIS AVALISTAS

"Hoje, quem é arrendatário tem que conseguir pelo menos dois avalistas, para ter custeio liberado", afirma o presidente da Famasul. Nos bons tempos, o próprio arrendador assinava o aval, mas hoje, com os altos custos da agricultura, quem se arriscaria a isto? O entrave é grande para quem possui lavoura própria e também planta em terra emprestada, mas atinge muito mais quem não tem quase nada para dar como garantia. Todas estas dificuldades deverão implicar, segundo ele, numa redução da área destinada a grãos no Estado, que anda ao redor de 2 milhões de hectares.

"Hoje, um investimento no destocamento de uma área pode sair mais caro que a própria terra, e o proprietário, sem poder contar com arrendatários em condições para isso, também não se dispõe a correr este risco", diz Otair Ávila. A saída, mesmo em áreas já utilizadas para lavoura, será a destinação dessas terras à formação de pastagens, para criação de gado de corte, "que é no momento um negócio razoável, e com a vantagem de ter menor custo de manutenção".

Durante o Movimento Pró-Plantio, que chegou a provocar o desfile de máquinas pelas cidades do Mato Grosso do Sul, entre julho e agosto, as lideranças do Estado fizeram vários apelos em nome dos arrendatários, e dentre estes, o fim do aval. Mas, na verdade, nada do que foi pedido sensibilizou o governo federal, e as máquinas voltaram à lavoura. O presidente da Famasul chega a prever que, dentro de pouco tempo, a camada marginalizada do Estado terá o inevitável reforço de ex-arrendatários que, aliás, já integram alguns acampamentos de "sem-terra".

Relações ainda precárias

FAZENDA EM BANDEIRANTES
Vende-se uma área de 160 hectares, topografia acidentada, casa de alvenaria c/água encanada e luz, curral c/boleia, beira de rio, terra de primeira, 4 nascentes, divisões inter-nas, pomar, toda cercada, formada de jaraguá e brachiária, uma cachoeira p/lazer. Tratar: 382-7568 ou Av. Júlio de Castilho, 1.162, Creci 187-J.

FAZENDA RIO VERDE
Vende-se uma área de 100 hectares, a 5 km de Rio Verde, frente p/asfalto, boa de água, terra mista. Preço: Cr\$ 250.000,00 p/hectare. Tratar: 382-7568 ou Av. Júlio de Castilho, 1.162, Creci 187-J.

FAZENDA RIO NEGRO
Vende-se uma área de 96 hectares, terra mista, boa de água, toda formada de jaraguá e brachiária, toda cercada. A 180 km de Campo Grande. Tratar: 382-7568 ou Av. Júlio de Castilho, 1.162, Creci 187-J.

FAZENDA EM BANDEIRANTES
Vende-se uma área de 160 hectares, topografia acidentada, casa de alvenaria, galpão, melhor pesqueiro da região, 1 casa de mandioca, banana, etc. Dist. 100 Km de C. Grande. Preço: Cr\$ 21 milhões a combinar. Tratar: fone 624-8434 c/Plínio, Creci 1.104.

2.000 HA P/PECUÁRIA
Toda cercada, com várias divisões, 1.800 ha encanada em brachiária, sede boa com água gado, topografia plana, 1.500 cabeças de mista de 1.ª Cr\$ 500.000,00 por ha. Imobiliz. 382-1621, Creci 74-J, AEI-005, F-E/025.

881 HA CAMAPUA
Toda formada sendo 65% em brachiária de cumes e restante em humidicula, jaraguá, queijos, sede de tabua, pomar, maniqueiro.

As empresas do setor imobiliário do Mato Grosso do Sul ainda não começaram a lidar com arrendamentos, e este é um dos sinais de que o negócio ainda não conta com a estrutura que este ramo mantém, por exemplo, na área urbana. As imobiliárias intermediam a venda de propriedades, mas raramente se envolvem em arrendamentos. "Se eu entrar numa história destas, quem me garante que, a cada safra, eu poderei contar com minha parte", afirmam um corretor de Campo Grande. Para ele, este tipo de transação ainda é precário, e acontece diretamente entre os interessados.

Os arrendamentos vinham sendo, de fato, resolvidos sem intermediações, e sem muita burocracia. Os contratos podem ter mais de 10 folhas de papel ofício, mas podem também ter apenas meia folha, sem especificar muita coisa. Afinal, até o final da década de 70 o negócio vinha sendo bom para ambas as partes. De repente, no entanto, a coisa se complicou, e os riscos exigem ao mesmo tempo maiores cuidados. O retorno de um arrendamento pode não ser tão tranquilo como antes.

A tendência agora, pelo que se prevê, é a de que o arrendador será mais cuidadoso ao emprestar suas terras. Todos sabem que não são poucos os arrendatários inadimplentes, que não conseguem saldar suas dívidas nos bancos. Esta é, enfim, a situação de boa parte dos agricultores do Mato Grosso do Sul e de outros

Estados, mesmo que tenham lavouras próprias. Há exemplos de arrendatários que devolveram áreas, antes do final dos contratos, simplesmente porque não poderiam continuar tocando a lavoura.

Mas é agora que os anúncios com propostas de arrendamentos aparecem bem mais nos jornais do Estado. Isto porque, segundo o presidente da Famasul, Otair Ávila, muitos arrendadores correm atrás de novos arrendatários, depois de perderem os que ocupavam suas terras. É claro que os interessados existem, mas não como na década passada. E, enquanto eles continuam escasseando, cresce o número de anúncios com ofertas que poucos se arrisgam a aceitar.

ANO	RELAÇÃO ENTRE TOTAL DOS ESTABELECIMENTOS E AS ÁREAS PRÓPRIAS					
	Estabelecimentos (Total Estado)	Área Total recenseada (ha)	Estabelecimentos próprios	% sobre nº total	Área (ha) dos próprios	% sobre área total
1970	106.104	45.572.567	52.803	49,76	41.937.326	91,66
1980	48.036	30.660.851	32.482	69,21	28.335.942	92,41
ANO	RELAÇÃO ENTRE TOTAL DOS ESTABELECIMENTOS E AS ÁREAS ARRENDADAS					
	Estabelecimentos (Total Estado)	Área total recenseada (ha)	Estabelecimentos arrendados	% sobre nº total	Área (ha) arrendada	% sobre área total
1970	106.104	45.572.567	23.391	22,04	1.530.704	03,34
1980	48.036	30.660.851	5.962	11,84	1.250.409	04,07

*Os números de 1970 são referentes ao Estado de Mato Grosso antes da divisão ocorrida em 1977. Os dados de 1980 se referem ao Mato Grosso do Sul. Fonte: Anuário Estatístico do Brasil 1970 e 1980.

Mais de 10% da lavoura estão em área arrendada

Mas é no Mato Grosso do Norte que há mais terras arrendadas ao pessoal do Sul

Os censos realizados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) dão uma idéia da situação do arrendatário no Mato Grosso do Sul. Mas é claro que não será apenas com números que se poderá medir a importância destes agricultores para o setor primário e a economia do Estado. Mesmo porque os censos não levam em conta muitos dos produtores que arrendam terras na base da confiança, da amizade, sem a assinatura de contratos.

O Censo de 1980 mostra que dos 3 milhões e 615 mil hectares de lavoura do Estado, 416 mil estão em áreas arrendadas, o que corresponde a 11,50 por cento. Neste caso, não se leva em conta as propriedades mistas, onde há parceiros, ocupantes e arrendatários misturados. Os números revelam ainda que, no total, a participação dos arrendatários não chega a ser expressiva. Eles ocupam 11,84 por cento dos estabelecimentos do Estado (veja o quadro abaixo), que é a mesma média geral do país, e apenas 4,07 por cento de toda a área recenseada, e que inclui, é claro, também as terras ociosas, sem aproveitamento.

CRESCIMENTO

Em 1970, quando o Mato Grosso era apenas um único Estado, depois divididos ao meio em 1977, os estabelecimentos arrendados somavam 22,04 por cento do total das propriedades. A queda para 11,84 por cento em 1980, considerando-se aí os dados somente do Mato Grosso do Sul, talvez possa ser explicada. Acontece que, de acordo com o Censo de 80, o outro Mato Grosso, o do norte, ficou com a maior fatia dos arrendatários.

O Censo indica que aquele Estado tem 17 por cento de suas propriedades arrendadas. É interessante observar que, se os dois Estados continuassem sendo um só, em 1980 eles totalizariam 1 milhão e 900 mil hectares de terras arrendadas, contra 1 milhão 530 de 1970. Em 10 anos, somados os dois Estados, a área arrendada cresceu uns 370 mil hectares, uma extensão bem superior ao que se planta de soja em toda a Região Pioneira da Cotrijui, onde esta lavoura chegou a 287 mil hectares na última safra. A comparação é feita apenas para que se possa ter uma idéia do crescimento da área arrendada.

PARTICIPAÇÃO

Há regiões do Mato Grosso do Sul onde a concentração de arrendatários é grande, especialmente nas áreas de lavoura, mais para o Sul do Estado. Em Rio Brilhante, por exemplo, dos 632 estabelecimentos recenseados em 1980, 215 estavam arrendados, e a área ocupada equivalia a quase 10 por cento do total. Há também muitos arrendatários em Dou-



Ermínio: há muita terra ociosa no Estado

rados, Sidrolândia, Maracaju e outros municípios da área de ação da Cotrijui, que se caracterizam pela exploração da agricultura e onde são muitos os pequenos e médios produtores.

Na região de Dourados, onde gaúchos e paranaenses são encontrados com facilidade, há uma boa amostra da participação do arrendatário na agricultura. Segundo Ermínio Guedes dos Santos, coordenador técnico da unidade, uns 30 por cento da produção que a Cooperativa recebe dos municípios ao redor são provenientes de áreas arrendadas. O agricultor do Mato Grosso do Sul, mesmo que tenha um pedaço de terra própria, quase sempre é também um arrendatário, e isso explica esta participação.

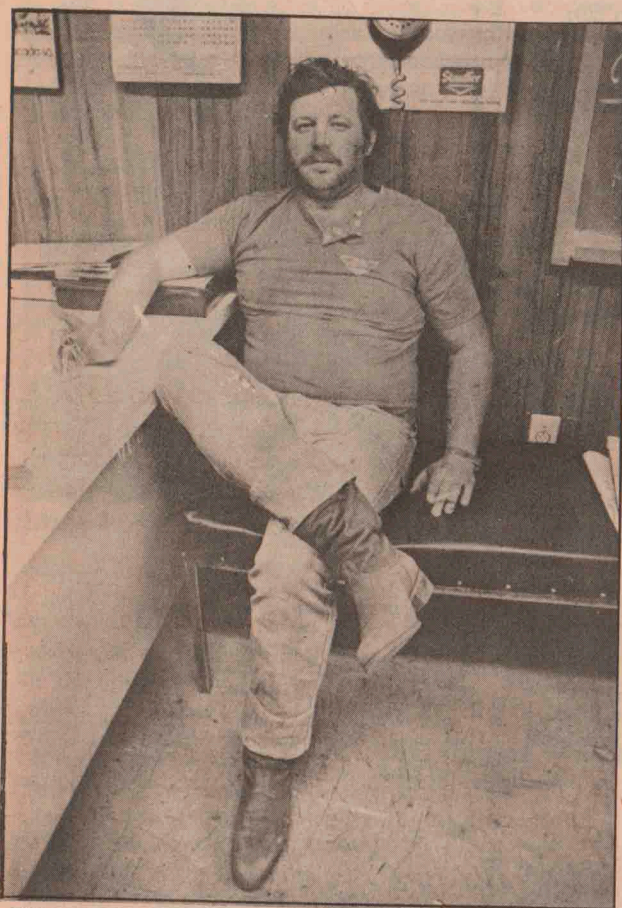
"OCUPANTES"

Eles poderiam produzir bem mais, se o acesso à terra não estivesse cada vez mais difícil. Os 30 milhões e 660 mil hectares ocupados com a agropecuária no Estado, conforme o Censo do IBGE de 1980, são muito pouco do que o MS ainda tem de terra potencialmente produtiva. Segundo Ermínio, até agora teriam sido explorados com a agricultura apenas sete por cento de toda a área que poderia ser dedicada à produção. Hoje, cinco por cento deste total estariam em atividade, e dois por cento em pouso, em descanso.

Há muita terra sem uso, e há também muita gente sem terra. O IBGE revela que haviam, em 1980, mais de 6 mil áreas tomadas por agricultores classificados como "ocupantes". São posseiros, que na época ocupavam nada menos de 513 mil hectares. Eles não possuem título de propriedade, e estão em áreas antes ociosas. Há entre estes ocupantes muitos ex-arrendatários. Outros, que não conseguem ter acesso a terras devolutas, seguem para o Norte ou formam acampamentos à beira das estradas, como acontece no Rio Grande do Sul.

A família que abriu 2.500 hectares

Depois de desbravar meia fazenda, eles seguem para Goiás e Maranhão



Eldo: disposto a comprar terras no Maranhão

Em 12 anos, a família do gaúcho Fidêncio Antônio Vieira conseguiu transformar em terras produtivas nada menos de 2.500 hectares no Mato Grosso do Sul. E tudo às custas de arrendamentos que tiraram milhares de sacas de soja e arroz de áreas onde antes havia apenas mato. Hoje, seu Fidêncio e os seis filhos, que chega-

ram juntos a Maracaju, em 1972, estão esparramados. Ele e dois filhos estão em Goiás, outros dois estão no Maranhão e os dois últimos permanecem no Mato Grosso do Sul. Quase todos cansados de ser arrendatários.

Eldo Miguel Vieira, de 31 anos, é um dos que ficaram em Maracaju, onde a família, que saiu de Carazinho, começou arrendando 340 hectares para plantar soja e arroz, em 72. Seu Fidêncio vendeu 30 hectares no Rio Grande do Sul, comprou uma chácara de 10 hectares e decidiu se aventurar como arrendatário, junto com os filhos. A terra arrendada, onde Eldo está até hoje, pertence a uma só família, que possui uma fazenda de 5.600 hectares. Quando eles chegaram, havia muito cerrado e apenas gado na área. Hoje, metade da propriedade é agricultável.

10 CONTRATOS

Eldo relembra que sua família assinou, até agora, 10 contratos de arrendamentos, sempre com os mesmos donos da fazenda. No início, os contratos previam apenas que o pagamento da terra seria feito, ao final do arrendamento, com a formação de pastagens. Mas no final da década

de 70 o pagamento passou a ser feito em dinheiro, e agora, nos últimos anos, o arrendamento só é pago na base da saca de soja.

Em 1975, os Vieira conseguiram comprar a primeira lavoura, mas fora do Estado. São 2.640 hectares, no Maranhão, adquiridos com o dinheiro ganho nas safras de soja e arroz. Em 76, mais 200 hectares foram comprados, de terra virgem, a Cr\$ 6 mil o hectare, em Maracaju. Eldo decidiu plantar por conta, desligando-se do pai, em 1979, quando arrendou 220 hectares de terra virgem. Este arrendamento lhe custava Cr\$ 800,00 em 79, com reajuste de Cr\$ 100,00 ao ano. O contrato venceu e foi renovado, por mais dois anos, mas o custo é outro: cinco sacas de soja em 83, e seis sacas este ano.

DESISTINDO

Em 81, ele arrendou mais 210 hectares de terra virgem, da mesma fazenda, por Cr\$ 2 mil o hectare e reajuste anual de Cr\$ 1 mil, num prazo de cinco anos, que vence em 86. Para abrir esta terra, ele teve que utilizar um trator de esteira que trabalhou 300 horas, o que equivale a 12 dias e meio de serviço, sem parar. Finalmente, em 83, comprou seu primeiro pedaço de lavoura: 130 hectares, a Cr\$ 400 mil o hectare, já pagos com soja e dinheiro. Eldo planta atualmente nesses 560 hectares (duas áreas arrendadas de 220 e 210 hectares, e mais a própria de 130 hectares), mas talvez não fique por muito tempo em Maracaju. "Acho que não vale a pena renovar os contratos, pagando cinco sacas por hectare", diz ele, lembrando que explorar apenas os 130 hectares que lhe pertencem também não será bom ne-

gocio. O agricultor possui cinco tratores, uma colheitadeira, um caminhão (mais uma camioneta e um carro de passeio), e entende que conseguiu uma estrutura que não pode ser desperdiçada.

MARANHÃO

Se for para plantar em apenas 130 hectares, ele prefere então tentar a mesma sorte do pai. Seu Fidêncio está em Goiás, desde o início deste ano, onde comprou 600 hectares na região de Gurupi, depois de vender os 200 hectares adquiridos em Maracaju em 76. Esta área do MS, onde o hectare lhe custou Cr\$ 6 mil naquela época, foi vendida por Cr\$ 160 milhões (Cr\$ 800 mil o hectare). Também este ano seu Fidêncio entregou os últimos 250 hectares arrendados da fazenda de Maracaju. Ele vai plantar soja e arroz em Goiás, com outros dois filhos, e também irá explorar com as mesmas culturas os 2.640 hectares comprados em 75 no Maranhão, onde estão outros dois filhos. Eldo e outro irmão, que ficaram no Mato Grosso do Sul plantando em separado, podem seguir o mesmo rumo. A soja rende, em média, 32 sacas por hectare, nas áreas arrendadas, e ele acha muito pagar cinco sacas por hectare para o dono da fazenda.

Se não conseguir arrendamento menos caro, Eldo talvez suba em direção ao Maranhão, disposto a comprar uma fazenda com o dinheiro dos 130 hectares. Segundo ele, esta terra de Maracaju, que lhe custou Cr\$ 400 mil no ano passado, talvez seja vendida por até Cr\$ 260 milhões. Se isso for possível, o hectare, que valia há um ano pouco mais de Cr\$ 3 mil, terá saltado para Cr\$ 2 milhões.

Proprietário e sem dívidas

Valdemiro Celeste Lago saiu de Júlio de Castilhos, em 1977, para plantar no Paraná, onde ficou apenas um ano. Seguiu depois em direção ao Mato Grosso do Sul, com quatro amigos, e somente ele terminou ficando, em Rio Brillante. Ali, na localidade de Arroeira, ele planta hoje em duas áreas arrendadas de 280 e 250 hectares, e possui 221 hectares próprios. Este ano, sua lavoura de soja deve ficar numis 700 hectares, mas apenas a metade será financiada, porque - como diz Valdemiro - "o juro do crédito rural está velhaco".

"Quando decidi ficar no Mato Grosso do Sul, meus amigos disseram que eu estava louco", relembra este gaúcho de 35 anos. Valdemiro chegou solteiro e com apenas um trator velho, mas muita vontade de provar que sua aventura poderia dar certo. Ele terminou casando com uma gaúcha, dona Eleni, que também é de Júlio de Castilhos e tem três filhos. Trabalha com seis empregados, mantém uma frota de três colheitadeiras, cinco tratores e três veículos utilitários, e deve ao banco apenas



Valdemiro: juro está velhaco

Cr\$ 8 milhões, referentes ao empréstimo de uma das automotri- zes.

GADO DE CORTE

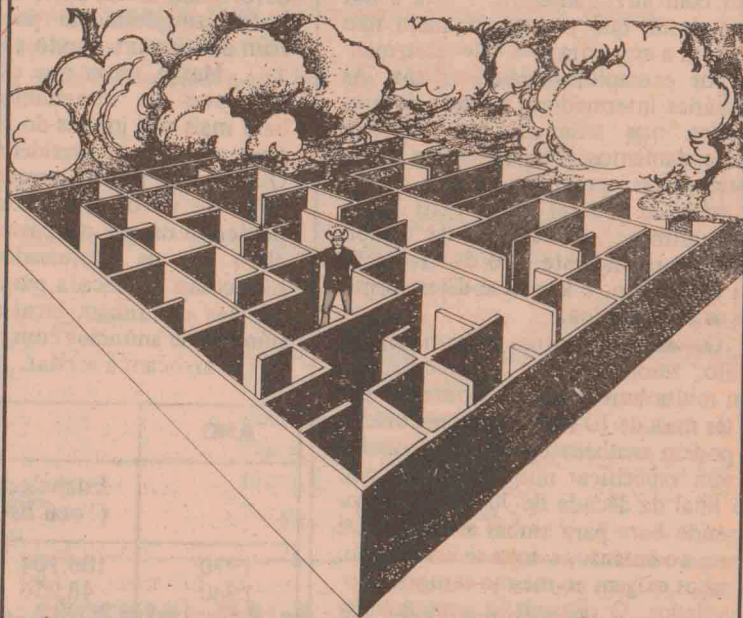
No início, foi difícil, pois a seca comprometeu as duas primeiras safras de arroz e soja, e Valdemiro teve que penhorar uma colheitadeira para pagar o arrendamento de uma área de pouco mais de 100 hectares. Mas no quarto ano ele conseguiu comprar 63 hectares, e há dois anos mais 148, totalizando os 211 hectares próprios. A soja ocupa quase toda lavoura, onde também são plantados arroz, milho, feijão. Este ano, ele deci-

diu entrar na criação de gado de corte, comprando umas 120 cabeças de vacas e terneiros.

"Com os custos da agricultura, a saída é deixar meio a meio, com lavoura e pecuária, e de preferência com recursos próprios", afirma Valdemiro. Os custos dos arrendamentos pesaram bastante nesta decisão. Em 1977, ele pagava apenas Cr\$ 300,00 pelo hectare, e este valor era corrigido anualmente na base de Cr\$ 100,00. A partir de 82 o pagamento passou a ser feito em sacas de soja. Agora, uma área lhe custa três sacas por hectare, e a outra seis.

A lavoura paga com três sacas tem contrato até o próximo ano, e o dono já anunciou que irá pedir sete sacas. O contrato da outra, de seis sacas, vencerá somente em 1988. Valdemiro já está pensando em arrendar apenas esta lavoura, e entregar a primeira, em função do aumento de preço. "Hoje, para se pegar um arrendamento, é preciso ter recursos próprios", garante ele. "Sem recursos, o agricultor não conseguirá tocar a lavoura, e no fim da safra estará quebrando".

NÃO SE PERCA COM A EROSÃO



ENCONTRE A SAÍDA CERTA COM DUAL

CIBA-GEIGY

052/84

Os bons tempos das terras quase de graça

Hoje, é preciso sonhar menos e ter mais cautela

“O arrendatário é um corajoso”. Quem diz isso é Remi Bruno Eidt, outro gaúcho que chegou ao Mato Grosso do Sul em 1973, junto com o pai, Bruno Eidt, e está entre os que têm uma história feliz para contar. Ele planta em 153 hectares próprios, na localidade de Itahum, em Dourados, e arrenda mais 50 hectares de propriedade do pai, numa área lindeira. Remi relembra que ele e seu Bruno foram para o MS para arrendar 800 hectares, em Ponta Porã, onde plantaram soja e também arroz, por sete anos.

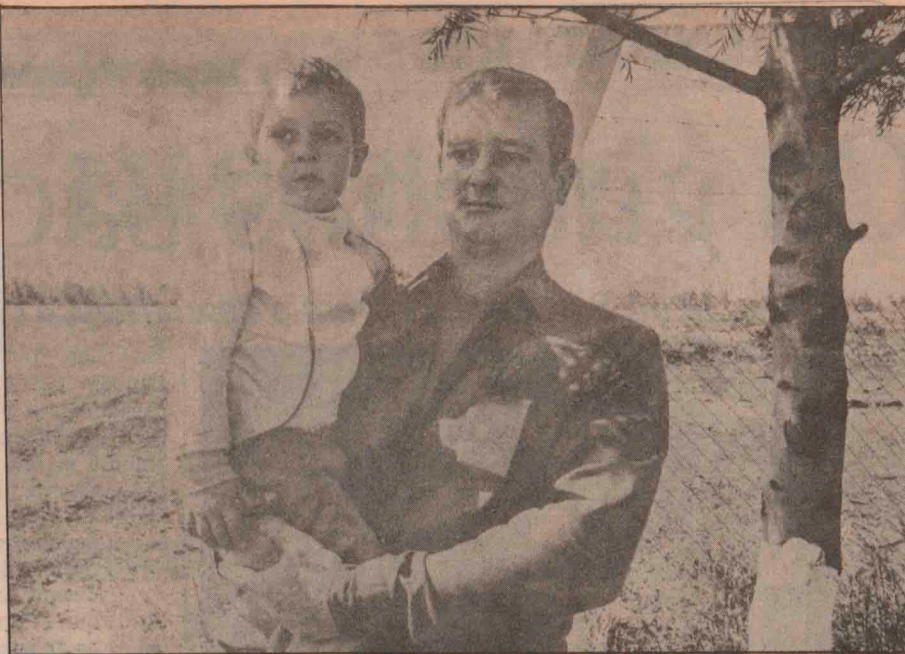
“Em 1974 — conta ele — meu pai vendeu 87 hectares que possuía em Ijuí, e compramos 160 hectares em Dourados, mais algum maquinário”. Esta terra foi adquirida por cerca de Cr\$ 400 mil, e eles continuaram plantando na área própria e na lavoura arrendada. Em 1979, foram comprados mais 300 hectares, em

Itahum, onde ele planta hoje, e a terra arrendada foi então deixada de lado. Em 81, seu Bruno voltou ao Rio Grande, e Remi continuou explorando parte da área do pai, na condição de seu arrendatário.

POR Cr\$ 13 MIL

Ele admite que as áreas adquiridas no Mato Grosso do Sul foram conseguidas com os recursos resultantes da lavoura arrendada. A terra comprada em 79 foi quase de graça, pois cada um dos 300 hectares saiu por uns Cr\$ 13 mil. Hoje, Remi planta soja e um pouco de milho, arroz, mandioca e outras culturas para o próprio consumo, mantendo ainda algumas vacas de leite.

As áreas próprias e a que pertence ao pai, em Itahum, são de boa qualidade, e estão localizadas a apenas 70 quilômetros de Dourados, com energia elétrica e estrada perto. É claro que sua situação é



Remi: hoje, o arrendatário já não consegue realizar investimentos

exemplo de arrendatário bem sucedido, que não pretende deixar o Estado e tampouco vender a terra para se arriscar em outras regiões. Mas a época em que se chegava ao sucesso está longe, reconhece ele, que paga cinco sacas de soja por hectare, pelo arrendamento dos 50 hectares de propriedade de seu Bruno.

SEM SEGURANÇA

“Atualmente, ninguém deve arrendar terras por um prazo inferior a cinco anos, pois um período menor não oferece retornos”, afirma Remi. Ele também observa que hoje não há as mínimas condições para que o arrendatário invista na terra, e assim tire melhores resultados da lavoura. O calcário, por exemplo, não é subsidiado, e o banco nem libera recursos para correção do solo, se o arrendamento for por pouco tempo. “O problema — afirma ele — é que o arrendatário não tem

segurança nenhuma”.

— Há agricultores que arrendam há mais de 10 anos, e conhecem a lavoura muito mais do que o proprietário da terra. Este agricultor deveria receber incentivo do governo para produzir, para realizar investimentos.

Remi dá um conselho a quem ainda pretende se aventurar no arrendamento de terras no Mato Grosso do Sul, pensando em se transformar depois em proprietário. Ele acha que é preciso ter cautela, para que muita gente não termine frustrada. Primeiro, porque está cada vez mais difícil de se conseguir algum lucro na lavoura e pagar o arrendador. E, se ainda sobrar alguma coisa, de qualquer forma não será nada fácil comprar terras agrícolas. Ele, por exemplo, garante que não venderia cada hectare de sua área por menos de Cr\$ 8 milhões.

Outro que se vai, por causa dos filhos



Ervino vai passar o inverno no Mato Grosso e o verão no Rio Grande

Ervino Kuchak, agricultor da Linha 5 Leste, em Ijuí, era um dos passageiros do ônibus da Turijuí que saiu — como faz toda a semana — no dia 17 de setembro com destino a Campo Grande. Mas ele não foi ver parentes ou passear no Mato Grosso do Sul. Ervino é mais um produtor gaúcho a se transformar em arrendatário naquele Estado. Vai plantar em 300 hectares de uma área que até este ano era tomada pelo cerrado, no município de Camapuã, perto de Campo Grande.

O caso de Ervino, que tem

100 hectares em Ijuí, é uma raridade numa época como esta, pois ele conseguiu desbravar os 300 hectares com recursos próprios, gastando Cr\$ 5 milhões só para pagar o serviço do trator de esteira. Em troca, o dono da terra lhe entregou a área para que seja explorada de graça por seis anos. O arrendamento é pago através do serviço de abertura do cerrado, como acontecia nas décadas de 60 e 70.

CLIMA

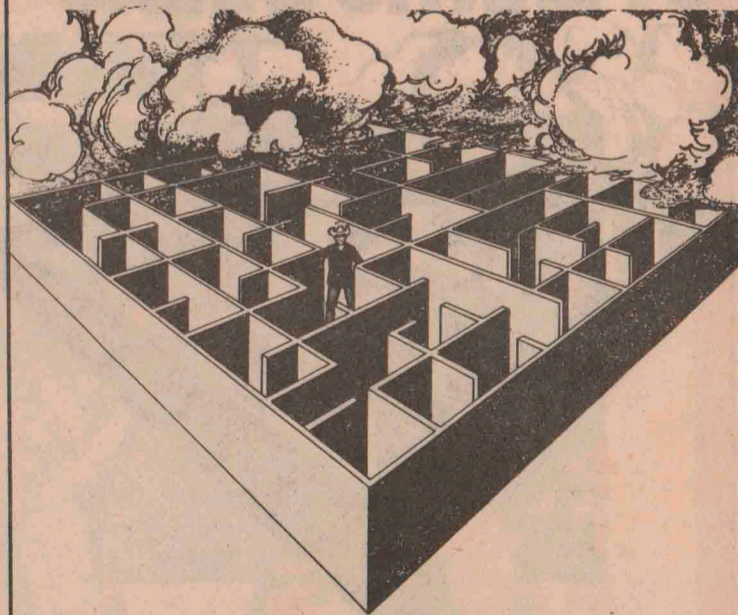
Ervino esteve no Mato Grosso no ano passado, quando

levou uma colheitadeira para colher arroz e soja de outro produtor, mas já pensava em arrendar a terra que ainda era tomada pelo mato. Os 100 sacos de arroz que ele ganhou como pagamento pela colheita serão plantados agora. Depois, nos próximos anos, ele também pretende plantar soja e até trigo. Nesse meio tempo, o agricultor acha que poderá sobrar algo que lhe permita comprar um pedaço de terra.

Ele gosta do clima do Mato Grosso do Sul, e já decidiu: passa o inverno lá, e o verão no Rio Grande do Sul. A família fica, por enquanto, em Ijuí. Em Camapuã, ele vai trabalhar com um parente, contando com a colheitadeira e mais um trator, comprado por Cr\$ 7 milhões e meio, e implementos que lhe custaram Cr\$ 4 milhões e meio. Tudo com dinheiro próprio.

Ervino, que não planeja vender os 100 hectares de Ijuí, tem cinco filhos (três homens e duas mulheres, todos solteiros), e afirma: “Se não fosse por eles, eu não iria lá pra cima”. Se a sorte e muito trabalho continuarem a favor de Ervino, dentro de pouco tempo Ijuí e o Rio Grande terão uma família de polacos a menos.

NÃO SE PERCA COM O PAPUÃ



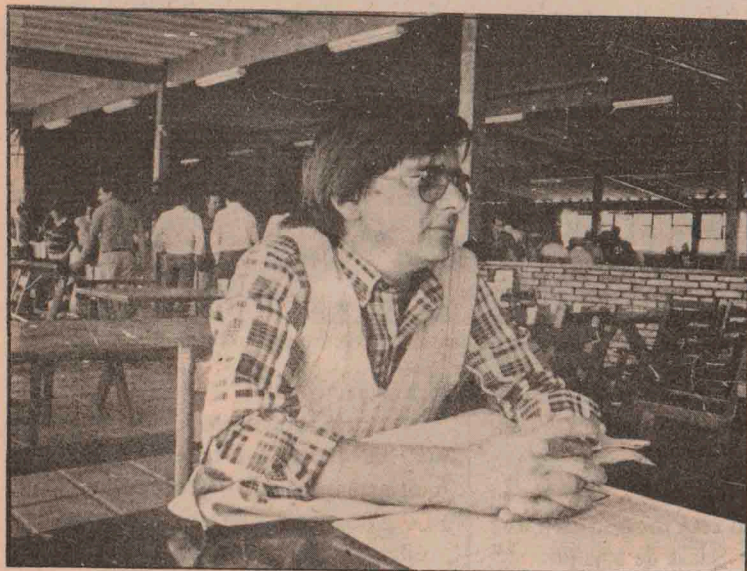
ENCONTRE A SAÍDA CERTA COM DUAL

CIBA-GEIGY

051/84

Os gaúchos são maioria

Pessoal do Sul terminou com a desconfiança provocada pela lavoura



Wagner: esta é a hora de conciliar interesses

A Fazenda São Geraldo, localizada no município de Bonito, a 280 quilômetros de Campo Grande, é um reduto de arrendatários. Dos seus 8.200 hectares, 4 mil estão arrendados a sete agricultores. Também ali os gaúchos estão em maioria: quatro são do Rio Grande do Sul, e os outros três são paranaenses, e todos os sete possuem terras próprias. A fazenda é de propriedade do criador Geraldo Pinheiro, que ocupa o restante da área

com gado de corte e de cria. Ele começou a ceder as terras em 1979, quando a agricultura foi introduzida na fazenda pelas mãos dos arrendatários.

Wagner Monteiro Sá, o administrador da propriedade, lembra que os primeiros contratos, com prazo de três anos, previam o pagamento de duas sacas e meia de soja por hectare. Alguns destes contratos foram renovados em 1982, e o arrendamento teve um reajuste para seis sacas.

Este ano, outros arrendatários também fizeram renovação, mas pagando sete sacas. A terra é boa para agricultura, não precisa de grandes investimentos em correção e garante uma produtividade média de mais de 30 sacas de soja por hectare, segundo Wagner.

CONCILIAÇÃO

Mesmo assim, os arrendatários que estão pagando sete sacas já se mostram preocupados, diante da possibilidade de não somarem ganhos ao final da próxima safra. Mas o administrador está certo de que esta situação, criada com o encarecimento dos arrendamentos, deverá ser contornada. Segundo ele, arrendador e arrendatário terão que conciliar interesses, ou haverá mesmo um ruptura neste relacionamento, que — ressalta Wagner — “funciona dentro das regras do esquema capitalista”.

Há quem entenda que a cobrança na base da porcentagem, sobre a produtividade alcançada pelo agricultor, poderia representar uma saída. Wagner não concorda, e explica: “Assim o arrendatário teria mais um fisco de sua atividade, e isso criaria um clima de desconfiança”. Ele admite que no caso da Fazenda São Geraldo e de muitas outras propriedades, toda a infra-estru-

tura existente para a agricultura foi instalada pelo arrendatário e dele depende.

AÇUDES

“Na década de 60, quando um criador comprava um trator, os vizinhos passavam a desconfiar”, relembra Wagner. Na época, a atividade era vista como algo que oferecia muitos riscos e poucos retornos. O arrendatário contribuiu para que esta idéia fosse desfeita, e hoje não há quem não concorde — segundo ele — que as propriedades devem ter seus espaços aproveitados em rodízio pela pecuária e pela lavoura.

Hoje, a fazenda somente reduziria suas áreas arrendadas por motivos técnicos, garante Wagner, pois nunca houve problemas com os agricultores que se dedicam à lavoura. A agricultura intensiva — argumenta o administrador — pode comprometer o solo, a qualidade da terra, quando explorada por muito tempo numa mesma área. Ele lembra que a erosão acaba fazendo, com as enxurradas, com que boa parte das lavouras vá parar nos açudes, levando junto agrotóxicos. “E um açude com defensivos dificilmente volta a ser útil. É um investimento que se perde”.

Como produzir mais com menor custo?

Como aumentar a produtividade da lavoura e, ao mesmo tempo, reduzir custos? Este o impasse enfrentado hoje pelos arrendatários do Mato Grosso do Sul, pois é claro que, na agricultura moderna, as duas coisas não são conciliáveis. Se decidir investir na lavoura, para poder pagar o arrendamento e obter ganhos, o agricultor terá que gastar mais. Mas de onde tirar os recursos? E quem garante retorno certo? A tendência, num momento como este, é de redução nas despesas, e automaticamente a qualidade da lavoura e sua produtividade ficarão comprometidas.

Esses obstáculos são comentados pelo diretor da Regional da Cotrijuí no Estado, o agrônomo Nedy Borges, para quem as perspectivas a curto prazo não são mesmo nada boas. Ele observa que o arrendatário ocupa uma determinada área, e deve pagar arrendamento sobre esta extensão, de acordo com contrato assinado. Assim, este agricultor não tem nem mesmo a opção oferecida ao proprietário, e representada pela redução da área de plantio, na tentativa de reduzir custos e riscos.

INSEGURANÇA

“O arrendatário vive o drama da insegurança”, afirma Nedy Borges, lembrando que, em função de uma série de fatores, o agricultor pensa basicamente “no hoje, no imediato”. Mas o diretor da Regional acredita que esta situação — desfavorável, afinal, para todos os produtores — não deve perdurar por muito tempo. De início, o agricultor tentará “redimensionar sua atividade, e é possível que áreas de lavoura sejam ocupadas pela criação de gado”. A médio prazo, no entanto, as dificuldades no setor primário deverão ser superadas, em função da própria reciclagem que deverá acontecer na política agrícola.

“Esta é uma situação desfavorável, mas de transição. O Centro do país é a grande área para expansão da produção de grãos do país, e todo este espaço não pode ser desperdiçado”, garante Nedy Borges. Ele acha que, ultrapassada esta fase crítica, os espaços para agricultura e pecuária crescerão lado a lado, pois a limitação de áreas é problema que não existe no Mato Grosso do Sul. A Cotrijuí, que tem sua estrutura no MS montada na área de grãos, aposta nesta recuperação, e admite até — como diz o diretor da Regional — que sua capacidade de armazenagem, para 458.500 toneladas, está abaixo das potencialidades do Estado.

Maranhão, o recordista brasileiro

O Maranhão é o Estado brasileiro com o maior número de arrendatários. Das 469.929 propriedades do Estado, 212.689 estão arrendadas, o que representa 45,25 por cento do

total. Ali, conforme o Censo de 1980, o número de áreas ocupadas por arrendatários supera o de terras próprias, que é de 82.451, com apenas 16 por cento do total. Mesmo assim, as terras próprias ocupam 87,9 por cento do Estado, contra somente 3,81 por cento das arrendadas. Isso mostra que os proprietários continuam com a posse da mais expressiva fatia das terras, o que não quer dizer que eles produzam nestas áreas.

A situação do Maranhão, onde há também muitos posseiros ocupando 6,76 por cento das terras, é típica de um Estado onde a estrutura fundiária serve de boa amostra para as desigualdades sociais da população. Os conflitos, em consequência disso, fazem parte da rotina desse Estado e de tantos outros do Nordeste e Norte do país. A posse das terras é disputada a tiros, envolvendo fazendeiros, posseiros, grileiros e pistoleiros contratados.

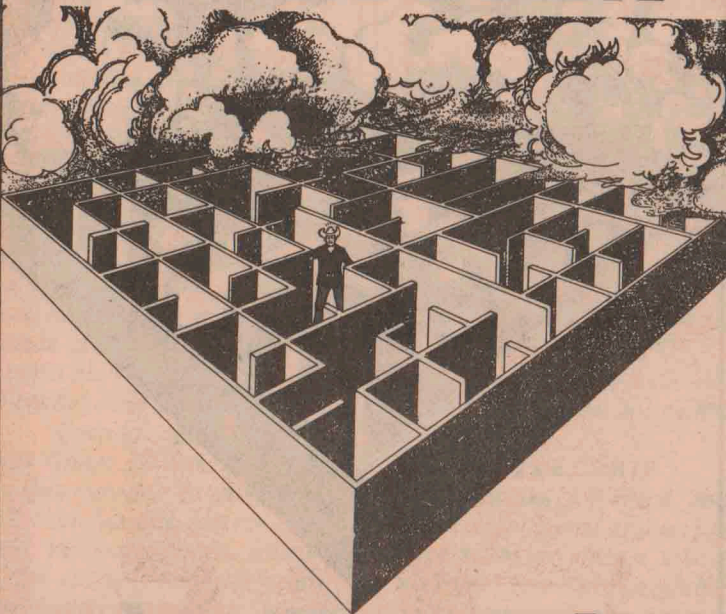
POSSEIROS EM MAIORIA

O território de Roraima, por sua vez, é o que possui o menor número de arrendatários

do país: são apenas 3 os estabelecimentos arrendados, que representam 0,08 por cento do total e ocupam área equivalente a somente 0,12 por cento das terras recenseadas. Em compensação, proporcionalmente Roraima é o recordista no número de áreas tomadas por posseiros. Dos 3.743 estabelecimentos do território, 3.414 foram tomados por agricultores sem terra (91,2 por cento do total). A área ocupada por posseiros corresponde a 67,12 por cento das terras. São 1.664.166 hectares para um total de 2.478.767 hectares.

O Rio Grande do Sul está na faixa intermediária. Possui 30.709 estabelecimentos arrendados (6,45 por cento do total), que ocupam área de 2.239.286 hectares (9,25 por cento). Os gaúchos também têm ocupantes explorando áreas sem títulos de propriedade. São 35.693 os estabelecimentos ocupados desta forma no Estado, representando 7,5 por cento. Mas a soma das terras dos posseiros chega a 710.402 hectares, e representam somente 2,9 por cento da área recenseada.

NÃO SE PERCA COM O PLANTIO TARDIO



ENCONTRE A SAÍDA CERTA COM DUAL

CIBA-GEIGY

054/84

	Total	Próprios	%s/total	Arrendados	% s/total	Ocupantes	%s/total
MARANHÃO							
Estabelecimentos	469.929	82.451	16,0	212.689	45,2	184.044	37,0
Área (ha)	15.177.858	13.349.485	87,9	578.778	3,8	1.026.987	6,7
RORAIMA							
Estabelecimentos	3.743	309	8,2	3	0,08	3.414	91,2
Área (ha)	2.478.767	791.551	31,9	3.059	0,12	1.664.166	67,1
R. G. SUL							
Estabelecimentos	475.391	364.189	76,6	30.709	6,4	35.693	7,5
Área (ha)	24.202.120	20.343.448	84,0	2.239.286	9,2	710.402	2,9

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil/1980

Doenças que incomodam

A incidência de doenças nos parreirais, principalmente nesta época do ano, é um problema muito sério e que se não atacado em tempo, pode até prejudicar a produção final. Entre as doenças que mais incomodam os vinhedos da região e que, portanto, merecem a atenção do produtor que não quer ver comprometida a sua produção, estão a antracnose e a peronospora.

A primeira doença a atacar os vinhedos da região é a antracnose, também conhecida como "varola" ou "pinta preta". Ela aparece nas folhas, formando pontos pretos, que ao secarem, perfuram e retorcem a lâmina das folhas. Nos ramos ela aparece sob a forma de escavações, de cor escura, e, dependendo da intensidade do ataque, provoca a quebra dos ramos com o vento. As flores ficam necrosadas — queimadas —. Nos cachos aparece sob a forma de ferimentos circulares e escuros, semelhantes a um olho de pombo. É uma doença que aparece justamente com temperaturas baixas e muita umidade. Geralmente aparece no período inicial da brotação.

Além de medidas preventivas, como a eliminação de ramos velhos e doentes, a retirada do material proveniente da poda, instalação em local adequado, tratamento de inverno com calda sulfocálcica, o Ilário Gasparin, agrônomo responsável pela área de vitivinicultura da Cotrijuí, Unidade de Ijuí, recomenda um tratamento com produtos organo-sintéticos, mediante recomendação técnica. O primeiro tratamento deve ser feito quando os brotos estiverem com cerca de cinco centímetros e o segundo, quinze ou vinte dias após a primeira aplicação.

A PERONÓSPORA: MANCHAS AMARELAS

Essa doença que também é conhecida por "míldio" ou "mufa", ataca todos os órgãos verde da planta. Aparece nas folhas sob a forma de manchas amareladas, que se observadas contra a luz, dão a impressão de uma mancha de óleo. Com a evolução da doença, a frutificação se torna esbranquiçada pelo fungo, com um aspecto de mofado. Os cachos, desde a floração até a pré-maturação, ficam revestidos pela frutificação esbranquiçada do fungo. Essa doença pode destruir parcialmente ou totalmente os cachos.

O tratamento sugerido pelo Ilário deve ser à base de produtos organo-sintéticos, principalmente com a calda bordalesa, (verderame, como também é conhecido), no período em que a temperatura começa a se elevar.

A calda bordalesa é um produto de ação fungicida recomendado para o controle da peronospora da videira e doenças de outras frutíferas, como a ferrugem da figueira. É um produto de fabricação caseira, de baixo custo e de menor toxicidade que outros fungicidas orgânicos. A receita é muito simples, basta apenas o produtor seguir direitinho a orientação técnica.

A RECEITA

Num recipiente de cobre ou madeira, diluir um quilo de sulfato de cobre em cerca de 30 litros de água. Para apressar o processo pode ser usado água morna ou ainda colocar o produto em suspensão dentro de um saco de linho durante umas duas

horas. Em outro vasilhame, desmanchar um quilo de cal hidratado (cal de pintura) em 30 litros de água.

Aos poucos e ao mesmo tempo, transferir a solução de sulfato de cobre e a calda bordalesa para um vasilhame de 100 litros. Agitar a mistura constante-

mente e completar o volume com água, até que atinja os 100 litros. Após a mistura, verificar se a calda bordalesa está neutra, isto é, tenha atingido pH 7,0. Uma prática bastante simples de identificar o pH da mistura é utilizar uma faca de aço inoxidável. Se a lâmina sair da mistura azu-

lada é porque a calda está ácida. Neste caso é só acrescentar mais um pouco de cal.

A calda deve ser aplicada no mesmo dia da preparação. Deve-se evitar a aplicação durante a floração, pois, segundo o Ilário, pode até causar o abortamento (queda) das flores.

EXTRA

Parabéns aos fortes do milho. Usando PRIMEXTRA vocês ganharam

produtividade



comodidade



CIBA-GEIGY
DIV. AGROQUÍMICA

022/84

A capina na ponta do lápis

Quanto o produtor vai gastar para controlar as ervas daninhas das suas lavouras? Pois essa questão levou o pessoal do Departamento Agrotécnico da Cotrijuí a realizar um levantamento comparativo dos custos da capina mecânica, da capina manual e da aplicação de herbicidas.

Ao elaborar o levantamento comparativo, o Luís Juliani baseou-se nos custos de controle de inços de um hectare de soja, utilizando para tanto, coeficientes técnicos coletados em trabalhos realizados no Centro de Treinamento da Cotrijuí. No custo da hora/máquina foram computados os gastos com combustível, lubrificantes, trocas de filtros, conservação, reparos e depreciação. Para efeito de cálculo, o Juliani considerou apenas o uso de máquinas novas. No cálculo da remuneração da mão-de-obra foram consideradas informações da Cooperativa de Trabalho de Ijuí (Cotrail) na base de Cr\$ 6.500 por dia de trabalho.

Considerando os cálculos do Departamento Agrotécnico, a capina mecânica de um hectare de soja, poderá ser realizada, em média, em 48 minutos (ver tabela), a um custo total de Cr\$. . . . 12.306. Vale lembrar que o tempo gasto na capina dos inços vai depender também do tamanho da máquina e da habilidade do tratorista. Nos cálculos foram computados as operações realizadas pelo trator, pela capinadeira mecânica e ainda as despesas com mão-de-obra (considerando o trabalho de duas pessoas, uma operando no trator e outra na capinadeira). O gasto maior, como mostra a tabela ficou por conta mesmo do uso do trator (combustível, lubrificante, reparos. . .), representando 77,27 por cento do total dos custos. Em se-

guida aparece a capinadeira com 12,08 por cento.

O CUSTO DO HERBICIDA

No caso do controle das ervas daninhas através da aplicação de herbicidas, foram considerados os gastos com trator, pulverizador, os dois produtos aplicados e mais a mão-de-obra. Os dois produtos escolhidos foram a Trifluralina - utilizada para o controle das invasoras de folha estreita -, na base de um litro e meio por hectare e o Sencor - para controle de invasoras de folhas largas -, na proporção de meio litro por hectare.

De acordo com a tabela ao lado, o tempo gasto na aplicação do herbicida em um hectare foi de 37 minutos, dando um custo de Cr\$ 11.609. O custo de mão-de-obra e dos herbicidas somam a quantia de Cr\$ 51.310, sendo que Cr\$ 50.316 são gastos apenas com os herbicidas. O custo total computado é de Cr\$ 62.379. Apenas os herbicidas representam 80,66 por cento do custo total. O Juliani ressalta ainda, que esse custo vai depender da escolha dos produtos a serem aplicados. "A Trifluralina e o Sencor serviram apenas de exemplos para efeito de cálculo", justifica o técnico.

O USO DA ENXADA

Para calcular o custo da capina manual em apenas um hectare de lavoura, o Juliani computou o uso da enxada e o trabalho do capinador. Os cálculos foram feitos em cima do trabalho de quatro homens por dia. Também neste caso, o tempo gasto na realização do trabalho vai depender da quantidade de inços na lavoura. O custo de trabalho por dia, considerando no caso, o desgaste da enxada, é de Cr\$ 6.500. Como o trabalho considera quatro homens na

capina, o gasto se eleva para Cr\$ 26.000 por dia.

Este trabalho mostrando os custos diferentes das três operações de controle de ervas daninhas na lavoura, tem a intenção, como reforça o Juliani, de servir apenas como demonstrativo dos custos de cada uma delas. As tabelas servem para orientar os produtores na hora da decisão, ajudado pela disponibilidade de máquinas e implementos na propriedade, da mão-de-obra, das condições do clima e do desen-

volvimento do mato. Com todas estas informações em mãos, fica mais fácil do produtor fazer um planejamento de suas atividades.

CAPINA MANUAL

OPERAÇÃO	Dias trabalho por/ha	Mão-de-obra/Cr\$	
		Por/dia	Por/ha
Capina manual	4 homens/dia	6.500	26.000

No custo da mão-de-obra está incluída a depreciação da enxada. Fonte: Cotrail

CAPINA MECÂNICA

OPERAÇÃO	Horas trabalho por ha	Trator/Cr\$		Implemento/Cr\$		Total/Cr\$	
		Por/hora	Por/ha	Por/hora	Por/ha	Por/hora	Por/ha
Capina Trator	48 min	11.804	9.509	-	-	11.804	9.509
Capinadeira 6 linhas	48 min	-	-	1.846	1.487	1.846	1.487
Mão-de-obra (2 pes)	-	813	655	813	655	1.626	1.310
TOTAL	-	12.617	10.164	2.659	2.142	15.276	12.306

Fonte: Diretoria Agrotécnica

APLICAÇÃO DE HERBICIDA

OPERAÇÃO	Horas trabalho por ha	Trator/Cr\$		Implementos/Cr\$		Total/Cr\$	
		Por/hora	Por/ha	Por/hora	Por/ha	Por/hora	Por/ha
Aplicação herbicida trator	37 min	11.804	7.215	-	-	11.804	7.215
Pulverizador	37 min	-	-	6.306	3.854	6.306	3.854
Mão-de-obra (2 pes)	-	813	497	813	497	1.626	994
Herbicida: Trifluralina (1,5 por/ha)	-	-	-	-	-	-	18.396
Sencor (0,5 1/ha)	-	-	-	-	-	-	31.920
TOTAL	-	12.617	7.712	7.119	4.351	19.736	62.379

Fonte: Diretoria Agrotécnica

Os óleos de quem conhece máquinas agrícolas. Você e a Shell.



Todo agricultor sabe que deve tratar bem as máquinas, como se trata a terra. Porque a terra depende delas para produzir. Rimula é o óleo da Shell que ajuda você a colher mais soja, milho, algodão, café. E ajuda a preservar seu patrimônio. Rimula dá melhor desempenho para as máquinas, protege o motor e prolonga sua vida por muitas e muitas colheitas.



Você pode confiar

Nova etapa na conservação

Num trabalho comunitário e inédito, produtores aderem ao terraço de base larga

Este ano pode estar marcando o início de uma nova etapa na conservação do solo na Região Pioneira da Cotrijuí. Estimulados por experiências que já vêm sendo realizadas em outros Estados, alguns produtores iniciam um trabalho pioneiro na região, em que o mais importante é a visão comunitária do problema. Isso já está acontecendo na Linha 8 Oeste, em Ijuí, onde dois produtores construíram terraços de base larga, sem respeitar as divisas de suas propriedades, e outros quatro se dispõem a aderir à idéia, que envolver também outras práticas.

A grande novidade dessa experiência é a construção do terraço de base larga, como observa o técnico agrícola Pedro Pitol, da unidade de Ijuí, que motivou os agricultores e vem coordenando a execução do trabalho. Ele lembra que "hoje não mais é possível fazer a conservação do solo de forma individual e pelos métodos tradicionalmente usados na região". Com o terraço de base larga, é levado em conta o todo de uma determinada área, e não as propriedades de forma isolada. É assim que os terraços cruzam de uma lavoura a outra, como se todas fizessem parte de uma única área.

TERRAÇOS

Os terraços de base larga são construídos em nível, e não em declive, como os que existem na região. Eles têm uns quatro metros de cada lado da base, e atingem cerca 70 centímetros de altura. Ao contrário dos terraços comuns, que fazem com que a água da chuva seja levada até as estradas, este terraço retém a água, absorvendo a umidade. Ele permite o plantio com trator, e a colheita também pode ser feita com máquina (veja as vantagens abaixo).

Na Linha 8 Oeste já foram construídos terraços nuns 30 hectares, mas a experiência deve abranger cerca de 100 hectares, considerando-se as seis propriedades. Os produtores utilizaram arado de disco, sem a necessidade de comprar outros equipamentos. Ainda não há um levantamento de custos deste trabalho, mas é possível ter uma idéia das despesas, que se resumem apenas à compra de combustível. Segundo Pitol, para formar um terraço de base larga o produtor gasta o equivalente a uma vez e meia a lavração de uma área. Isso quer dizer que, numa lavoura de 10 hectares, o trabalho corresponde ao serviço com arado de disco em 15 hectares.

CORREÇÃO

Na parte da lavoura em que a terra

foi removida, para formação de terraço, o produtor deve fazer correção do solo, pois desaparece a camada da superfície com seus nutrientes. Após a formação do terraço, e antes do plantio, deve ser feita também uma boa subsolagem, com 30 a 35 centímetros de profundidade, para que a terra tenha permeabilidade, ou seja, permita a infiltração da água.

Mas não será apenas com a construção dos terraços de base larga que o agricultor estará preservando sua lavoura. Outras práticas de conservação do solo precisam ser adotadas, como complemento. Deve ser feita a rotação de culturas com culturas em faixas, a manutenção da palha. O produtor deve evitar que o solo fique descoberto em determinada época do ano e o tráfego exagerado de máquinas, especialmente quando o solo está muito úmido ou muito seco. É aí que entra, por exemplo, o plantio direto.

ESTRADAS

Pedro Pitol ressalta que este conjunto de práticas já conhecidas vêm sendo adotadas pelos produtores que aderiram ao terraço de base larga. Mas ele lembra que estes terraços nada têm a ver com os chamados murunduns, construídos no oeste do Paraná, e que se constituem em verdadeiros muros de terras. "Nós não precisamos de terraços altos para conservar o solo, desde que as lavouras tenham sempre uma boa cobertura contra a erosão", afirma o técnico.

Ele observa ainda que os terraços de base larga vão ajudar muito na conservação não só do solo, mas também das estradas, evitando ao mesmo tempo a contaminação de riachos e rios. Isto porque não haverá enxurradas, com o acúmulo de terra nas estradas e nas baixadas. Pitol lembra, aliás, que os produtores podem igualmente plantar gramíneas nos barrancos, como muitos já estão fazendo em Ijuí.

Com os bons resultados conseguidos através da construção dos terraços de base larga, é provável que em pouco tempo os terraços convencionais sejam deixados de lado. O produtor já constatou — segundo o técnico — que as vantagens são muitas, e que não precisa de grandes investimentos para aderir a inovação. Nisso tudo, o importante é o trabalho comunitário, que incentiva a união dos agricultores para a solução de um dos mais sérios problemas nas regiões onde o trigo e a soja predominam há vários anos, com muito desgaste para o solo.

Algumas comparações

São muitas as vantagens do terraço de base larga sobre o terraço convencional. Em primeiro lugar, a construção de terraços de base larga envolve um trabalho comunitário, pelo fato de que não respeita divisas. As outras vantagens, apontadas por Pitol, podem ser assim resumidas:

- O terraço convencional fica descoberto e permite que, com a enxurrada, a água seja levada para as estradas, carregando junto uma boa camada de solo e nutrientes. O terraço de base larga fica coberto e absorve a água da chuva, evitando a erosão e, ao mesmo tempo, protegendo a lavoura em momentos de pequenas estiagens. Assim, se evita também que, com as enxurradas, aconteça a contaminação de riachos e rios.

- O terraço convencional, por ser feito individualmente por cada produtor, faz com que surjam as barrocas nas divisas, que se constituem num sério obstáculo à conservação do solo. O terraço de base larga, que é construído em nível, passando sobre as divisas, elimina as barrocas.

- O terraço convencional não permite o aproveitamento total das curvas de nível, e o plantio em suas proximidades é feito manualmente, assim como a colheita. No terraço de base larga, é possível lavar toda a área com trator, e a colheita também pode ser feita com máquina. Todo o terraço fica coberto, e se elimina a trabalhadeira do plantio e das colheitas manuais.



O terraço de base larga permite o plantio com o uso de máquinas, e absorve a água da chuva. Pedro Pitol (ao lado) vem incentivando os produtores a buscar soluções em conjunto



Dá trabalho, mas compensa

No início deste ano, Arlindo Treter, proprietário de 30 hectares na Linha 8 Oeste, em Ijuí, esteve no Paraná, junto com outros agricultores e técnicos da Cotrijuí. Eles foram ver as experiências dos produtores daquele Estado, na conservação do solo, e Arlindo voltou entusiasmado. Em fins de abril, ele iniciou a construção de terraços de bases largas na sua lavoura, seguindo mais ou menos o modelo usado no Paraná. Estes terraços, com base de uns oito metros de largura, atingem na sua parte mais elevada em torno de 70 centímetros de altura de terra.

O importante é que os terraços seguem, em nível, desde a lavoura de Arlindo até a área lindeira, do seu cunhado, Sardi Avelino Gallert. Os dois iniciam assim um projeto que pode se transformar em idéia comunitária nas redondezas. Arlindo construiu dois terraços, um deles com cerca de 600 metros, que faz todo o contorno do topo da lavoura, formando um círculo. O outro é menor e tem uns 300 metros. Para movimentar a terra, ele usou um trator com arado de discos.

Foram gastos uns 150 litros de combustível (mais de Cr\$ 120 mil), para 18 horas de trabalho, na construção destes dois terraços, numa área depois semeada com trigo. "Se o produtor não tem mesmo vontade de salvar sua terra e muita calma, é capaz de terminar desistindo", diz Arlindo, pois a trabalhadeira é grande. Ele pretende formar mais 100 curvas de nível na lavoura, com uma distância de 25 metros entre uma e outra. Isso quer dizer que o trabalho, na verdade, recém começou. Mas os outros terraços somente serão construídos depois da colheita da próxima safra de soja.

VANTAGENS

Arlindo cita muitas vantagens proporcionadas pelo terraço de base larga. Ele absorve a água da chuva, em vez de provocar enxurradas. Nos primeiros dias de outubro, apesar das chuvaradas, a lavoura não enfrentou problemas com a



Arlindo: vizinhança está interessada

erosão nas áreas onde já há terraços de base larga. No resto, onde o terraço ainda é o convencional, muita terra foi levada para a estrada. Outra vantagem: é possível plantar sobre o terraço, com trator, e a colheita é feita também com máquina. Fica dispensado então o trabalho manual de plantio e colheita nestas partes.

A vizinhança se mostra interessada, e a maioria concorda que a novidade deve servir de modelo para os demais produtores. "Mas tem os que não vêem muita vantagem entre o terraço comum e este de base larga", observa Arlindo, lembrando que sempre há os que não aceitam mudanças. Ele pretende realizar o plantio direto da soja sobre a resteva do trigo, porque esta prática complementa os demais cuidados com o solo.

Arlindo concorda que nem todos os produtores terão condições de construir terraços de base larga, em função de seus custos. Mas acha que todos os que dispõem de recursos devem aderir à idéia. "No Paraná — diz ele — os produtores pediam que se revirasse o solo, em qualquer lugar, porque em toda a parte havia minhocas. E havia mesmo. Lá, tem lavouras onde o plantio direto é feito há 10 anos, sem interrupção, e o solo é da melhor qualidade".

Gestão democrática em pauta

Cooperativas intensificam troca de opiniões sobre participação do associado

A gestão democrática nas cooperativas voltará a ser debatida no VII Seminário Gaúcho de Cooperativismo, marcado para os dias 30 e 31 de outubro e 1º de novembro, em Santa Maria. A Ocergs — Organização das Co-

operativas do Estado do Rio Grande do Sul, promove o seminário, que tem 12 temas centrais e pretende, segundo seu presidente, Cyro Dias da Costa, fazer com que — como acontece a cada dois anos quando destes en-

contros — o cooperativismo possa “avaliar a sua caminhada e definir os seus rumos”.

O programa do seminário foi enviado às cooperativas, com a relação de temas seguido de uma série de perguntas, para ca-

da um dos assuntos que serão levantados. Segundo Helmuth Egewart, técnico da Ocergs e coordenador do encontro, a partir das respostas que os representantes das cooperativas ofereceram às indagações formuladas é que

se orientará o debate em Santa Maria.

PERGUNTAS

No caso da gestão democrática, que vem merecendo maior atenção do sistema nos últimos anos, são várias as perguntas relacionadas. A Ocergs indaga: como estruturar o quadro associativo para participar na tomada de decisões da sua empresa cooperativa, e assim assumir responsabilidades? — quais as condições básicas para que os associados assumam realmente a sua empresa cooperativa? — o que pensa sobre o parlamentarismo nas cooperativas? — qual a entidade que deve coordenar este trabalho a nível estadual?

O seminário tem em pauta também a eficiência empresarial; a cooperação intercooperativa; a preservação do meio ambiente; recursos humanos; representação do sistema; autonomia do sistema; auto-controle do sistema; banco de dados; situação financeira; correção monetária; e legislação cooperativista e afins. No caso da eficiência empresarial, por exemplo, a Ocergs pretende debater a conveniência ou não da contratação de executivos para a administração das cooperativas, para que o conselho de administração fique liberado para a condução de aspectos de ordem política.

AUTONOMIA

Outro tema que deverá provocar muitos debates é o que se relaciona com a autonomia do sistema. A coordenação do seminário espera iniciar esta discussão questionando “o paternalismo estatal sobre as cooperativas”, ou seja, as interferências da área oficial nas atividades das organizações do setor. Também se discutirá o entrosamento das cooperativas com sindicatos, igrejas, órgãos públicos e entidades de apoio ao sistema.

O tema referente à situação financeira das cooperativas levantará a questão dos custos do dinheiro para manutenção das empresas, que vêm crescendo ano a ano. Para a Ocergs, os dirigentes de cooperativas devem propor saídas para que se encontrem fontes de recursos que amenizem estes custos. Também serão debatidas a autonomia financeira das cooperativas e as perspectivas para o cooperativismo de crédito.

Cada cooperativa irá participar do seminário com cinco representantes, sendo um membro da direção, um membro do conselho fiscal, um associado líder de núcleo, um técnico e outra pessoa indicada livremente pela direção. Como preparação ao encontro, a Ocergs realizou sete reuniões regionais no Estado, quando foram levantados os 12 temas que fazem parte da pauta do seminário deste ano.

O CERGS

Só não cai nesse buraco quem faz Plantio Direto.

PLANTIO PLANTIO PLANTIO
 PLANTIO PLANTIO PLANTIO
 PLANTIO PLANTIO PLANTIO
 PLANTIO PLANTIO PLANTIO
 PLANTIO PLANTIO PLANTIO
 PLANTIO PLANTIO PLANTIO
 PLANTIO PLANTIO PLANTIO

PLANTIO DIRETO

DUAL-PRIMEXTRA

CIBA-GEIGY
 DIV. AGROQUÍMICA

Novidade na Pestanense

A Cooperativa de Crédito Rural Pestanense, de Augusto Pestana, teve este ano sua primeira experiência como a mais nova filiada ao Sistema Nacional de Crédito Rural Cooperativo. Esta integração ao Sicredi, ocorrida em julho último, permitiu o repasse de recursos para custeio de lavouras de milho do município. Mas o que mais interessa é que, com a ampliação de suas atividades, a Cooperativa pretende aos poucos aperfeiçoar seus serviços e fazer com que antigos associados voltem a movimentar suas contas, fortalecendo a organização. Ao mesmo tempo, novos sócios poderão reforçar seu quadro.

A Pestanense foi fundada em 1925, como uma das antigas caixas rurais, e até bem pouco tempo mantinha as mesmas características dessas instituições que lidavam com crédito ao produtor. Tanto que até mesmo sua contabilidade era manuscrita em livros hoje considerados obsoletos, como lembra o atual gerente, Milton Schmidt. Ele assumiu esta função este ano, e tem planos para que a Pestanense seja funcionalmente moderna e trabalhe integrada com a Cotrijuí.

CAPITALIZAÇÃO

O custeio repassado para formação de lavouras de milho é apenas uma das inovações surgidas em função das reformulações que Schmidt planejou para

a Cooperativa. A verba total, de Cr\$ 31 milhões, foi liberada pelo BNCC (Banco Nacional de Crédito Cooperativo), mas chegou com um pouco de atraso. Foram concedidos apenas Cr\$ 10 milhões a 12 produtores, que formaram cerca de 50 hectares de milho. O gerente ressalta, no entanto, que o importante será o fortalecimento da organização, para que ela não dependa do repasse de financiamento e possa — isto sim — liberar recursos de sua própria capitalização.

E esta capitalização somente acontecerá, é claro, quando as contas passarem de fato a ser movimentadas pela maioria dos associados, e a Cooperativa dispuser de um bom volume de depósitos. Isso começa a acontecer, segundo Milton Schmidt, pois em junho, quando ele assumiu a gerência, apenas 50 sócios movimentavam suas contas, de um total de 945. Hoje, cerca de 160 produtores podem ser considerados correntistas atuantes.

APLICAÇÕES

Ele acredita que muita gente poderá voltar a lidar com a Pestanense, em consequência dos resultados do trabalho que se inicia. Hoje, a Cooperativa também mantém uma conta na Cocecrer — Cooperativa Central de Crédito do Rio Grande do Sul, e isso lhe permite maior autonomia para lidar com empréstimos. Com esta conta de susten-

tação, a Pestanense pode conceder empréstimos num volume de até 100 por cento dos depósitos à vista.

Também podem ser feitas, através da Cocecrer, aplicações de dinheiro no mercado aberto, bastando para isso que o produtor entre em contato com a Pestanense e autorize essas aplicações. A Cooperativa somente não pode aplicar dinheiro em poupança, pois a legislação não permite. Schmidt lembra que esta proibição tem feito com que a Cocecrer venha fazendo apelos ao governo, nos últimos anos, na tentativa de poder contar também com a possibilidade de obter rendimentos em poupança.

RECEITA

Para dar uma idéia do movimento de dinheiro atualmente na Pestanense, Schmidt observa que em setembro o saldo médio dos depósitos, por dia, girou em torno de Cr\$ 26 milhões e 800 mil. Hoje, a Cooperativa tem na rua, liberados como empréstimos, Cr\$ 30 milhões, que rendem em juros, por mês, cerca de Cr\$ 3 milhões e 500 mil. Esta receita garante a manutenção da Cooperativa, e é proveniente de empréstimos concedidos com recursos próprios, sem incluir as verbas liberadas para custeio através de repasse.

“O objetivo do cooperati-



Schmidt (acima) pretende dinamizar as atividades da cooperativa

vismo de crédito é o de arrecadar dinheiro da agricultura e reaplicar este mesmo dinheiro na própria agricultura”, afirma o gerente, lembrando que assim “o produtor poderá administrar seus recursos”. Atualmente, o associado de uma cooperativa não pode contar, por exemplo, com verbas para custeio de lavouras a taxas inferiores às cobradas de acordo com as normas do crédito rural. Esta taxa é de 3 por cento ao ano, mais correção monetária integral. Mas uma cooperativa pode oferecer outras vantagens, e

entre estas a principal é a distribuição dos lucros.

PARTICIPAÇÃO

Schmidt ressalta que o produtor, de qualquer forma, precisa manter uma conta em algum banco. Se esta conta estiver numa cooperativa de crédito, este agricultor não terá — como acontece quase sempre — que se sujeitar a uma série de exigências burocráticas. Ele estará depositando seus recursos numa instituição que pertence aos seus associados, e poderá contar com empréstimos sempre que precisar. Mas isso, é claro, só acontecerá com a efetiva participação do produtor na cooperativa.

“Não pretendemos — afirma o gerente da Pestanense — obter os mesmos lucros dos bancos particulares, mas distribuir sobras aos associados e oferecer benefícios ao agricultor”. Ele acha que este ano a Cooperativa não terá muitos lucros a repartir, ao final do exercício, mas acredita que em dois anos a organização estará reformulada e poderá ter bons superávits.

EMPRÉSTIMOS

Por enquanto, a Pestanense oferece empréstimos que nem sempre os bancos liberam com facilidade. Um empréstimo pessoal, por exemplo, pode ser conseguido com taxa de 8,6 por cento ao mês, por um prazo de 120 dias. Nos bancos, um “papagaio” custa em torno de 20 por cento ao mês. Também podem ser financiados até ranchos para manutenção da família, com juro de 3 por cento mais correção (mesma taxa do crédito rural). Mas somente contarão com estes empréstimos os que vêm de fato movimentando suas contas.

Para se associar à Pestanense, o produtor precisa integralizar uma verba equivalente a 0,5 por cento de sua receita no exercício anterior. A metade é integralizada no momento em que ele se associa, e a outra metade pode ser paga em até um ano. A Cooperativa, localizada na Rua da República, no centro de Augusto Pestana, conta hoje com quatro funcionários. Se os planos de Schmidt e da diretoria evoluírem como eles pretendem, certamente este quadro também terá que ser ampliado.

Para acertar no mato da soja use Fusilade na hora certa e na dose certa.

Com FUSILADE você dispõe agora do mais avançado e eficiente método de controle de gramíneas em culturas de folha larga.

FUSILADE é o mais eficiente e completo herbicida seletivo de pós-emergência para o controle de gramíneas, tanto anuais como perenes.

Acerte no mato com Fusilade.

Herbicida pós-emergente específico, para o controle de gramíneas, tanto anuais como perenes, em culturas de folhas largas.

FUSILADE

Controle na hora certa, garantia de maior produção. Consulte a assistência técnica da ICI Brasil S.A.

ICI Brasil S.A.

O controle pós-emergente, obtido com FUSILADE, dá a você a flexibilidade de saber, onde e qual o tipo de ervas que você tem na sua lavoura, antes de investir tempo e dinheiro no combate às infestantes.

Com FUSILADE você faz investimento seguro, porque só aplica em soja que vingou.

Experiência pioneira

O trevo subterrâneo é uma leguminosa que vem sendo utilizada por muitos associados da Cotrijuf, em função de suas boas qualidades forrageiras e de plantas melhoradoras do solo, além do possuir excelente vigor e ser mais precoce que outros trevos utilizados na região.

Estas características já são bastante conhecidas dos produtores, porém, o que muitos não sabem, é que as sementes utilizadas são importadas da Austrália. O motivo destas importações se deve ao fato do trevo subterrâneo apresentar grande dificuldade de ser colhido em virtude da planta inclinar as inflorescências e enterrar as sementes. Desta forma, a mecanização da colheita fica prejudicada, apesar de algumas regiões produtoras do mundo já terem desenvolvido máquinas de sucção para esta finalidade.

Todas estas particularidades motivaram o Departamento Técnico no sentido de obter um método de colheita acessível ao agricultor, e que, se aprovado, viesse possibilitar o fim da dependência do mercado externo, a garantia de utilização da espécie e uma nova fonte de renda. Dentro destes objetivos, realizou-se um trabalho de acompanhamento e assistência em uma área de aproximadamente 3.000 metros quadrados, com trevo subterrâneo Clare, estabelecido na propriedade de Romeu Graff, na localidade de Rincão do São Valério, em Santo Augusto.

COLHEITA TRABALHOSA

O trabalho teve início com a colheita manual das sementes. Para tanto, o produtor cortou as plantas com uma foicinha e enleirou-as em seguida para a secagem ao sol. Tomou algumas amostras de plantas secas e passou-as em uma automotriz, na tentativa de realizar a trilha, sem no entanto, obter sucesso. A frustração do processo de trilha com automotriz foi motivada pela deficiência no processo de separação dos corimbo (conjunto de legumes maduros) do restante da palha.

Em função disto, todo o produto foi depositado na Cooperativa em Santo Augusto, onde então, foram testados vários métodos para o trabalho de trilha e limpeza. O primeiro passo dado, foi passar todo o material em um tufão. O resultado foi muito bom, pois diminuiu o volume de trabalho, desintegrou a palha e trillhou as sementes.

Após a saída do tufão, o material foi pré-limpo através de um conjunto de peneiras de malhas diferentes, acionadas manualmente. Mais tarde as sementes foram passadas em uma trilhadeira.

Na trilhadeira, testou-se uma amostra do material bruto, originário da lavoura, tendo a mesma apresentado excelente resultado, pois a palha ficou picada e muita terra foi eliminada. Com os resultados obtidos, concluiu-se que, a melhor sequência para beneficiar o material bruto seria passar primeiro na trilhadeira e depois no tufão. Após estas operações o material obtido deverá voltar a trilhadeira, porém,

com o cilindro mais fechado e com nova regulagem no vento.

Como mesmo após a segunda passagem na trilhadeira, ainda ocorria um certo grau de impureza, principalmente grânulos de terra com diâmetros semelhantes ao da semente, levou-se o material obtido para o despontador de aveia, onde conseguiu-se a eliminação quase total deste material.

Para melhorar a pureza, as sementes foram passadas na máquina de ar e peneira, onde, então, obteve-se um produto para comercialização. Como produto final obteve-se 71 quilos de semente limpa, o que corresponde

a uma produtividade de aproximadamente 250 quilos por hectare. Durante o trabalho de beneficiamento e colheita ocorreram muitas perdas de sementes, estimadas em 15 por cento na lavoura, 10 por cento no tufão e 15 por cento nas máquinas de limpeza.

Após a comercialização da semente, ocorrida em julho, o produtor recebeu Cr\$ 1.500 por quilo.

Os resultados desta experiência nos levam a crer que, se eventualmente desejarmos, poderemos produzir sementes de trevo subterrâneo através da colheita manual. Em função das di-



O trevo subterrâneo é uma excelente forrageira

ficuldades de colheita, é uma atividade que fica recomendada apenas para pequenas áreas, exigindo algumas adaptações no processo de beneficiamento para

aumentar a sua eficiência.

José Luiz Martins Costa Kessler
Agr. coordenador da área de forrageiras da Cotrijuf
- Região Pioneira -

Dê às suas sementes de soja o tratamento que elas merecem.



Tradição de qualidade Stauffer no tratamento de sementes.

- Captan Moly e Captan 75 são os mais eficientes fungicidas no tratamento de sementes de soja. Isto porque eles são fungicidas de amplo espectro de ação, protetores e altamente seguros para as sementes.
- Captan Moly e Captan 75 são melhores porque foram testados e comprovados em muitas safras.
- Captan Moly e Captan 75 asseguram a germinação e a emergência sadia da sua cultura.
- Captan Moly apresenta em sua formulação o Molibdênio, um micronutriente muito importante para a fixação do Nitrogênio pelas bactérias.
- Para a proteção de suas sementes e contra as doenças, trate suas sementes com Captan Moly e Captan 75, os fungicidas da soja.



Um nome com raízes na terra.

Stauffer Produtos Químicos Ltda.

São Paulo: Av. Brig. Faria Lima, 2000 - 13º andar - CEP 01452 - Tel.: (011) 210-8633
Porto Alegre: Praça Dom Feliciano, 39 - Conj. 902 - CEP 90000 - Tel.: (0512) 21-7488
Londrina: Av. Paraná, 453 - Conj. 401 - CEP 86100 - Tel.: (0432) 23-1234

A arte de amamentar

Todos nós sabemos que o leite materno possui todos os nutrientes necessários e adequados para o desenvolvimento da criança. Podemos enumerar uma série de benefícios, que vão desde o desenvolvimento físico, psíquico até a fala, que é mais desenvolvida em crianças alimentadas com leite materno. A outra vantagem está no aspecto econômico: o leite materno não custa dinheiro. Desde que a mãe esteja bem alimentada, o filho terá todos os nutrientes necessários, sem nenhum risco de contaminação.

Mesmo assim, diante de tantas e tantas vantagens, cada dia que passa, mais e mais mulheres de todos os países subdesenvolvidos, como é o caso do Brasil, estão optando pela mamadeira às crianças. Essas mães não levam em conta que agindo desta forma, estão, muitas vezes, proporcionando a seus filhos um leite fraco, contaminado e cheio de bactérias. É verdade que esta postura se deve principalmente às grandes campanhas publicitárias dos fabricantes de leite em pó.

MAIS CHANCES DE SOBREVIVÊNCIA

Também já está comprovado que crianças alimentadas com

leite materno possuem mais chances de sobrevivência do que as outras, principalmente por causa dos problemas associados com a amamentação artificial. Pelo fato do leite de vaca ter um preço acima das possibilidades econômicas da grande maioria da população, o mesmo tem sido diluído em água para render mais. Sendo assim, a quantia que uma criança tomaria em dois dias, ela consome por cinco ou até mais dias. Outro fato agravante é a falta de higiene e as condições sanitárias de nosso país. Geralmente a água utilizada para o preparo dos alimentos é proveniente de riachos ou poços. Isto sem falar na falta de eletricidade e da ausência de geladeira em grande parte das residências do povo brasileiro. Desta forma, o próprio leite torna-se uma fonte de infecção, com freqüentes diarreias que podem levar a criança à morte.

Em épocas em que a maioria das mães amamentavam seus filhos, os índices de subnutrição e desnutrição eram pequenos. Porém, hoje, esses índices estão alterados. E as causas que a maioria das mulheres atribuem para esta queda na alimentação são diversas. Entre elas, podemos citar o fato de trabalharem fora

de casa e portanto, muitas vezes terem de deixar seus filhos em creches; imitação da classe alta, tratando as crianças com alimentos artificiais; adoção de costumes ocidentais, que mostram o seio da mulher apenas como um objeto sexual e não como fonte de alimento para o filho; uso de mamadeira como um fator de distanciamento da mãe com o filho não desejado.

Durante muitos anos as mulheres foram induzidas, de uma forma ou de outra, a alimentar seus filhos com produtos industrializados, os quais, foram comprovados mais tarde, serem os causadores da desnutrição.

PRODUÇÃO DIMINUI

Se a criança não for colocada a sugar o peito da mãe com maior freqüência, a quantidade de leite diminui, e conseqüentemente, ela não terá alimento suficiente. Nos primeiros dias logo após o parto, é normal ocorrer dificuldades para amamentar a criança. O seio da mãe deve ser preparado com antecedência para não ocorrer engorgitamento ou fissuras, em conseqüência da sucção da mama por parte da criança.

Também não é verdade que existe leite fraco. O que



A amamentação é importante para a criança

existe é uma campanha de venda de produtos artificiais. O que toda a mãe deve fazer é estimular o máximo a sucção da mama, deixando seu filho mamando por mais tempo e mais freqüentemente. Isso fará com que aumente a produção de leite. A utilização de alimentos complementares, como chás, sucos, carnes, frutas, só será necessário após o sexto mês. Se a criança for alimentada somente com leite materno, a mãe deve seguir uma alimentação para produzir cada vez mais leite para seu filho.

Terezinha Weiller
Departamento de Comunicação e Educação - Ijuí

Preparativos para o IV integração

No final de cada ano de trabalho o Departamento de Comunicação e Educação, promove, em conjunto com os núcleos cooperativos de esposas e filhas de associados de toda a Região Pioneira, os Encontros Integração. Esses Encontros, que tiveram início em 1981, na Unidade de Ajuricaba e que já chegaram a reunir, de uma só vez, mais de 1.000 mulheres, como o que aconteceu na Unidade de Santo Augusto no final do ano passado, tem como objetivos dar continuidade aos trabalhos de cooperação e participação da mulher na sociedade e no processo cooperativo.

O IV Encontro Integração, que já está sendo preparado, acontece no dia 7 de novembro, na Unidade de Augusto Pestana, tendo como local o Centro de Treinamento. Vários Encontros, a nível de Unidades da Regional Pioneira começam a acontecer como forma de preparar melhor as mulheres para o Encontro geral. Entre as discussões que acontecem durante todo o dia 7, as mulheres terão de analisar as propostas do III Encontro e juntamente com os Sindicatos, tocá-las para frente.

Mais um curso chega ao fim



O curso foi encerrado com uma exposição dos trabalhos

Mais um encerramento de curso, também de pintura em tecido - técnica molde vazado, pintura à mão livre, carimbo de rolhas e barrados em panos de pratos - aconteceu durante o mês de junho no núcleo de Povoado Santana em Ijuí. Com o encerramento de mais este curso, foi cumprido mais uma etapa do trabalho do Departamento de Comunicação e Educação da Cotrijuí, que tem como uma das suas metas, procurar valorizar e aperfeiçoar o trabalho da mulher rural. No decorrer do curso - 10 aulas ao todo - as 30 participantes receberam orientações técnicas de Lisiane A. da Silva, estagiária de Técnicas Domésticas e ainda de Rosane Ottonelli, comunicadora da Unidade de Ijuí.

No encerramento as participantes aproveitaram a oportunidade e organizaram uma pequena mostra dos trabalhos pintados no decorrer do curso e que

foi visitada pelo pessoal da comunidade. Os moldes de legumes, verduras e frutas - foram confeccionados pelas próprias alunas a partir da orientação das comunicadoras.

Participaram do curso no núcleo de Povoado Santana, Ana Schimanoski, Célia Skalski, Cleci Nair Czizenski, Cláudia Pesybytansz, Elaine Schreiber, Érica Cyzeski, Elza Megier, Gilda Mireski, Irene Zientarski, Irene Przybytowicz, Ivone Rucks, Lenir Jacoboski, Luci Terezinha, Luiza Lucia Przybytowicz, Lídia Schimanoski, Loiva Mireski, Marlene Maria Kosloski, Márcia Rosane Wirzbiski, Maria Siekirsks, Marlene Jacoboski, Nair Terezinha Kosloski, Naria Fátima Jacoboski, Marli Schumann, Neusa Regina Karlinski, Olinda Megier, Rosane Hildebrandt, Helena Rita Kosloski, Tereza Przybytowicz, Sueli Jacoboski e Realda Kopezink.

TROCA-SE ERVAS DANINHAS POR SOJA.



FAZEMOS QUALQUER NEGÓCIO:
NO PLANTIO CONVENCIONAL
PRÉ-PLANTIO INCORPORADO
E PRÉ-EMERGÊNCIA
NO PLANTIO DIRETO
MANEJO E APLICAÇÃO PRINCIPAL



SIGA CORRETAMENTE AS INSTRUÇÕES DO RÓTULO.

É fácil conseguir índices máximos de germinação em laboratório com uma boa semente. Difícil é manter esses índices na terra.

Trate suas sementes de soja com Rhodiauram. E garanta índices germinativos sempre superiores.

Se lhe disserem que uma determinada semente de soja está com índice germinativo de 80% ou mais, acredite. Mas, acredite também que esse índice foi obtido em laboratório. Em condições de umidade, luz e temperatura ideais.

Você sabe que na prática a coisa é muito diferente. Na terra, as sementes nunca irão apresentar vigor germinativo tão bom assim. Isso porque elas encontrarão, no solo, sérios problemas, como falta de umidade, plantio profundo, solo frio, patógenos residentes na terra, patógenos transportados pelas sementes e/ou excesso de umidade em solo frio.

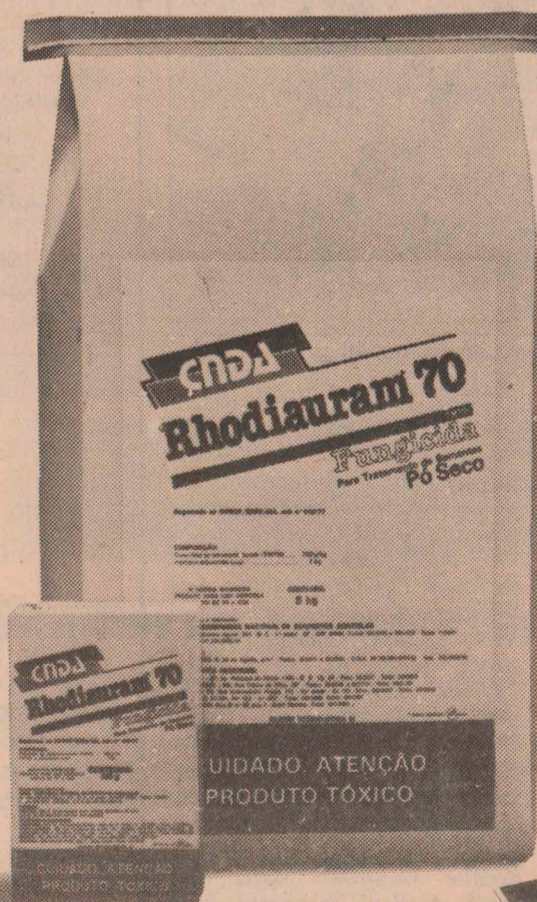
Resultado: as sementes demorarão mais para germinar, estarão mais tempo à mercê das doenças e o stand será drasticamente reduzido.

Diante disso, você só tem duas alternativas para conseguir uma germinação superior. Ou você semeia



mais sementes por hectare. Ou usa Rhodiauram. Rhodiauram é o mais poderoso e econômico fungicida para sementes. Rhodiauram acaba com os fungos patogênicos transportados pelas sementes e os residentes no solo. E que afetam a germinação.

Use Rhodiauram, com ele você vê seu lucro nascer e crescer.

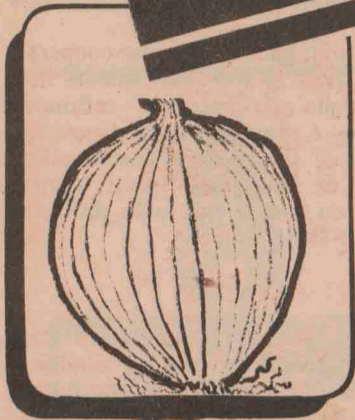


CNDA
CND - Cia. Nacional de Defensivos Agrícolas.
Tecnologia em defensivos

São Paulo - SP: Av. Maria Coelho de Aguiar, 215 - Bloco B - 5º andar - CEP 05804 - Telefones: (011)545-4305 e 545-4310
Telex (011)24441 - Porto Alegre - RS: Rua Florêncio Ygartua, 200 - Conj. 4 - CEP 90000 - Telefones: (0512)22-8759 e 22-0215
Telex (051)1747 - Londrina - PR: Av. Paraná, 343 - 8º andar - Sala 801 - Edifício Satélite - CEP 86100 - Telefone: (0432)23-3443 - Telex (043)2583

LAVOURA DO MÊS

O alho Portela é de maturação tardia e sofre com a concorrência dos inços. Na sua capina deve-se ter muito cuidado, pois qualquer dano à planta provoca seu perfilhamento. A batata, aos 20 dias após a emergência, deve receber Nitrogênio em cobertura e um acheço na terra.

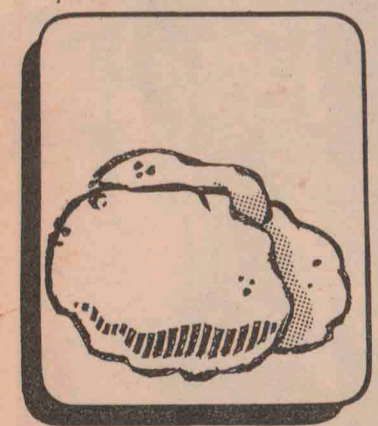


CEBOLA

As lavouras de cebola estão com desenvolvimento bom. Somente em algumas áreas está havendo concorrência com inços que estão prejudicando o desenvolvimento das plantas e que, em função dos períodos chuvosos, não foi possível fazer a capina. Nestas áreas, a partir de agora, já nem mais se recomenda a capina, pois prejudicaria em parte por ferimentos que a enxada provoca às plantas.

As áreas transplantadas ou semeadas mais tarde, podem receber uma cobertura com sulfato de amônio ou uréia, na dosagem de 100 kg/ha. aproximadamente, ou seja, 10 gr por metro quadrado. Lembra-se que isto só é recomendado em lavouras tardias, pois as de época normal estão com bom desenvolvimento e, neste caso, a adubação em cobertura pode prejudicar a qualidade da produção.

O que também se tem observado é a ocorrência de trips, uma praga semelhante a um piolho que se aloja na bainha das folhas e causa o descoramento das folhas, ficando as plantas de aspecto verde pálido e diminuindo o potencial de produção.



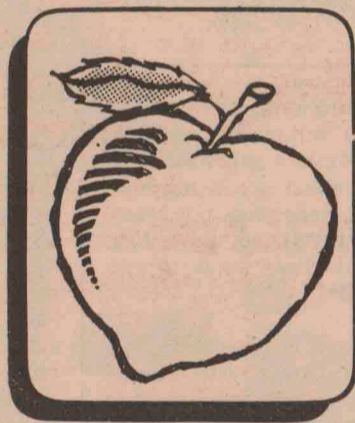
BATATA

As lavouras de batata foram quase todas implantadas durante o mês de setembro, quando as condições climáticas foram favoráveis. As batatas-sementes de boa qualidade (básicas e filhas de básicas) estão ten-

do um desenvolvimento muito bom, mostrando que o vigor da planta está diretamente ligado a qualidade da semente.

Os produtores que usam a técnica de cortar a batata para plantio, também estão observando que esta operação é viável e a emergência das plantas é normal. A próxima prática que deve ser feita agora é a aplicação de Nitrogênio (sulfato de amônio ou uréia), na dosagem de 150 kg/ha de sulfato de amônio ou 80 kg/ha de uréia. Logo após esta operação, faz-se a amontoa, ou seja, junta-se a terra junto as plantas que assim, observando-se esta recomendação certamente haverá um sensível aumento na produção.

Recomenda-se também um especial cuidado em relação às doenças das folhas, para manter um bom padrão de sanidade e assim dar boas condições para o desenvolvimento das plantas.



FRUTÍFERAS

Assim como estimamos no mês anterior, de fa-

to os pessegueiros precoces foram muito prejudicados pela geada e pouco produzirão nesta safra. Os pessegueiros tardios estão com boas perspectivas de produção.

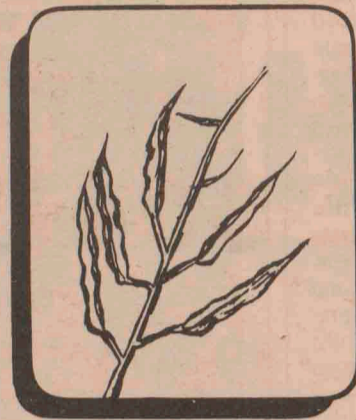
É importante lembrar que as variedades de pêssegos tardios são mais sujeitos a prejuízos pelo ataque da mosca dos frutos, portanto, o cuidado em sua prevenção deve ser mais rigoroso.

As laranjeiras estão com bom florescimento, havendo as condições iniciais para uma boa produção. As frutíferas, de um modo geral, são beneficiadas pela aplicação de Nitrogênio em cobertura nesta época, recomendando-se o uso de 100 g/planta de sulfato de amônio distribuído na projeção (sombra) da copa.

HORTALIÇAS DIVERSAS

A época continua adequada à semeadura das espécies de primavera e verão, como tomate, pepino, vagem, abóbora, moranga, rabanete, cenoura e beterraba. Lembra-se que nesta época devem-se continuar as semeaduras na horta doméstica, para que haja produção durante os meses de novembro e janeiro.

As semeaduras em períodos quentes são sujeitos ao ataque de fungos de solo pelo que se recomenda fazer desinfecção do solo com água quente, que assim os principais problemas já ficam prevenidos.



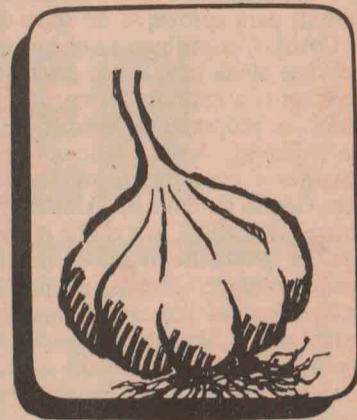
LENTILHAS

As fortes chuvas ocorridas no período inicial de florescimento pode ter afetado e, se o tempo continuar assim ainda prejudicar mais a produção. Igualmente, o tempo chuvoso está provocando acamamento das plantas e ocorrência de doença de folhas.

As variedades precoces cultivadas no CTC já estão na fase de formação dos grãos e praticamente não serão prejudicadas pelas atuais condições climáticas.

ERVILHA

As áreas cultivadas com ervilha estão manifestando bom potencial produtivo. Atualmente estão sendo colhidas no ponto de vagem verde e algumas lavouras serão colhidas nos próximos dias, já no ponto de grão seco. A situação atual das lavouras, apesar de desenvolvidas em ano chuvoso, estão com bom potencial de produção, que nos leva a crer que aumentará o cultivo nos próximos anos, até para cobertura do solo.



ALHO

O alho precoce está iniciando a fase de colheita apresentando um produto de aceitável qualidade. A preocupação atual é com o excesso de chuvas, que normalmente provoca o apodrecimento da capa externa do alho, diminuindo muito o valor comercial. O alho precoce cultivado na região é por natureza pouco protegido externamente, pelo que se recomenda a sua colheita assim que estiver maduro, para então estaleirá-lo em galpões para completar a cura. Os alhos Portela e Roxo estão se desenvolvendo bem, sendo que em algumas lavouras está ocorrendo séria concorrência com os inços, ainda necessitando de capinas.

As capinas somente são recomendadas com muito cuidado para evitar prejuízos à planta, pois se sabe que os alhos tardios são muito sensíveis a qualquer dano no talo, que provoca o perfilhamento e perda do valor comercial.

QUADRO DE ÉPOCAS DE SEMEADURA/VARIEDADES/ÁREA

	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Mai	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Repolho			12 m2 Coração de Bói e Matzukase				12 m2 Matzukase Chumbinho				12 m2 Matzukase Chumbinho	
Couve			12 m2 Manteiga				12 m2 Manteiga					
Rabanete	4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho	
Rúcula	6 m2 Cultivada			6 m2 Cultivada			6 m2 Cultivada			6 m2 Cultivada		
Cenoura			18 m2 Nantes						18 m2 Kuroda			
Alface	12 m2 Kagriner e Maravilha verão		12 m2 Boston Branca e Rainha Mai		12 m2 Boston Branca e Rainha Mai		12 m2 Boston Branca e Rainha Mai		12 m2 Kagriner e Maravilha verão		12 m2 Kagriner e Maravilha verão	
Beterraba			18 m2 Tall Top						18 m2 Tal Top			
Tomate	50 plantas Yokota							50 plantas Kada, P. Gig.				
Pepino	50 plantas Wisconsin							50 plantas Wisconsin			50 plantas Ginca	
Cebola			2.000 plantas Baia Periforme	2.000 plantas Baia Periforme								

COLHEITA DO MÊS: (para quem segue as sugestões do planto do quadro acima): Rabanete, Alface, Couve, Repolho

Uma reforma de transição

Associados têm nova alternativa a debater: as mudanças administrativas

A assembléia realizada dia 28 de setembro, para aprovação do novo estatuto da Cotrijuí, contribuiu também para que evoluísse ainda mais outro debate que começa agora a merecer a atenção dos associados: a proposta de desmembramento das regionais. Após a assembléia, representantes e conselheiros da Pioneira, do Mato Grosso do Sul e de Dom Pedrito discutiram o assunto, que ganha espaço também na pauta de reuniões de núcleos. Assim, vai sendo colocada em prática uma decisão tomada por estes mesmos representantes, no final de agosto em Campo Grande, e que dá prioridade a esta troca de idéias, com a maior participação possível de produtores.

O encontro do dia 28, em Ijuí, deixou claro que as opiniões a respeito da proposta são as mais variadas. As manifestações dos representantes giraram em torno de uma sugestão feita pela comissão de nove membros, com três representantes de cada regional, que se reuniu pela primeira vez na mesma data. Esta comissão (veja no quadro ao lado) também foi criada por deliberação do encontro em Campo Grande, quando as lideranças concluíram que o desmembramento deveria ser estudado mais a fundo, sob a coordenação de um grupo escolhido por representantes das três regionais.

REFORMA

A comissão puxou o debate, pois apresentou aos presentes uma alternativa que, segundo seu coordenador, Antonio Cândido da Silva Neto, de Dom Pedrito, representa a opinião unânime dos seus integrantes. De acordo com a opção oferecida pelo grupo, a Cotrijuí passaria por uma reforma administrativa, antes do desmembramento, com o qual todos os nove representantes concordariam, mas que somente deve acontecer após os ajustes financeiros necessários.

A reforma administrativa consistiria no surgimento de vices-presidentes para cada uma das regionais, que também contariam com um superintendente. Cada um dos vices e dos superintendentes seria eleito por regional, já a partir de março



Grupo de trabalho tem nove titulares e nove suplentes das três regionais

A comissão de representantes

A comissão que irá analisar todos os aspectos relacionados com o desmembramento e, ao mesmo tempo, acolher sugestões, é integrada pelos seguintes representantes: Wagner de Sá Monteiro, Ivo Basso e Remi Eidt, pelo Mato Grosso do Sul; Oscar Vicente Silva, Antonio Cândido da Silva Neto e Leonildo Enor Pötter, por Dom Pedrito; e Alberi Noronha, Celso Sperotto e Benjamin Bandeira, pela Pioneira. Os suplentes são estes: Paulino Stralio e Krin Wiellmaker, pelo MS; Otacilio Severo, Cândido Godoi e Luís Salvador Forsin, por Dom Pedrito; e Antonio Bandeira, Antoninho Lopes e João da Luz, pela Pioneira. A comissão tem como coordenador o associado Antonio Cândido da Silva Neto, de Dom Pedrito, e como relator Alberi Noronha, da Pioneira.

do próximo ano, quando a Cotrijuí escolhe os novos integrantes dos conselhos de Administração e Fiscal. Silva Neto explicou que esta seria uma reforma de transição até o desmembramento, que "deve acontecer sem pressa, para que seja bem assimilado pelos associados".

AUTONOMIA

Na mesma alternativa proposta, a comissão observa que o staff da Cotrijuí, com sede em Porto Alegre, já passaria a atuar de fato como uma Central, sob a coordenação do presidente da Cooperativa. Hoje — disse Silva Neto — cada regio-

nal já possui sua autonomia administrativa, e esta poderia ser melhor exercida com a eleição de vices e superintendentes". Ele explicou ainda que as regionais passariam a ter liberdade para, por exemplo, reforçar sua estrutura administrativa, com a contratação de diretores, de acordo com suas necessidades.

Para a comissão, a nova situação a ser criada pelas reformas, se estas ocorrerem, cumprirá uma etapa intermediária até o desmembramento, servindo inclusive como experiência. No momento em que as regionais fossem desmembradas, a

nova estrutura, para criação das cooperativas singulares, estaria praticamente definida. "O que não podemos — afirmou Silva Neto — é promover as mudanças de forma radical. O produtor precisa estar consciente da decisão a tomar, como ocorreu agora com a aprovação da nova Estrutura do Poder".

DETALHES

É claro que, para a aprovação destas mudanças sugeridas na reforma administrativa, a Cotrijuí teria que realizar outra reforma, em seu estatuto, antes da eleição de março. Também foi esclarecido que esta sugestão deve, como começou a acontecer no encontro do dia 28, passar por uma ampla discussão entre os associados. Ali mesmo, ficou evidente que as divergências existem, mas giram, segundo o presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva, em torno de detalhes (veja abaixo).

Alguns representantes entenderam que a comissão foi apressada, ao apresentar uma proposta, antes de acolher outras sugestões. Outros se manifestaram contra uma reforma de transição, por entender que a comissão deve, desde já, tratar do próprio desmembramento, e não de saídas alternativas. Houve ainda comentários em torno da autonomia pretendida pelas regionais, já que esta autonomia poderia resultar em investimentos e, em consequência, em compromissos que serão assumidos pela Cotrijuí como um todo. Isto porque, de qualquer forma, as regionais continuariam a fazer parte de apenas uma única cooperativa.

A discussão serviu para mostrar que ainda há muito debate pela frente, até o desfecho desta questão que passa a envolver todo o quadro social. Nas reuniões de núcleos que já estão acontecendo, na forma de seminários, na Região Pioneira, todos estes aspectos serão analisados. É provável que antes do final do ano, após esta consulta às bases, muitas sugestões sejam reunidas. O certo é que a decisão a exemplo do que ocorreu com a Estrutura do Poder, ficará com cada um dos associados, através do voto secreto previsto no novo estatuto da Cooperativa.

Estimulando a aproximação

"O desejo de todos os produtores hoje é o de participar o mais de perto possível de todas as decisões que vierem a ser tomadas. Por isso, devemos buscar uma aproximação com o quadro social, e evitar tudo o que possa distanciá-lo destas decisões". A observação é do presidente da Cotrijuí, e foi feita durante o encontro ocorrido no dia 28, após a assembléia extraordinária que aprovou a Estrutura do Poder. Ruben Ilgenfritz da Silva se referia, neste caso, ao debate que começa a crescer, envolvendo a proposta de desmembramento.

Ruben lembrou que a idéia a prevalecer hoje deve ser a de que "o associado precisa ter condições de atuar como um membro ativo e participante de sua cooperativa, e não um simples cliente". Dentro desta idéia é que surgiu a proposta do desmembramento, que leva em conta vários fatores, mas tem como principal argumento a necessidade de se oportunizar esta maior participação do produtor na Cotrijuí. E isso será conseguido, de forma efetiva, com cada uma das regionais tra-

balhando cada vez mais de acordo com a realidade do quadro de associados que reúne.

AUTONOMIA

Ele ressaltou que assim é que "a busca de reformulações internas na Cotrijuí concidem com a busca de alternativas para as atividades do produtor". O desmembramento surge então como forma capaz de fazer com que, atuando com autonomia, cada Regional coloque em prática não só as mudanças administrativas necessárias, mas também projetos que visem o todo, a atividade agropecuária, o processo de produção. Ruben entende que também será assim que "podemos abrir caminho para interferir na política econômica do país e sugerir saídas que sempre terão de levar em conta a agricultura".

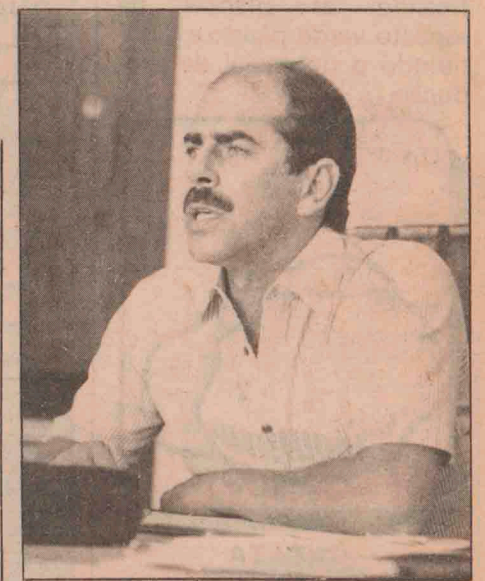
"Mas não queremos que as coisas aconteçam de baixo para cima", disse o presidente da Cotrijuí. Ele enfatizou que a proposta do desmembramento pode ter sido apresentada pela direção, mas não será imposta. "O quadro social é que irá

decidir, assumindo esta atribuição, ou não iremos nunca evoluir, neste momento em que o que se deseja é uma maior participação do associado". Neste debate — disse Ruben — é importante que o produtor tenha acesso às informações que lhe permita avaliar a situação da Cooperativa, "por mais dura que ela seja".

CENTRAL

Ele também comentou aspectos relacionados com a Central, que pode ser criada após o desmembramento, e que terá a função de cuidar de questões de interesse comum das cooperativas singulares que substituirão as regionais. Esta Central não irá investir em atividades econômicas, pois sua tarefa será a de prestar serviços, de atuar como meio de ligação entre as cooperativas, cumprindo também com uma função política.

Para Ruben Ilgenfritz da Silva, o que mais interessa agora é o crescimento da discussão que se estabelece em torno da proposta, com muitas manifestações divergentes. Mas estas divergências de opi-



Ruben: produtor é que vai decidir

niões, já esperadas, não significam — como disse ele — "divergências de objetivos". Ele está certo de que o associado é que saberá encontrar as saídas, e garante: "Não iremos reformular a Cotrijuí em função de pontos de vista que saiam apenas da cabeça de seu presidente".



SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI

O pote de leite

Monteiro Lobato

Com um pote de leite equilibrado sobre a cabeça, Maricotinha seguia pela estrada, fazendo castelos no ar.

— Que bom a Mimosa ter dado tanto leite! Vou vendê-lo na feira e, com o dinheiro que apurar, comprarei uma dúzia de ovos. . . E Maricotinha continuou pela estrada a fora, pensando assim:

“Ponho os ovos para chocar e tiro doze pintinhos. Os pintinhos vão crescendo e se tornam galinhas poedeiras. No mínimo terei mais uns dez mil ovos por ano — já é uma granja! Sem vender a granja, só com a venda dos ovos, posso comprar umas doze porcas e algumas cabritas.

. . . Cada porca há de me dar seis leitões. Cada cabrita,

seu cabritinho e. . .”

E pulando de contente como o próprio cabritinho que via em sonho, Maricotinha tropeçou num toco de pau. Foi a conta! O pote foi ao chão e o leite esparramou-se pintando de branco a estrada esburacada. Maricotinha esfolou o joelho e esfregou os olhos, chorosa! Lá se ia seu castelo pelo ar! Lá se iam embora seus pintinhos amarelos, suas galinhas poedeiras, suas porcas gorduchas, suas cabritinhas alegres. . .

— Mas tenho ainda a Mimosa, pensou a Maricotinha. Amanhã tiro mais leite e vou de novo ao mercado vendê-lo. Só que, desta vez, vou olhar bem por onde ando!



Animais! Animais!

Vamos observar os animais a dormir, a comer, a lavar-se, a vestir-se, a brincar e a lutar.

Como é que os animais dormem?

Há animais que dormem durante o dia e outros que dormem à noite. Uns dormem muito bem deitados em ninhos macios e outros de pé, em cima duma perna só. — Há os que dormem juntos e os que dormem sozinhos. Há animais que passam a noite no alto das árvores e os que dormem de cabeça para baixo. Enfim, é lá com eles. O que é fato é que todos eles dormem e precisam dormir, para ficarem em forma para correr, saltar, nadar, voar ou andar de um lado para o outro.

Como comem?

À mesa todos os animais são gulosos, gostam de petiscos e nunca se atrapalham, pois nascem logo com a colher e o garfo na boca. Uns têm dentes afiados para rasgar, outros para cortar, uns maiores outros menores. Os roedores têm aquela dentuça sempre de fora. Os ruminantes passam horas e horas a ruminar, em vez de mastigarem de uma só vez, com seus dentes achatados moendo e remoendo o capim. A girafa, estica o pescocinho e papa as folhas mais fresquinhas. Pertencem à família dos ruminantes, as vacas, os carneiros, os veados e as cabras.

Os tubarões e os jacarés têm dentes afiados. Mas há também quem não tenha ou não precisa de dentes para nada, como aqueles que se dedicam à caça de formigas, engolindo-as vivas depois de as apanhar com a sua língua comprida e pegajosa. Os sapos também comem tudo sem mastigar e engolem moscas e percevejos inteirinhos, duma só vez. As rãs fazem o mesmo. A boca da baleia é uma espécie de caverna por onde passam toneladas de comida. Quem come sementes tem bico pequeno e forte. O pica-pau tem um bico furador, próprio para retirar os insetos das cascas das árvores. O beija-flor sabe o que é bom. Chupa o doce néctar das flores com o seu longo bico fininho.

Os corvos e as águias têm o bico mais duro e afiado com um gancho na ponta. As andorinhas vão caçando e saboreando os insetos que encontram no ar.



Como se lavam?

Alguns animais gostam de tomar banho. Prático é o elefante que tem chuveiro próprio e, como é muito gordo e sua muito, está sempre a se refrescar.

Os ursos preferem tomar banho de imersão e aproveitam para comer os peixinhos frescos que encontram dentro da água. Limpam-se como os cães e depois do banho, começam a se sacudir. Os pássaros são muito asseados e tomam banho em qualquer poça. Depois, levam horas a pentear as penas e a alisá-las muito certinhas, com o bico. Os gatos não gostam de água nem sequer para lavarem os dentes. Mas de manhã, lambem-se muito bem lambidinhos. Os crustáceos usam as pernas como escovas. Até chega a ser exagero, eles que estão sempre dentro da água, levam o tempo todo a esfregar-se com essas escovinhas de pelo especial que têm nas pernas.

Mas, falando de higiene entre os animais, é preciso que se diga que os mais limpinhos são os mais pequeninos. As moscas, por exemplo, se deixarem acumular pó em cima das suas costas levam carga a mais no voo. Como são prudentes, esfregam-se e escovam-se bem antes de voarem. São realmente os animais pequenos que sofrem mais com a sujeira e que, por isso, gostam de ficar sempre limpos. É só imaginar o que significa para uma pulga ter três ou quatro grãos de pó em cima do corpo. Fica pesadíssima e não pode se mexer, quando vai saltar. Até os peixes se lavam. Há uns que vão regularmente até à foz dum rio onde se lavam até tirarem o sal do corpo e até peles velhas, limos ou algas que foram se agarrando nas suas escamas. Existem alguns peixes que utilizam os serviços de limpeza do camarão. Esta operação é algo complicada: primeiro o peixe nada em cima do camarão que o limpa até ele ficar com a barriga como nova. Depois o camarão sobe nas costas do peixe e vai tirando-lhe toda a sujeira. O hipopótamo e o rinoceronte convidam os pássaros para que lhes façam uma limpeza a seco, com seus bicos. Mas lavar é também brincar e a limpeza mútua é muitas vezes sinal de grande amizade. É só ver os macacos que passam horas esquecidos a catarem-se.

Como se vestem?

Escolher um casaco de peles, uns sapatos de crocodilho, um chapéu de plumas ou um colar de conchas só é problema para nós. Os animais vestem tudo isso de graça e mesmo com muito mais graça. Os peixes usam escamas, que são muitas peças duras e pequeninas e debaixo das quais o animal pode mexer o corpo todo. Os milhões de insetos se protegem com um "tecido" duro, como o caso das formigas e dos gafanhotos.

As joaninhas passeiam por todo o lado, e escondem suas delicadas asas numa espécie de capa e só as tiram de lá na hora de levantar voo. Os animais maiores preferem as peles e as penas. É um traje que pode ser

usado para qualquer época do ano, pois tanto os protege do frio como do calor. Nas noites geladas de inverno, ficam protegidos e não há geada que os arrepie. Dizem que apesar do peso e da espessura dos seus mantos, ainda conseguem sentir no corpo o ar fresco da primavera. . . Aqueles animais que encontramos sem guarda-chuva na mão, nos dias em que chove muito, tem uns casacos especiais, forrados com uma camada interior de óleo que os transforma em gabardine. Mal lhes cai o primeiro pingo de chuva em cima, como o caso do pato e da galinha, que só molham a cabeça e o resto do corpo fica seco. A maioria dos animais não é exibicionista, havendo até muitos que tem a pele manchada. Usam riscas ou bolas para disfarçar ou camuflar os inimigos. O camaleão, por exemplo, quando quer se esconder fica da cor da árvore por onde passa, não havendo quem o descubra, assim tão disfarçado.

A borboleta começa por ser uma lagarta comilona, que depois se esconde na sua casinha a que as pessoas chamam casulo. Uns tempos depois, sai lá de dentro uma linda borboleta vestida de muitas cores. Outros insetos que gostam de se vestir bem, são as abelhas e as vespas. As salamandras e as rãs também usam cores atraentes. Além das "roupas" dos animais, ainda fazem parte alguns extras de que eles precisam para a sua vida de todos os dias. É o caso dos sapatos. Eles não estão dispostos a calçar tênis ou sandálias, e sim pantufas fofas, como o caso do leopardo ou os cascos dos cavalos e outros tipos, de acordo com as necessidades.

O pelicano usa o saco de pescador no bico, o canguri um carrinho de bebê e o esquilo uma bolsa para carregar alimentos. Os animais têm ainda caudas de todos os tamanhos e feitios e cada um usa como lhe dá mais jeito. O esquilo aproveita dele para se equilibrar durante seus saltos, o cavalo faz da sua, um espanta-moscas e os macacos usam-na como um braço a mais. Há outros que deixam os filhotes pendurarem-se na cauda.



Como brincam?

Os animais bebês não têm escolas para aprenderem a brincar. E se tivessem não iam. . . Brincam em casa, na rua, no mato, com muitos e variados jogos, até terem aprendido tudo o que precisam, porque são animais, simplesmente animais. Os gatinhos e os tigres pequenos caçam tudo o que vêm a mexer-se a frente deles, desde as folhas que rodopiam no ar aos irmãos e aos amigos. Às vezes tentam caçar a própria cauda. Quando os pais já os consideram técnicos de caça, mandam-os à vida. . .

Os cachorros preferem o jogo da barra. Os veados jogam "toça e foge". É um jogo que eles inventaram e durante o qual um deles, colocado em cima de um monte tenta, só com as patas, impedir que os amigos subam. Mas, o melhor parque infantil dos animais é o dos macacos. Não lhes falta nada nem escorrega nem balanços; há de tudo, e tudo lhes serve para se pendurarem, subirem, descerem, saltarem, caírem, enfim, fazer macaquices.

Os jovens animais também brincam de guerra. Aprendem atacar, defender-se e a saber desistir desportivamente quando estão a perder. As cabras brincam de patinar. Os patos divertem-se nas quedas de água. Sem medo nenhum, memtem-se na água e brincam de subir e descer até a hora de voltar para casa.

Mas os mais brincalhões, talvez sejam os golfinhos. Fazem surf sem prancha, montam, sem cavalos, nas ondas e equilibram no nariz tudo o que encontram. As pessoas crescidas, que não gostam de brincar, passam a vida a arranjar desculpas para as brincadeiras dos outros. Se vêem as cabras saltar de pedregulho em pedregulho, dizem logo que elas devem estar a fazer aquilo por alguma "razão desconhecida". Se vêem um gatinho atrás de uma bola de lã que apareceu no chão, acusam-no de estar a treinar para o dia seguinte ir à caça. O brinquedo faz parte da vida dos



animais. Brincando eles se tornam realmente animais.

Como lutam?

Alguns adultos que não entendem de animais, tem a mania de dizer que os animais são uns brigões e que passam a vida inteira a lutar uns com os outros. Claro que isto não é verdade e até mesmo aqueles que são classificados de "feras" fogem muito mais do que atacam. São raros os animais que atacam a sério, exceto se tiverem a barriga vazia.

Os animais espertos são os que usam truques para assustar os outros, fingindo que estão zangados. Os sapos começam a inchar, os pássaros esticam as asas, batendo-as com toda a força. Os gatos ficam com o pêlo todo eriçado e sopram com um ar ameaçador. Uns acham que os ruídos é que assustam e outras acreditam mais no ar de zangado e valentão.

Mesmo quando brigam a sério, fazendo um barulho dos diabos, os animais agem de

modo a não matar ninguém e quase sempre são raros os feridos com gravidade. A maioria das lutas trava-se entre a gente da mesma família, pois têm todos os mesmos gostos e precisam das mesmas coisas. Às vezes acontece uma briga danada por causa do melhor ninho ou do maior bocado de comida. Quando encontram uma casa para morar, delimitam bem o seu espaço, marcando as fronteiras e defendendo-as dos que possam chegar atrasados.

Os pardais defendem seu ninho com seu canto mais do que com bicadas. As gralhas são as simpáticas sobrinhas dos corvos. Falam muito e brigam raramente. Durante as poucas vezes em que há um conflito entre duas gralhas, a primeira a sentir-se cansada sopra de leve nas penas do pescoço da outra, que imediatamente para de lutar e começa a fazer-lhe festinhas para a consolar. Os animais não são nada perigosos. Por mais violentos que sejam as batalhas, por mais sofisticadas que sejam as suas armas, nas guerras deles nunca há mortos e atacam sempre com muito poucos feridos ou mesmo sem ninguém ter se magoado. Eles não têm aviões, nem bombas atômicas nem submarinos, nem foguetes.

Ah, animais, grandes animais. Vocês têm muito a nos ensinar. . .

Texto adaptado da Enciclopédia Animais, Animais. Lisboa, 1976 por Irene Lorenzoni Lucchese e com Ilustrações dos alunos da EFA



Animais, nossos amigos

Por que as galinhas não caem do poleiro quando dormem?
As galinhas, como as outras aves têm necessidade de se empenar para dormir. Elas possuem um sentido instintivo do equilíbrio. Adotam uma posição tal, que o peso do seu corpo fica igualmente repartido por ambos os lados do poleiro.

Por que os gatos tem bigode?
Da mesma maneira que nós utilizamos os dedos para tatear, o gato se serve dos seus bigodes para sentir os objetos, o calor, o frio, etc. É por isso que nunca se deve cortar os bigodes de um gato. Ele não poderia mais sentir e tocar nas coisas à sua volta.

Por que o gato ronrona?
O gato faz vibrar as suas cordas vocais, de maneira que o som produzido indica sentir-se o animal satisfeito e feliz. Da mesma forma, a sua cólera e a sua necessidade de alimento se exprimem por outros ruídos, também significativos.

Por que a coruja só pia de noite?
A coruja é uma ave noturna, que dorme durante o dia. Quando a noite cai, ela desperta e vai procurar alimento, caçando no escuro. Solta, então, uma espécie do pio.

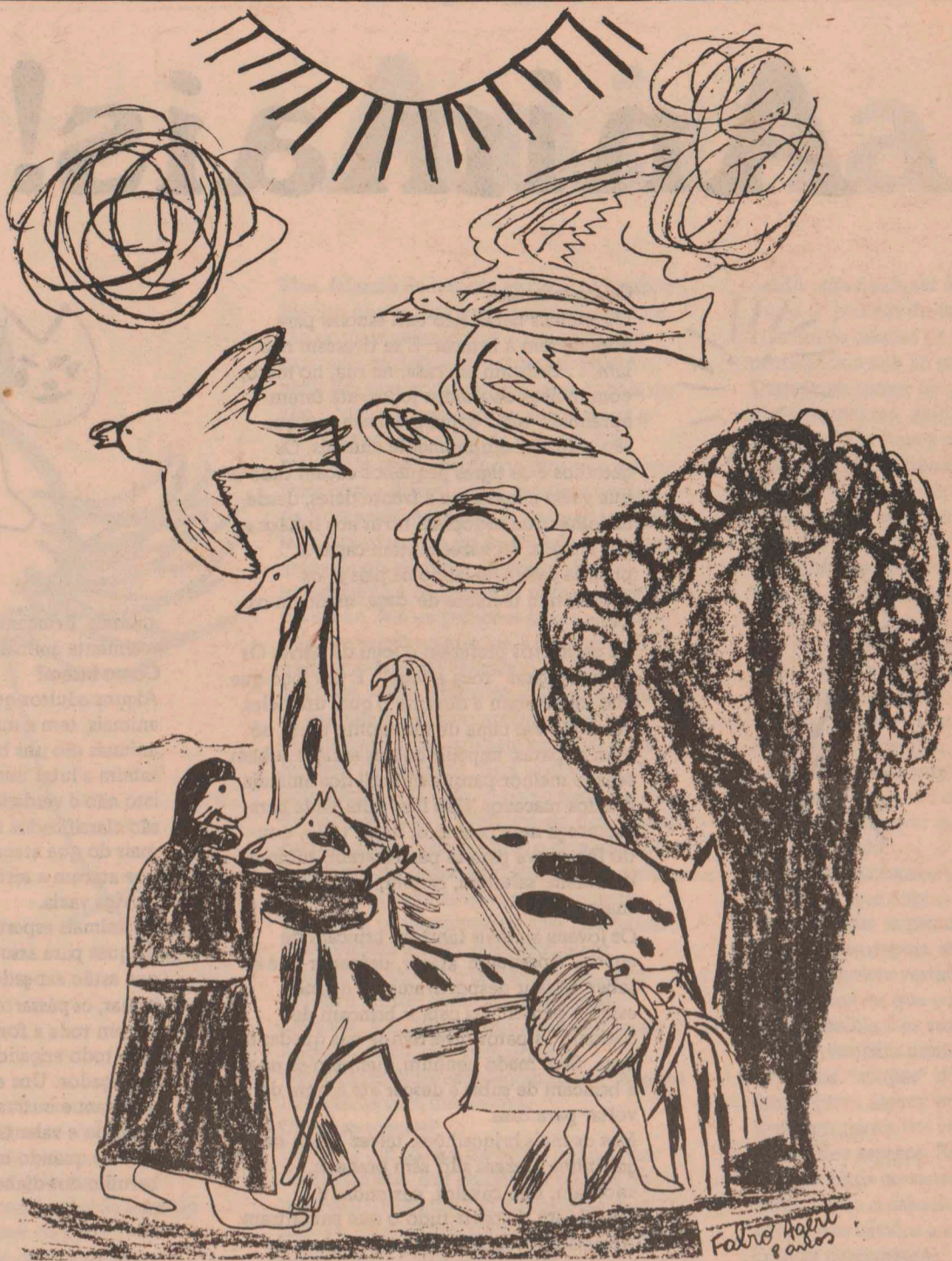
Por que o focinho do coelho está sempre mexendo?
O focinho do coelho mexe porque ele fareja, a fim de achar os seus alimentos ou presentir qualquer perigo que o ameace.

Por que as aranhas fazem teias?
A aranha é um inseto carnívoro, que se alimenta de outros insetos, capturados na sua teia, verdadeira armadilha ardente.

Por que as formigas estão sempre correndo?
A formiga é um animal que vive em sociedade, no seio de uma família muito numerosa. As formigas operárias tem por tarefa prover o formigueiro. Estão sempre apressadas à procura de alimento.

Por que as cigarras cantam?
Nas cigarras, só o macho canta, o qual possui sob o abdômen dois aparelhos musicais, formados por membranas colocadas sob o seu ventre, e que um músculo especial faz vibrar como peles de tambor durante todo o tempo que elas levam para comer. O macho para de cantar com o pôr do sol.

Coleção Por quê?
adaptação Maria Clara Machado



Procure conhecer

- 1 - Um apicultor da localidade que dê informações sobre os hábitos e cuidados com as abelhas.
- 2 - Um criador de animais sobre a utilidade deles para a vida do homem.
- 3 - Um bosque e outros locais para ver as casas dos animais como aves, insetos e outros.
- 4 - Os tipos de animais encontrados na localidade onde você mora.

Caça palavras

O	A	T	O	E	P	R	A	T	O
T	O	R	I	P	I	B	T	A	V
I	M	C	R	E	R	M	O	P	L
M	C	A	B	R	A	A	T	O	R
A	J	V	A	U	L	O	G	R	E
P	M	A	T	I	M	V	A	C	A
O	T	L	C	A	T	O	L	O	P
R	E	O	A	T	U	R	I	E	L
T	G	A	T	O	T	A	N	L	R
B	O	I	A	T	O	P	H	M	U
E	A	C	O	R	U	J	A	O	M
O	T	I	N	H	O	A	R	T	A

No diagrama abaixo tem 10 animais escondidos, vamos achá-los?

Oração de São Francisco de Assis

No dia 04 de outubro comemoramos o Dia Mundial dos Animais, em homenagem à São Francisco de Assis, que se preocupou pelo respeito, carinho, admiração aos animais e à natureza.

É urgente e fundamental que nós conservemos a vida dos bichos e cuidemos do equilíbrio da natureza, coisa que a gente precisa aprender desde criança e com muita rapidez, porque dia a dia eles estão sendo mortos e a natureza destruída.

Também nós queremos render nossa homenagem a este homem, que nos ensinou muitas coisas e deixou sua mensagem:

Todos - Senhor,
Aluno A - Fazei-me o instrumento de vossa paz
Todos - Onde houver ódio;
Aluno B - Que eu leve o amor;
Todos - Onde houver ofensa,
Aluno C - Que eu leve o perdão
Todos - Onde houver discórdia,
Aluno A - Que eu leve a união;
Todos - Onde houver dúvida,
Aluno B - Que eu leve a fé;
Todos - Onde houver erro,
Aluno C - Que eu leve a verdade;
Todos - Onde houver desespero,

Aluno A - Que eu leve a esperança;
Todos - Onde houver tristeza,
Aluno B - Que eu leve a alegria;
Todos - Onde houver trevas,
Aluno C - Que eu leve a luz,
Todos - Ó mestre,
Aluno A - Fazei que eu procure mais consolar
Todos - Que ser consolado.
Aluno B - Compreender
Todos - Que ser compreendido.
Aluno C - Amar.
Todos - Que ser amado.

CAMPANHA ESPECIAL PARA AS CRIANÇAS

Como outubro é o mês da criança, estamos promovendo uma oferta especial da melhor revista infantil do Brasil. "Nosso Amiguinho" é uma revista infantil editada há mais de 30 anos e que, inclusive, pode ser utilizada, tanto pelos pais como pelos professores, na educação das crianças.

PREÇO POR UM ANO: Cr\$ 16.500

Interessados poderão pedir a visita do representante na região através do fone 332-3634, rua São Paulo, 175, Caixa Postal 8, CEP 98.700 - Ijuí/RS.